



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM**

DOMINGOS PINTO DE FRANÇA

**A ENTONAÇÃO NA OBRA *PETER PAN E WENDY*, DE J. M. BARRIE: UMA
PROPOSTA DE LEITURA NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA**

CUIABÁ-MT

2024

DOMINGOS PINTO DE FRANÇA

**A ENTONAÇÃO NA OBRA *PETER PAN E WENDY*, DE J. M. BARRIE: UMA
PROPOSTA DE LEITURA NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Estudos de Linguagem na Área de concentração de Estudos Linguísticos.

Orientadora: Professora Ph.D. Simone de Jesus Padilha.

Coorientador(a): Prof.^a Dr.^a Jozanes Assunção Nunes

CUIABÁ-MT

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

F814e França, Domingos Pinto de.

A entonação na obra Peter Pan e Wendy, de J. M. Barrie: uma proposta de leitura na perspectiva bakhtiniana [recurso eletrônico] / Domingos Pinto de França. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 181 f., il. color., pdf). -- 2024.

Orientadora: Simone de Jesus Padilha.

Coorientadora: Jozanes Assunção Nunes.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Cuiabá, 2024.

Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.

Inclui bibliografia.

1. Entonação. 2. Estudos bakhtinianos. 3. Leitura. 4. Peter Pan e Wendy. I. Padilha, Simone de Jesus, *orientador*. II. Nunes, Jozanes Assunção, *coorientador*. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: A ENTONAÇÃO NA OBRA PETER PAN E WENDY, DE J.M.
BARRIE: UMAPROPOSTA DE LEITURA NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

AUTOR: DOUTORANDO DOMINGOS PINTO DE FRANÇA

TESE DEFENDIDA E APROVADA EM 04 DE JUNHO DE 2024.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

- 1. DRA. SIMONE DE JESUS PADILHA (PRESIDENTE BANCA /
ORIENTADORA)**

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

- 2. DRA. SIMONE DE JESUS PADILHA (ORIENTADORA)**

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

- 3. DRA. CAROLINA AKIE OCHIAI SEIXAS LIMA (MEMBRO INTERNO)**

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

- 4. DR. ANTONIO HENRIQUE MOARES COUTELO (MEMBRO
INTERNO)**

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS

5. MARTA MARIA COVEZZI (MEMBRO EXTERNO)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

6. DR. ROSEMAR EURICO COENGA (MEMBRO EXTERNO)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE DE CUIABÁ

7.DRA. JOZANES ASSUNÇÃO NUNES (SUPLENTE INTERNA)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

8. SEBASTIANA ALMEIDA SOUZA (SUPLENTE EXTERNO)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

CUIABÁ, 04 DE JUNHO DE 2024.



Documento assinado eletronicamente por **SIMONE DE JESUS PADILHA**, **Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 03/07/2024, às 21:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARTA MARIA COVEZZI**, **Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 04/07/2024, às 20:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do

[Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **CAROLINA AKIE OCHIAI SEIXAS LIMA**, **Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 11/07/2024, às 11:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosemar Eurico Coenga**, **Usuário Externo**, em 19/07/2024, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de](#)

[2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **SEBASTIANA ALMEIDA SOUZA**, **Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 19/07/2024, às 14:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6947377** e o código CRC **E3FCD0D1**.

À pessoa que mais me incentivou a seguir em frente em minha longa jornada da vida Antônia Leopoldina de França (*in memoriam*), minha eterna inspiração, querida e saudosa mãe.

À minha sempre incentivadora professora Ph.D Simone de Jesus Padilha.

À minha querida família.

Ao meu companheiro, de todas as horas, David Rosa Dias, sempre a me lembrar que é preciso seguir em frente, independentemente das tempestades da vida.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo a Deus, por me mostrar que a vida só tem sentido se a vivemos plenamente na busca pela realização dos nossos objetivos. Ele é a nossa força, a nossa luz e o nosso Ph.D maior em qualquer das direções que decidirmos trilhar.

Ao Programa da Pós-Graduação em Estudos de linguagem – PPGEL – por me oportunizar a chance tão almejada por todos e que, infelizmente, por questões ora políticas e ora por falta de incentivos financeiros à pesquisa, não é possível de ser estendida a todos que o desejam.

À CAPES, pelo fomento financeiro que possibilita a realização das muitas pesquisas em diferentes áreas do conhecimento.

À Professora Ph.D Simone de Jesus Padilha, pela orientação, confiança e incentivo ao longo da minha jornada acadêmica, desde a graduação, sempre com uma palavra de ânimo para cada um dos passos dados na direção da construção não apenas da minha tese, mas, sobremaneira, de um mundo melhor.

À professora Doutora Jozanes Assunção Nunes, que me abraçou como seu orientando e lançou luz em minha busca da pesquisa, especialmente no aspecto literário, quando ainda eram poucos os caminhos a serem seguidos.

Ao nosso mentor de toda nossa jornada, no campo da pesquisa linguística, **Mikhail Mikhailovich Bakhtin**, a nos apontar os caminhos teóricos como um verdadeiro farol que, a cada leitura e releitura de suas teorias, nos mostra a nossa incompletude sobre o universo linguístico, pois concordamos com ele que a língua é um organismo vivo e dinâmico, portanto, ela está, sempre, em constante renovação. Para além, suas teorias não falam apenas dos aspectos linguísticos de uma língua, mas como podemos utilizá-la da melhor maneira possível para que possamos, a partir da consideração do outro, entender a nós mesmos. Suas teorias nos demonstram que a vida e a arte são partes constituintes de um todo e, ao entrar em contato com elas, nos sentimos mais humanizados.

As minhas eternas professoras e amigas Márcia de Moura Gonçalves e Marta Maria Covezzi, pelo apoio incondicional sempre a me incentivar e mostrar que a jornada não é fácil, mas que a caminhada é possível. Suas palavras e encaminhamentos ficarão para sempre guardados em meu coração.

A todos professores e professoras doutores em diferentes áreas do conhecimento, com os quais tive o privilégio de dialogar e assimilar um pouco do conhecimento de cada um de vocês desde o meu ingresso na graduação, minha eterna gratidão.

A minha família, que como bem sabemos, é a base das nossas conquistas, pois é ela, quem, inicialmente, nos constitui, nos ampara e nos orienta quais os melhores caminhos a serem trilhados. Aos meus pais *in memoriam*. Em especial à pessoa da minha irmã Benedita Pinto de França, tão solícita e tão companheira de todas as horas, bem como suas filhas Lígia Auxiliadora de França Campos e Lívia Maria de França Campos que tanto me compreendem e me auxiliam ao partilhar com elas minhas leituras.

Ao meu companheiro David Rosa Dias. Minhas desculpas por tantas ausências ao longo do processo de construção desta tese. Meus agradecimentos pela ajuda e pelo incentivo para que eu nunca desistisse dos meus objetivos, mesmo nos momentos em que pareciam não ter saída. Você me constitui em cada novo dia, desde o nosso primeiro olhar.

Aos meus amigos da vida, da academia, do trabalho, de toda minha jornada ao longo de toda uma existência feliz, pois vocês sempre foram muito presentes. Não citarei nomes para não cometer nenhuma injustiça.

Ao meu grande e eterno amigo e incentivador Rosemar Eurico Coenga. Desde a academia, no curso de Letras, a me incentivar a buscar o caminho da pesquisa. Desde o primeiro curso de pós-graduação - especialização em Língua Inglesa - estive me apoiando e me orientando quais os melhores autores para a minha ancoragem teórica.

Ao meu amigo de todas as horas Itamar José Bressan. Trocamos muitas experiências dentro e fora da academia e ao sentir que um está desmotivado um simples olhar já é o suficiente para saber que a caminhada da vida é difícil, mas, também, que é possível.

Aos companheiros e companheiras da jornada acadêmica, que tanto contribuíram não apenas no contexto do aporte teórico, mas nas lágrimas e nas alegrias partilhadas em muitos de nossos inesquecíveis encontros dentro e fora da academia.

A todo o corpo administrativo que compõe a Universidade Federal de Mato Grosso, servidores que sempre me acolheram desde a minha graduação até a construção desta tese. Vocês todos e todas fazem parte desta jornada. Meu obrigado especial ao Departamento de Letras, que sempre estive na luta para a construção de um mundo onde as pessoas sejam letradas e tenham menos dificuldades para ler o mundo que as cercam.

“Truth is not born nor is it to be found inside the head of an individual person, it is born between people collectively searching for truth, in the process of their dialogic interaction.”

— Mikhail Bakhtin, *Problems of Dostoevsky's Poetics*

RESUMO

Esta tese tem como objetivo principal analisar a entonação presente nos atos enunciativos, à luz da teoria dialógica da linguagem, utilizando uma obra literária como *locus* de análise. Trazemos o conceito de entonação, das obras do Círculo, a fim de compreender as formas em que ela se apresenta nos diferentes enunciados e sua relação com o arcabouço teórico bakhtiniano, sobretudo com os elementos axiológicos. Como proposta de análise desse aspecto, escolhemos o gênero romance nos enunciados de *Peter Pan e Wendy* (2018), de James Matthew Barrie. Nessa obra, são desveladas as vozes e articulações entre o autor, narrador e personagens, a partir das diferentes situações do enredo que retratam de forma fantasiosa as aventuras do garoto Peter e de membros de uma família inglesa no início do século XX. Buscamos, assim, com o nosso estudo, responder às seguintes indagações: Como o Círculo bakhtiniano desenvolve o conceito de entonação e quais as relações entre esse conceito e o arcabouço teórico que envolve os elementos axiológicos? De que forma J. M. Barrie se utiliza da entonação para inserir sua voz autoral e desenvolver diferentes possibilidades de sentidos nos diálogos entre as personagens? Como se pode estruturar atividades de leitura para o Ensino Médio, a partir das múltiplas possibilidades de realização da entonação utilizando o romance *Peter Pan e Wendy* (2019) e outros enunciados em diálogo? Para a exploração teórica da entonação, propusemos uma fundamentação constituída pelas obras de Bakhtin e o Círculo, sobretudo as contribuições de Mikhail Mikhailovich Bakhtin (2017 [1986], 2016, 2015; 2010, 2006; 1993 e 1995) e de autores comentadores da teoria bakhtiniana como Brait (2005, 2006, 2008), Padilha (2011), Barros (2009), Menegassi (2013), entre outros. Para subsidiar a nossa proposta de leitura a partir do contexto literário, trazemos Candido (1988), Colomer (2007), Coelho (2020), Cosson (2009), Compagnon (2009), Hunt (2010), Larrosa (2002), Todorov (2009) entre outros. A metodologia utilizada foi de base qualitativa, teórica, documental e propositiva, já que, a partir da entonação, trazemos, também, uma proposta para o trabalho da leitura literária em sala de aula. Por ser a entonação um objeto de pesquisa da linguagem dialógica pouco estudado, entendemos que, com a nossa pesquisa, contribuimos para a compreensão deste importante aspecto e, a partir dele, possamos ampliar as capacidades leitoras dos estudantes do Ensino Médio, propondo ao professor uma contribuição para o trabalho de leitura literária utilizando diferentes gêneros textuais. Ao longo da nossa pesquisa, em sua vertente teórica, ao entrar em contato com o conjunto das obras do círculo bakhtiniano em busca do esclarecimento do tema da entonação, foram reunidas muitas considerações relevantes, principalmente no que concerne ao entendimento discursivo da entonação como constitutiva dos enunciados e como elemento fulcral determinante para a compreensão dos sentidos, além de sua releitura em articulação com as camadas axiológicas do enunciado. A partir da obra selecionada para análise, destacamos que o autor J. M. Barrie lança mão de diversas estratégias para marcar a entonação expressiva, cuja análise apontou, enquanto resultado, dez diferentes tipos.

Palavras-chave: Entonação; Estudos bakhtinianos; Leitura; Peter Pan e Wendy.

ABSTRACT

The main objective of this thesis is to analyze the intonation present in enunciative acts, from light of the dialogical theory of language, using a literary work as a *locus* of analysis. We bring the concept of intonation, in the Circle's works, in order to understand the ways in which it presents itself in different statements and its relationship with the Bakhtinian theoretical framework, especially with the axiological elements. As a proposal to analyze this aspect, we chose the romance novel in the statements of *Peter Pan and Wendy* (2018), by James Matthew Barrie. In this work, the voices and articulations between the author, narrator and characters are revealed, based on different situations in the plot that portray in a fanciful way the adventures of the boy Peter and members of an English family at the beginning of the 20th century. Therefore, with our study, we seek to answer the following questions: How does the Bakhtinian Circle develop the concept of intonation and what are the relationships between this concept and the theoretical framework that involves axiological elements? How does J. M. Barrie use intonation to insert his authorial voice and develop different possibilities of meaning in the dialogues between the characters? How can reading activities for high school be structured, based on the multiple possibilities for performing intonation using the novel *Peter Pan and Wendy* (2018) and other statements in dialogue? For the theoretical exploration of intonation, we proposed a foundation made up of the works of Bakhtin and the Circle, especially the contributions of Mikhail Mikhailovich Bakhtin (2017 [1986], 2016, 2015; 2010, 2006; 1993 and 1995) and authors commenting on the Bakhtinian theory such as Brait (2005, 2006, 2008), Padilha (2011), Barros (2009), Menegassi (2013), among others. To support our reading proposal from the literary context, we bring Candido (1988), Colomer (2007), Coelho (2020), Cosson (2009), Compagnon (2009), Hunt (2010), Larrosa (2002), Todorov (2009) among others. The methodology used was qualitative, theoretical, documentary and propositional, since, based on intonation, we also bring a proposal for the work of literary reading in the classroom. As intonation is a research object in dialogical language that is little studied, we understand that, with our research, we contribute to the understanding of this important aspect and, from it, we can expand the reading abilities of high school students, proposing to the teacher a contribution to literary reading work using different textual genres. Throughout our research, in its theoretical aspect, by coming into contact with the set of works of the Bakhtinian circle in search of clarification of the theme of intonation, we were able to gather many relevant considerations, mainly with regard to the discursive understanding of intonation as constitutive of statements and as a central determining element for the understanding of meanings, in addition to their reinterpretation in conjunction with the axiological layers of the statement. From the work selected for analysis, I highlight that the author J. M. Barrie uses different strategies to mark expressive intonation, whose analysis showed, as a result, ten different types.

Keywords: Intonation; Bakhtinian studies; Reading; Peter Pan and Wendy.

RESUME

L'objectif principal de cette thèse est d'analyser l'intonation présente dans les actes énonciatifs, à la lumière de la théorie dialogique du langage, en utilisant une œuvre littéraire comme lieu d'analyse. Nous introduisons le concept d'intonation, dans les travaux du Cercle, afin de comprendre les manières dont il se présente dans différents énoncés et sa relation avec le cadre théorique bakhtinien, notamment avec les éléments axiologiques. Comme proposition d'analyse de cet aspect, nous avons choisi le genre narratif roman et les déclarations de *Peter Pan et Wendy* (2018), de James Matthew Barrie. Dans cette œuvre, les voix et les articulations entre l'auteur, le narrateur et les personnages sont révélées, à partir des différentes situations de l'intrigue qui racontent de manière fantaisiste les aventures du garçon Peter et de membres d'une famille anglaise au début du XXe siècle. Ainsi, avec notre étude, nous cherchons à répondre aux questions suivantes: Comment le Cercle Bakhtinien développe-t-il le concept d'intonation et quelles sont les relations entre ce concept et le cadre théorique qui implique les éléments axiologiques? Comment J. M. Barrie utilise-t-il l'intonation pour insérer sa voix d'auteur et développer différentes possibilités de sens dans les dialogues entre les personnages? Comment structurer les activités de lecture au lycée, en s'appuyant sur les multiples possibilités de réalisation d'intonations à partir du roman *Peter Pan et Wendy* (2019) et d'autres déclarations dans les dialogues? Pour l'exploration théorique de l'intonation, nous avons proposé un fondement théorique basé sur les travaux de Bakhtine et du Cercle, notamment des contributions de Mikhaïl Mikhaïlovitch Bakhtine (2017 [1986], 2016, 2015; 2010, 2006; 1993 et 1995) et d'auteurs commentateurs de la théorie Bakhtinienne comme Brait (2005, 2006, 2008), Padilha (2011), Barros (2009), Menegassi (2013), entre autres. Pour soutenir notre proposition de lecture du contexte littéraire, nous apportons Candido (1988), Colomer (2007), Coelho (2020), Cosson (2009), Compagnon (2009), Hunt (2010), Larrosa (2002), Todorov (2009) entre autres. La méthodologie utilisée est qualitative, théorique, documentaire et propositionnelle, puisque, basée sur l'intonation, nous apportons également une proposition pour le travail de lecture littéraire en classe. L'intonation étant un objet de recherche peu étudié dans le domaine du langage dialogique, nous comprenons qu'avec nos recherches nous contribuons à la compréhension de cet aspect important et que, sur cette base, nous pourrions élargir les compétences de lecture des lycéens, en proposant aux enseignants une contribution au travail de lecture littéraire à l'aide de différents genres textuels. Tout au long de notre recherche, dans son aspect théorique, lorsque nous sommes entrés en contact avec l'ensemble des travaux du cercle bakhtinien en quête d'éclaircissement sur le thème de l'intonation, nous avons pu recueillir de nombreuses considérations pertinentes, principalement en ce qui concerne la compréhension discursive de l'intonation en tant que constitutive des énonciations et en tant qu'élément déterminant central pour la compréhension des significations, ainsi que sa relecture en articulation avec les couches axiologiques de l'énonciation. À partir de l'œuvre sélectionnée pour l'analyse, nous pouvons constater que l'auteur J. M. Barrie utilise différentes stratégies pour marquer l'intonation expressive, dont l'analyse a permis de dégager dix types différents.

Mots-clés: Intonation; Etudes bakhtiniennes; Lecture; Peter Pan et Wendy.

КРАТКОЕ СОДЕРЖАНИЕ

Основная цель данной диссертационной работы - проанализировать интонацию, присутствующую в высказываниях, в свете диалогической теории языка, используя литературное произведение в качестве локуса анализа. Мы приводим понятие интонации в работах Круга, чтобы понять, как оно представлено в различных высказываниях и его связь с бахтинской теоретической рамкой, особенно с аксиологическими элементами. В качестве предложения для анализа этого аспекта мы выбрали романтический жанр в высказываниях «Питер Пэн и Венди» (2018) Джеймса Мэтью Барри. В этом произведении раскрываются голоса и артикуляции между автором, рассказчиком и персонажами, основанные на различных ситуациях сюжета, в причудливой форме изображающие приключения мальчика Питера и членов английской семьи в начале XX века. Поэтому своим исследованием мы стремимся ответить на следующие вопросы: как Бахтинский кружок развивает понятие интонации и каковы отношения между этим понятием и теоретической рамкой, включающей аксиологические элементы? Как Дж. М. Барри использует интонацию, чтобы вставить свой авторский голос и раскрыть различные смысловые возможности в диалогах между персонажами? Как можно построить деятельность по чтению для старшеклассников, исходя из множественных возможностей выполнения интонации с использованием романа «Питер Пэн и Венди» (2019) и других высказываний в диалоге? Для теоретического исследования интонации мы предложили основу, составленную из работ Бахтина и Круга, особенно работ Михаила Михайловича Бахтина (2017 [1986], 2016, 2015; 2010, 2006; 1993 и 1995) и авторов, комментирующих по теории Бахтиниана, такие как Брейт (2005, 2006, 2008), Падилья (2011), Баррос (2009), Менегасси (2013) и другие. Чтобы поддержать наше предложение по чтению из литературного контекста, мы приводим Кандидо (1988), Коломера (2007), Коэльо (2020), Коссона (2009), Компаньона (2009), Ханта (2010), Ларроса (2002), Тодорова (2009.) среди других. Используемая методика была качественной, теоретической, документальной и пропозициональной, поскольку на основе интонации мы вносим и предложение по работе литературного чтения на уроке. Поскольку интонация является малоизученным объектом исследования в диалогическом языке, мы понимаем, что своими исследованиями мы способствуем пониманию этого важного аспекта и, исходя из этого, можем расширить читательские способности старшеклассников, предлагая вклад преподавателя в литературно-читательскую работу с использованием разных текстовых жанров.

Ключевые слова: Интонация; бахтинистика; Чтение; Питер Пэн и Венди.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – As diferentes entonações do “Boa tarde!”	46
Imagem 02 – A tríade que compõe a entonação	60
Imagem 03 – As camadas axiológicas do enunciado.....	61
Imagem 04 – Os elementos constitutivos do extraverbal.....	64
Imagem 05 – Os diferentes enunciados gramaticais do “É ela.”	79
Imagem 06 – As possíveis compreensões de diferentes entonações do “Bom dia”	82
Imagem 07 – Foto de James Matthew Barrie.....	89
Imagem 08 – Peter Pan na visão de Loisel.....	100
Imagem 09 – Quadros de datas e obras para as HQs	101
Imagem 10 – Obra Peter Pan & Wendy	104
Imagem 11 – A entonação no enunciado concreto “sua mula velha!”.....	137
Imagem 12 – Pontos principais do plano de aula.....	151
Imagem 13 – HQ de Régis Loisel	159

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – As duas tendências do pensamento linguístico	34
Quadro 02 – Para uma Filosofia do Ato Responsável (Bakhtin, [1920-1924] 2017)	65
Quadro 03 – Os gêneros do discurso (Bakhtin, [1952-1953] 2011; 2016)	68
Quadro 04 – A construção da enunciação/Outros ensaios (Volóchinov, [1928] 2013)	69
Quadro 05 – A palavra na vida e a palavra na poesia (Volóchinov, [1926] 2019)	71
Quadro 06 – Prática Didática Dialógica dos contos machadianos	106

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FPEDDD - Fio da Prática Educativa da Leitura pela Didática Dialógica

HQs – Histórias em quadrinhos

IBICT - Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia

LDP - Livros Didáticos de Português

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

MEC - Ministério da Educação e da Cultura

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PDD - Prática Didática Dialógica

PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

PISA - *Programme for International Student Assessment*

PMA - Programa Mais Aprendizagem

REBAK - Relendo Bakhtin

RAP - Rhythm and Poetry

UEM - Universidade Estadual de Maringá

UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco

UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro-Oeste

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1 – (RE)VISITANDO OS CONCEITOS BAKHTINIANOS NA PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM	32
1.1 O signo ideológico na perspectiva bakhtiniana	38
1.2 A palavra em Bakhtin	41
1.3 Considerações sobre o enunciado pelo viés bakhtiniano	48
CAPÍTULO 2 - CONCEITO DA ENTONAÇÃO NA PERSPECTIVA DAS TEORIAS DE BAKHTIN E O CÍRCULO	53
2.1 Percepções da entonação nos enunciados.....	56
2.2 A tríade chave para a percepção da entonação.....	58
2.3 As camadas axiológicas do enunciado	60
2.3.1 Situação extraverbal: a parte presumida e a percebida nos enunciados	61
2.3.2 O juízo de valor no contexto do extra emocional	66
2.3.3.O ato emotivo-volitivo para Bakhtin	67
2.4 Os vestígios da entonação nas obras de Bakhtin	68
2.5 A entonação gramatical	78
2.6 O tema e a entonação	80
2.7 A ironia nas obras literárias enquanto parte constitutiva da entonação	84
CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO	87
3.1 Objetivos e questões de pesquisa	87
3.1.1 Objetivos:	87
3.1.2 Questões de pesquisa:	88
3.2 Sobre o autor de nosso objeto de análise James Matthew Barrie	88
3.3 Contribuições de Barrie para a literatura britânica	90
3.4 A obra <i>Peter Pan e Wendy</i> no contexto atemporal	95
3.4.1 – Versões de Peter Pan para o cinema	97
3.4.2 – Versões literárias de Peter Pan	98
3.4.3 – As versões para as histórias em quadrinhos – HQs	99
3.5 A edição de <i>Peter Pan e Wendy</i> selecionada para a nossa análise	104

3.6 Síntese do enredo de <i>Peter Pan e Wendy</i>	105
3.7 A escolha da teoria da entonação para a nossa análise	107
3.8 Metodologia de análise	111
CAPÍTULO 4 – A ENTONAÇÃO NA OBRA LITERÁRIA: <i>PETER PAN E WENDY</i>	114
4.1 A metáfora entoacional do tempo	114
4.2 O cantar do galo e o tique-taque do relógio: imitação de vozes e sons	118
4.3 As entonações dos pais: o Sr. e a Sra. Darling	122
4.4 As interjeições e repetições: estratégias formais da entonação	124
4.5 Percebendo a entonação pelas rubricas	128
4.6 A entonação por intercalação	130
4.7 A entonação de arrogância: a caracterização do personagem Peter Pan	131
4.8 A entonação da fada criando temas: “Sua mula velha!”	134
4.9 A entonação do silêncio	137
4.10 Wendy e a entonação da voz materna	138
CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA LITERÁRIA E UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE DE LEITURA, NÃO ESTRUTURADA, A PARTIR DA OBRA <i>PETER PAN E WENDY</i>	142
5.1 A Literatura de acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC	143
5.2 Proposta de plano de aula de Língua Portuguesa com foco na leitura de obras literárias.....	151
5.2.1 Em busca do fio dialógico: Primeiro Mote da Conversa Inicial	154
5.2.2 Puxando o fio dialógico: o segundo Mote	157
5.2.3 Amarrando o fio dialógico: Terceiro Mote	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
REFERÊNCIAS	174

INTRODUÇÃO

Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.

Candido, 1988

A epígrafe acima, de Candido, leva-nos a uma reflexão sobre um dos acessos mais importantes de uma sociedade: o direito à educação. É esse o pano de fundo maior de nossa tese, cujo olhar se volta para uma das maiores preocupações do sistema educacional brasileiro: os baixos índices apresentados pelos nossos estudantes, tanto das escolas particulares quanto das públicas, demonstrados nos resultados das avaliações oficiais, destacando-se os relacionados ao desempenho em leitura.

Aliamos a posição de Candido à reflexão feita por Compagnon, 2009 sobre o “porquê” e o “como” estudar Literatura¹. “São as duas questões sobre as quais desejo refletir com os senhores nesse momento. Ora o porquê é mais fácil de tratar. Por isso, tentarei responder inicialmente ao como” (Compagnon, 2009, p. 13). Tanto o primeiro quanto o segundo questionamento nos ajudam a pensar o que pode ser feito para que a Literatura possa contribuir com a aprendizagem dos estudantes.

Compagnon (2009) e Hunt (2010) entendem o estudo literário como algo natural e que o mesmo deveria ser obrigatório e, ao responder sobre o “como” se ensinar Literatura, esse autor nos aponta o quanto o aprofundamento desse estudo pode responder a vários questionamentos pertinentes ao estudo de uma língua, apresentando-a como uma ponte que liga o tempo passado ao contemporâneo, já que traz à tona as inúmeras possibilidades de reflexão sobre fatos históricos, representando um recorte temporal de uma dada sociedade, em que os estudantes-leitores podem conhecer para entender sobre o momento histórico em que a obra foi produzida e, ao mesmo tempo, compreender melhor o espaço em que ela se encontra. É, também, o momento em que os estudantes podem estabelecer comparações entre o que leem e a realidade que os cercam. Ainda, sobre a Literatura Compagnon assevera:

¹ Tomaremos o termo Literatura enquanto disciplina do currículo escolar e, portanto, grafaremos com a letra “L” maiúscula para dar a ela o devido valor que lhe cabe.

A tradição teórica considera como *una e própria*, presença imediata, valor eterno e universal; a tradição histórica encara a obra como *outro*, na distância de seu tempo de hoje e de ontem, falar-se-á de *sincronia* (ver as obras do passado como se elas nos fossem contemporâneas) e de *diacronia* (ver ou tentar ver as obras como o público ao qual elas foram destinadas). Uma oposição vizinha é a da *retórica* ou da *poética* por um lado, e da *história literária* ou da *filologia* por outro: retórica e poética se interessam pela literatura em sua generalidade a fim de deduzir regras ou mesmo leis (a imitação, os gêneros, as figuras); história literária e filologia se apagam às obras no que elas têm de único e de singular, de irredutível e de circunstancial (um texto, um autor), ou no que elas têm de serial (um movimento, uma escola), e explicam-nas por seu contexto” (Compagnon, 2009, p. 14, grifos do autor).

Coadunamos com Compagnon que o estudo das obras literárias deve ter um olhar diferenciado, especialmente no contexto da sala de aula. Ao selecionar uma obra para estudo junto aos seus estudantes, o olhar do professor deve estar aguçado tanto sincrônica quanto diacronicamente, para que ela não se resuma em apenas um texto para preencher o espaço da aula sem o seu devido valor histórico. Ao fazer tal seleção, é preciso atentar-se, segundo Compagnon, para os aspectos que ela irá desencadear durante sua discussão em sala de aula: “[...] Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é útil para a vida? Por que defender sua presença na escola? Uma reflexão franca sobre seus usos e o poder da literatura parece-me urgente” (Compagnon, 2009, p. 20). Todos esses questionamentos são extremamente pertinentes em relação a aprendizagem.

Sobre tais perguntas, percebe-se que ao entrar em contato com as obras literárias, elas podem transmitir valores, evocar sentimentos, ideias e visões de diferentes mundos e também possuem o poder de influenciar a forma como as pessoas pensam e agem. Elas podem, portanto, ser consideradas e utilizadas como ferramentas capazes de promover mudanças, estimulando a reflexão e o debate sobre aspectos sociais e políticos de uma sociedade.

Quanto ao lugar que ela deve ocupar no espaço público, entendemos, dentro de nosso estudo, que esse espaço primordialmente é o da escola. O contexto escolar é capaz de possibilitar espaços que permitem elaborar e reelaborar a visão de mundo e da subjetividade dos aprendizes. Ao ler o texto literário, os estudantes têm a chance de entrar em contato com uma nova linguagem, com a qual não estão habituados em seu cotidiano e, a partir daí, se tornar capazes de dilatar e reverberar os sentidos das palavras, de organizar os eventos que acontecem na história e, também, de vislumbrar outras perspectivas, olhares, mundos, para além daqueles lugares em que estão circunscritos.

Ao ler uma obra literária, abre-se um espaço de transgressão, ou seja, de desvio daquilo que é ordinário na vida dos aprendizes para novas direções, possibilitando, assim, o encontro

deles com eles mesmos e com o outro. O trabalho dos professores para formar leitores, permite que esse encontro aconteça, apresentando um novo horizonte a partir de uma experiência estética e sensível. Esse poder de percepção da arte possibilita ao leitor o desenvolvimento de sua empatia para, assim, compreender melhor o outro. A prática da leitura literária nos auxilia a apurar o nosso poder de cognição e de comunicação com o outro e, ao mesmo tempo, contribui substancialmente para a construção de valores importantes de uma sociedade.

Refletindo sobre todos esses questionamentos apontados por Compagnon, reafirmamos que a leitura literária é vital para o desenvolvimento de uma sociedade, portanto, deixar de lado o valor da Literatura significa ignorar todo o potencial que ela pode propiciar à humanidade. Ainda sobre a importância da leitura e da cultura literária, trazemos mais um trecho desse autor:

Lemos, mesmo se ler não é indispensável para viver, porque a vida é mais cômoda, mais clara, mais ampla para aqueles que leem que para aqueles que não leem. Primeiramente, em um sentido bastante simples, viver é mais fácil [...] para aqueles que sabem ler, não somente as informações, os manuais de instrução, as receitas médicas, os jornais e as cédulas de voto, mas também a literatura. Além disso, supôs se por muito tempo que a cultura literária tornasse o homem melhor e lhe desse uma vida melhor (Compagnon, 2009, p. 20).

Compagnon também acrescenta um interessante pensamento de Francis Bacon:

A leitura torna o homem completo, a conversação torna o homem alerta e a escrita torna o homem preciso. Eis porque, se o homem escreve pouco, deve ter uma boa memória; se fala pouco, deve ter a mente alerta; e se lê pouco, deve ter muita malícia para parecer que sabe o que não sabe (Compagnon, 2009, p. 20).

Tanto Compagnon quanto Bacon entendem a leitura como um advento capaz de transformar aquele que pouco sabe em alguém capaz de perceber o mundo que o cerca. É a possibilidade de aprender com o outro, a partir do conhecimento adquirido ao longo da vida do leitor. Ao estabelecer comparações sobre o espaço em que se encontra com o do outro, ainda que se trate de uma ficção, a vida tende a mudar. Nesse sentido, o estudo literário, ancorado em boas obras, é capaz de levar o leitor para mundos inimagináveis sem sair do local onde ele se encontra enquanto lê.

Trazemos, nesta mesma linha, Tzvetan Todorov, que nos recorda das razões da Literatura em sua vida:

Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver. Não é mais o caso de pedir a ela, como ocorria na adolescência, que me preservasse das feridas que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais; em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las. [...] Mais densa e mais eloquente que a vida

cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nosso país, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (Todorov, 2009, p. 23-24).

A partir da visão de Todorov, 2009 é possível inferir que o estudo literário é mais abrangente do que apenas a leitura de deleite, pois seu objetivo principal está ancorado em trazer a criticidade para que os estudantes possam refletir acerca da vida deles e das condições humanas que cercam suas vidas. Contudo, seu ensino na escola parece ser um “reflexo de uma mutação corrida no ensino superior”, que vem se constituindo a partir de duas balizas, “uma abordagem interna (estudos das relações dos elementos da obra entre si)” e uma “abordagem externa (estudo do contexto histórico, ideológico, estético)” (Todorov, 2009, p. 36). Assim, o que pesa ao professor é decidir entre os estudos literários ou os estudos das obras, já que sua formação acadêmica privilegia o primeiro. Parece que esse é o contexto também da escola brasileira em relação à Literatura:

No ensino superior, é legítimo ensinar (também) as abordagens, os conceitos postos em prática e as técnicas. O ensino médio, que não se dirige aos especialistas em literatura, mas a todos, não pode ter o mesmo alvo; o que se destina a todos é literatura, não os estudos literários; é preciso então ensinar àquela e não estes últimos. O professor do ensino médio fica encarregado de uma das mais árduas tarefas: interiorizar o que aprendeu na universidade, mas, em vez de ensiná-lo, fazer com que esses conceitos e técnicas se transformem numa ferramenta invisível. Isso não seria pedir a esse professor um esforço excessivo, do qual apenas os mestres serão capazes? Não nos espantemos depois se ele não conseguir a contento (Todorov, 2009, p. 41).

Para além da formação do professor e de sua posição pedagógica sobre o ensino da Literatura, Todorov, 2009 nos enfatiza, da mesma forma, que a leitura deve ser sempre encorajada, e indo ao encontro desse pensamento é que entrevemos nossa pesquisa envolvendo *Peter Pan e Wendy* (2018):

[...] É por isso que devemos encorajar a leitura por todos os meios – inclusive a dos livros que o crítico profissional considera com condescendência, se não com desprezo, desde os *Três Mosqueteiros* até *Harry Potter*: não apenas esses romances populares levaram ao hábito da leitura milhões de adolescentes, mas, sobretudo, lhes possibilitaram a construção de uma primeira imagem coerente do mundo, que, podemos nos assegurar, as leituras posteriores se encarregarão de tornar mais complexas e nuançadas (Todorov, 2009, p. 82).

Podemos articular à nossa discussão sobre a leitura que os índices apontados pelos resultados insatisfatórios do Brasil no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA - 2022- “Programme for International Student Assessment”² -, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE -, divulgados pelo portal do Ministério da Educação e Cultura - MEC - refletem o quanto precisamos jogar luz nessa temática para que juntos possamos encontrar soluções para esse problema.

Ao avaliar os resultados do desempenho dos estudantes no Brasil, o MEC aponta para um desempenho pífio em relação aos países que estão em situação econômica igual à brasileira e, também, daqueles com situação econômica abaixo da do Brasil e que o superaram em seus índices avaliativos, pois os nossos aprendizes apresentaram na avaliação da leitura, que é o nosso foco, apenas 410 (quatrocentos e dez) pontos, enquanto que países membros da OCDE apresentaram índices de 476 (quatrocentos e setenta e seis) pontos, portanto 66 (sessenta e seis) pontos aquém do esperado minimamente. A situação complica ainda mais se observado o desempenho da rede estadual que ficou em 402 (quatrocentos e dois) e as municipais com apenas 331 (trezentos e trinta e um) pontos, abaixo da média nacional, o que justifica nossa preocupação em relação a esses resultados. Vejamos alguns dados comparativos complementares:

Leitura – O Brasil teve o desempenho médio de 410 pontos em leitura. A pontuação é estatisticamente inferior à média do Chile (448) e Uruguai (430), mas superior à da Argentina (401). Não há diferença estatisticamente significativa entre a média brasileira, da Colômbia (409) e do Peru (408).

Dos estudantes brasileiros, 50% tiveram baixo desempenho nesta disciplina (abaixo do nível 2). Entre os países membros da OCDE, o percentual dos que não atingiram este nível foi de 26%. Apenas 2% dos brasileiros atingiram alto desempenho em leitura (nível 5 ou superior). Nos países da OCDE, a concentração foi de 7% (Portal do Ministério da Educação e Cultura, dezembro de 2023).

² “Realizado a cada três anos pela OCDE, o Pisa é um estudo comparativo internacional que avalia os conhecimentos e as habilidades em matemática, leitura e ciências dos estudantes na faixa etária de 15 anos (idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países). O Inep é o responsável pelo planejamento e pela operacionalização da avaliação no Brasil — que participa desde a primeira edição, realizada em 2000. Trata-se do maior estudo comparativo do mundo. [...] A aplicação no Brasil foi digital, com exceção dos questionários dos pais dos discentes. Ao todo, 81 países foram avaliados. Participaram 10.798 estudantes de 599 escolas das redes pública e privada”. Portal do Ministério da Educação: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/dezembro/divulgados-os-resultados-do-pisa-2022>. Acesso em 05 fevereiro 2024.

Esses índices demonstram a urgência em se pensar políticas educacionais que possam mudar positivamente esses resultados, pois se os estudantes demonstram dificuldades no desempenho da leitura, no âmbito geral, imaginamos que isso se agrava ao se tratar de leitura literária, criando um grande desafio para a escola, para as políticas públicas e para os pesquisadores em leitura e educação literária.

Queremos, já de imediato, deixar claro que não estamos buscando culpados e que conhecemos a realidade da educação brasileira em todos os seus aspectos, uma vez que o pesquisador desta tese faz parte dessa realidade e conhece de perto os entraves que impedem os nossos aprendizes brasileiros de ter melhor desempenho. Acreditamos que a má distribuição de renda é um dos fatores mais agravantes e, assim, concordamos com a posição de Candido ao afirmar que, no Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria” (Candido, 1988, p. 171). Referindo-nos, novamente, ao texto “O Direito à Literatura”:

Nesse ponto as pessoas são frequentemente vítimas de uma curiosa obnubilação elas afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégios de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoievsky ou ouvir os quartetos de Beethoven? Apesar das boas intenções no outro setor, talvez isto não lhes passe pela cabeça e não por mal, mas somente porque quando arrolam os seus direitos não estendem todos eles ao semelhante. Ora, o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos (Candido, 2011, p. 174-175).

Candido entende que, para que exista acesso dos seres humanos a todos bens, é preciso que exista o espírito da luta desses direitos, e neles também devem ser incluídas as garantias do acesso ao conhecimento literário:

Por isso, a luta pelos direitos humanos pressupõe a consideração de tais problemas, e chegando mais perto do tema eu lembraria que são bens incompreensíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompreensíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura (Candido, 1988, p. 176).

Além desse importante aspecto que Candido destaca do direito de todos à leitura literária, Cosson, 2009 em sua obra *Letramento Literário*, afirma que é preciso deixar de lado a ideia de que ler é um ato solitário, pois, ao ler, estamos em plena interação com o autor dos

mais diferentes gêneros literários. Nesse sentido, o aspecto social da leitura é evidenciado. Em suas palavras:

Outra pressuposição é que ler é um ato solitário. Por isso, não haveria sentido em se realizar a leitura na escola, porque seria desperdiçar um tempo que deveria ser usado para aprender. É claro que tal afirmação não leva em consideração outras formas de leitura que não a silenciosa, pois a oral tende a ser um ato transitivo, posto que a voz se eleva para outros ouvidos. No sentido de que lemos apenas com os nossos olhos, a leitura é, de fato, um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário. O trocadilho tem por objetivo mostrar que no ato da leitura está envolvido bem mais do que o movimento individual dos olhos. Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço (Cosson, 2009, p. 97).

Ao fazer o trocadilho entre o fato de a leitura ser um ato solitário e a interpretação ser um ato solidário, compreendemos que o ato de ler é o ato de constituir e compartilhar sentidos, pois o leitor, ao entrar em contato com uma obra, aciona, inevitavelmente, seus conhecimentos axiológicos, promovendo uma relação entre ele e o autor do texto. Assim:

Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz sentido para mim. É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa. Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo, é o jeito essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto. O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário (Cosson, 2009, p. 97).

Ao falar sobre os sentidos que o texto pode provocar entre o mundo do leitor e o mundo do outro, ou seja, aquele que entrará em contato com o texto, inevitavelmente, passamos a recordar como foram as nossas primeiras sensações quando passamos a fazer parte do mundo dos letrados. Como professores, essa sensação permanece uma constante, pois o progresso feito pelos aprendizes são capazes de demonstrar o quanto o ato de ler nunca será um ato solitário, mas sim repleto de muitas vozes a compartilhar os pensamentos do autor.

O meu contato com a leitura, enquanto leitor de obras, tem início ainda em minha tenra infância. Ao observar meus irmãos mais velhos fazendo a leitura de Histórias em Quadrinhos - HQs - comecei a despertar para compreender o que a magia das letras poderia me proporcionar. Quando estudante, a ideia de levar as HQs para a sala de aula era inconcebível, pois o estigma

da leitura “sem importância” ainda perdurava sobre elas e, portanto, levá-las para a escola era certeza de tê-las confiscadas pela coordenação.

Já no contexto acadêmico, começo a ter contato com a leitura apresentada pelos enunciados nos livros didáticos nas escolas por onde passei, situação característica da maior parte dos estudantes brasileiros que não dispõem de obras literárias em suas residências³.

Ao terminar a Educação Básica, entrei para o curso de Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa, onde um verdadeiro *tsunami* de obras me foram apresentados, por indicações de professores e de um vendedor de livros que, ao abordar os colegas de curso, em uma certa rampa de acesso às salas de aula, plantou as sementes que reverberariam no futuro de muitos colegas que ainda tinham uma longa jornada de estudos após a graduação. Ao mostrar as obras aos transeuntes, ele, na verdade, despertou em cada um dos seus clientes e amigos os pesquisadores que ali estavam adormecidos, a quem ele soube, carinhosamente, como apresentar a importância de se entrar em contato com os mais diferentes gêneros literários. Após formado, cursei uma especialização em Língua Inglesa e em Filosofia, e outra graduação em Direito. Este universo vasto e diverso me influenciou muito como leitor e me preparou para a atuação profissional como professor e para prosseguir meus estudos na pós-graduação.

Desde esse período, iniciei o trabalho como professor em escolas públicas de Cuiabá e Várzea Grande, bem como em outras localidades, nas disciplinas de Língua Inglesa e Língua Portuguesa, onde tive a chance de vivenciar muitas experiências como educador e também em outras áreas de atuação como funcionário da *Fédération Internationale de Football Association* - FIFA. Infelizmente, as ações burocráticas que nos são impostas, como professores, não nos proporcionam tempo para refletir sobre os resultados exitosos que acontecem em nosso ofício. Sobre essas experiências, citarei duas delas das quais muito me orgulho.

A primeira é de quando fui ministrar um curso de imersão em Língua Inglesa, no IFMT da cidade de Alta Floresta, e lá me deparei com o diretor geral, que atualmente é o reitor dessa instituição, e que me recordou, com grata satisfação, o quanto meus conselhos o auxiliaram a ser um bom orador, e que nunca se esqueceu do fato de eu ter me preocupado em orientá-lo a como se dirigir às pessoas enquanto falava com elas (a época ele pleiteava o cargo de presidente do grêmio estudantil). Outro aprendiz, desse mesmo período em que lecionei em uma escola pública por três anos na cidade de Várzea Grande, é o coronel da Polícia do estado de Mato

³ Os dados da última edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (Instituto Pró-livro, 2019), apontam que 30% do material lido pelos brasileiros são textos escolares, sendo 27% livros didáticos. (Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/>; acesso em 05 de maio de 2024).

Grosso, atualmente deputado federal, que o encontrei em uma manifestação do sindicato dos professores - SINTEP - e, ao me perceber, em meio aos manifestantes, veio falar comigo e me reconheceu como alguém de grande importância para que ele pudesse chegar onde chegou. Nesse período, nossos encontros eram profícuos, pois tive o privilégio de trabalhar com eles duas disciplinas: Língua Inglesa e Literatura, quando ela ainda tinha *status* de disciplina separada da Língua Portuguesa.

Sobre refletir a partir de nossas experiências, concordamos com Larrosa sobre:

[...] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2002, p. 24).

Ainda para Larrosa, as experiências que vivenciamos passam a fazer parte de nossas vidas e, dado ao aceleramento da vida cotidiana, não temos tempo de parar para observar as transformações que vivemos e que provocamos na vida do outro. Para esse autor:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e nos submetendo a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (Larrosa, 2002, p. 25).

Toda essa experiência de transformação, citada por Larrosa, tem feito parte de minha vida enquanto educador. Ao ingressar no mestrado em 2016, optei por pesquisar a temática da “Argumentação”, pois, além do interesse despertado pelo tema no contato com o curso de Direito e a especialização em Filosofia, como professor, me incomodava muito o fato de os estudantes encontrarem tanta dificuldade na produção textual oral ou escrita, na defesa de uma ideia, na preparação de argumentos ou mesmo reconhecer simples estratégias argumentativas em textos lidos por eles.

Assim, por também já ter entrado em contato com os estudos bakhtinianos ao ingressar no Grupo de Pesquisa Relendo Bakhtin, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, desenvolvi a dissertação intitulada UM OLHAR BAKHTINIANO SOBRE A PRODUÇÃO ESCRITA DE ESTUDANTES DO

ENSINO MÉDIO: PROCESSOS ARGUMENTATIVOS, defendida em 2018, em que propus um trabalho com foco na escrita para estudantes do Ensino Médio a partir da abordagem de gêneros na perspectiva bakhtiniana.

Concluídos os estudos do mestrado, a inquietação continuou e, em aulas com os meus colegas da pós graduação que já faziam o doutorado, e em nossos encontros para reler as obras de Bakhtin - REBAK -, me chamou muito a atenção a discussão sobre o tema da “Entonação”, tópico de muitas discussões em nossas aulas, na “busca pelos sentidos dos enunciados”. Dessa forma, nasceu o desejo de trazer a lume esse aspecto na teoria bakhtiniana, vinculado ao objetivo de ampliar o acesso à leitura dos estudantes.

Assim, na proposta de pesquisa doutoral, escolhi como *lócus* para observação do fenômeno da entonação e inspiração para a leitura do texto literário a conhecida obra *Peter Pan e Wendy*,⁴ 2018 de James Matthew Barrie, escrita no início do século XX. Essa obra foi originalmente pensada como texto para ser encenado no teatro. Depois de algum tempo de sucesso, ela passou a ganhar *status* de obra escrita, enquanto gênero romance. Para a composição dos nossos corpora de análise da pesquisa, entendemos importante salientar que a obra já se encontra em domínio público. Utilizamos aqui a versão disponibilizada enquanto livro digital pela D. M. - MOJO em 2018, traduzida do texto de 1911.⁵

Em nossa análise metodológica, voltaremos para os “valores” sociais de uma época em que a obra *Peter Pan e Wendy*, 2018 de J. W. Barrie, faz um recorte “temporal” e demonstra, a partir dela, como era composto aquele “espaço” que a constituiu. Sabe-se que sociedade inglesa retratada no romance era marcada por uma profunda divisão social, composta pela aristocracia, oriunda de uma nobreza decadente mas ainda detentora de privilégios, pela classe média que, apesar de não ter as condições financeiras, fazia questão de demonstrar um padrão de vida condizente com os hábitos daqueles que tinham condições, aparentemente, demonstrando que se pareciam com a aristocracia vigente e a classe trabalhadora, empobrecida e sem direitos, que crescia vertiginosamente à medida do incremento do processo de industrialização e urbanização.

Sobre a nossa fundamentação teórica, foi necessária a investigação nas obras de Bakhtin e, também, dos autores que compõem o Círculo, bem como de outros autores e comentadores

⁴ Utilizaremos o nome da obra *Peter Pan e Wendy* escrito em itálico, ao longo da tese, para fazer a distinção com o nome dos protagonistas do romance Peter e Wendy.

⁵ O livro digital está disponível no site da Editora Mojo, no endereço <https://mojo.org.br/ebook/peter-pan-wendy/#>. A edição é de 2018 (1ª edição), traduzida do texto de 1911, por Gabriel Naldi e ilustrada por André Ducci.

da área de estudos bakhtinianos, pois ainda são poucos os trabalhos que versam sobre a temática da entonação e/ou sobre o romance de *Peter Pan e Wendy*, 2018 articuladamente aos estudos bakhtinianos. Entre um dos trabalhos que unem Bakhtin e Peter Pan, podemos citar a dissertação de mestrado de Mattos, 2019 defendida no Programa de Pós-graduação e Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, intitulada LEITURA EM (DIS)CURSO: UMA PROPOSTA DIALÓGICA PARA ANÁLISE DA OBRA *PETER PAN E WENDY*, DE J. M. BARRIE. Na pesquisa, Mattos busca evidenciar “as vozes que habitam o discurso do narrador na obra *Peter e Wendy*, e que, na perspectiva bakhtiniana, proporcionam uma leitura que reconheça as fronteiras entre o discurso do *eu* e do *outro*” (Mattos, 2019, p. 7). Em uma busca na base de teses e dissertações da CAPES e no banco de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD, do Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia (IBICT), no período dos últimos 5 anos (2019-2023), não foram encontrados nenhum outro trabalho explorando a obra *Peter Pan e Wendy*, 2018 a partir dos estudos bakhtinianos.

Assim, busquei, no decorrer da pesquisa, vasculhar a teoria bakhtiniana e suas proposições sobre dialogismo, a concepção de linguagem como interação e enunciado, a fim de perceber como o círculo bakhtiniano compreende a entonação. Para tanto, buscamos ancoragem teórica em vários textos de Volochínov, como *Marxismo e Filosofia da Linguagem* ([1929]2019), *A palavra na vida e a palavra na poesia* ([1926]2018), e de Bakhtin, como *Os gêneros do discurso* ([1952,1953]2016) e *Discurso no romance* ([1934-1935] 2014; 2015), além de outros autores comentadores da obra bakhtiniana.

Levando-se em conta todos esses aspectos, apresentamos os nossos objetivos de pesquisa:

- 1) Explorar o conceito de entonação nas obras do Círculo, a fim de compreender as formas em que a entonação possa estar presente nos diferentes enunciados e sua relação com o arcabouço teórico bakhtiniano, sobretudo com os elementos axiológicos;
- 2) Analisar o romance *Peter Pan e Wendy*, 2018 sob o ponto de vista da entonação, desvelando as vozes e articulações entre o autor, narrador e personagens, a partir das diferentes situações do enredo;
- 3) Propor, a partir da exploração dos aspectos entonacionais no romance, atividades de leitura para o Ensino Médio, com vistas a ampliar as capacidades leitoras dos estudantes no que tange aos aspectos discursivos dos enunciados.

Para atingir tais objetivos, enunciamos as seguintes questões de pesquisa:

- 1) Como o Círculo bakhtiniano desenvolve o conceito de entonação e quais as relações entre esse conceito e o arcabouço teórico que envolve os elementos axiológicos?
- 2) De que forma J. M. Barrie se utiliza da entonação para inserir sua voz autoral e desenvolver diferentes possibilidades de sentidos nos diálogos entre as personagens?
- 3) Como se pode estruturar atividades de leitura para o Ensino Médio, a partir das múltiplas possibilidades de realização da entonação utilizando o romance *Peter Pan e Wendy*, 2018 e outros enunciados em diálogo?

Os achados da pesquisa, neste relato de tese, foram organizados da seguinte forma:

No primeiro capítulo, são apresentados os conceitos básicos de Bakhtin e o círculo sobre os estudos relacionados à entonação. De forma mais ampla, busquei apresentar como esses conceitos permeiam suas obras e como estas contribuições teóricas podem ser utilizadas para ampliar a compreensão dos sentidos advindos na leitura dos enunciados literários.

No segundo capítulo foi feito um estudo, mais detalhadamente, das obras do Círculo, apresentando as teorias relacionadas à entonação. Foram destacadas algumas das obras em que essa teoria aparece, não necessariamente a partir dessa nomenclatura, mas das muitas definições utilizadas tanto por Bakhtin quanto pelos membros do Círculo que se debruçaram em entender como ela pode contribuir para os estudos da linguagem.

O terceiro capítulo é dedicado para o percurso metodológico, detalhando as etapas da pesquisa a partir das informações sobre o autor J. M. Barrie e sobre o romance *Peter Pan e Wendy*, 2018 além da apresentação dos objetivos e questões de pesquisa, bem como da metodologia de análise dos dados.

O quarto capítulo é dedicado à análise em que foram reunidos, sob diferentes seções, os diferentes tipos de entonação percebidas no romance, relidos com as lentes da teoria bakhtiniana. Trazemos algumas possibilidades de análise da entonação em uma obra literária escrita, porém acreditamos que esse mesmo movimento pode ser utilizado para qualquer gênero em que se queira estudar especificamente este aspecto.

A nossa proposta de leitura não estruturada está no quinto capítulo, a partir de alguns achados efetuados na análise e também estabelecendo uma relação dialógica entre o romance *Peter Pan e Wendy*, 2018 uma HQ e um rap.

Para o capítulo da conclusão final, ou ainda, nas considerações finais sobre a pesquisa, foram retomadas as questões de pesquisa e, a partir delas, apresentados os resultados a que cheguei depois de todo o percurso de investigações e análises, ressaltando a importância do trabalho com a leitura mediada pelo gênero obra literária.

CAPÍTULO 1 – (RE)VISITANDO OS CONCEITOS BAKHTINIANOS NA PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

*Entretanto, justamente no nosso caso os olhos e as mãos estão em uma situação difícil: os olhos nada veem e as mãos não têm nada para apalpar. Talvez o ouvido esteja numa situação melhor, pois tende a ouvir a palavra, ouvir a língua. De fato, as tentações do **empirismo fonético superficial** são muito fortes na ciência sobre a linguagem. O estudo do aspecto sonoro da palavra ocupa um lugar desproporcionalmente grande na linguística, frequentemente dá o tom a ela e, na maioria dos casos, se realiza sem nenhuma ligação com a essência real da língua como signo ideológico.*

Volóchinov, 2018

Volóchinov aponta-nos, logo no início da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, a dificuldade em se delimitar o estudo da linguagem e tal fato está ligado às características desse objeto – que é a linguagem – e suas diversas abordagens de acordo com as práticas de pesquisas realizadas pelos estudiosos da língua, sejam eles os seus contemporâneos ou aqueles que antecederam os estudos de Mikhail M. Bakhtin e o Círculo. Entendemos, com esse autor russo, que o estudo da linguagem se constitui em uma tarefa que exige do pesquisador extrema atenção para sua realização, como ele bem assevera em sua argumentação no início da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*:

A tarefa de delimitação do objeto real da filosofia da linguagem não é nada fácil. Sempre que tentamos circunscrever o objeto de pesquisa, reduzi-lo a um conjunto objetivo-material definido, visível e compacto, perdemos a própria essência do objeto estudado, ou seja, a natureza *sígnica* ideológica. Se isolarmos o som como um *fenômeno* puramente *acústico*, não teremos a língua como objeto específico. O som se encontra sob o domínio absoluto da física. Se acrescentarmos o *processo fisiológico de produção do som* e o processo da sua *percepção* sonora, ainda assim não nos aproximaremos do seu objeto (Volóchinov, 2018, p. 144 grifos do autor).

Escolhemos essa citação pelo nosso interesse de pesquisa que nos leva, aparentemente, à valorização do “aspecto sonoro da palavra”, em detrimento da consideração da língua em suas nuances discursivas e ideológicas. Assim, para nós, nossa proposta de investigação, o nosso objeto - a entonação - se mostra mais complexo, pois abrange uma materialidade e também uma significação para além do som.

Além disso, em nosso caso, iniciamos nossa pesquisa sem nada para ver e sem nada nas mãos para apalpar em relação ao nosso foco de pesquisa e a nossa busca por uma definição mais específica nos textos bakhtinianos e, ao mesmo tempo, de maneira paradoxal, mais abrangente

dessa terminologia que alcançasse os enunciados escritos, encontrando apenas um cenário de alusões pulverizadas nas obras que, na maioria das vezes, não trazia essa mesma nomenclatura.

O fato de existirem poucas produções científicas sobre essa temática na área dos estudos bakhtinianos nos levou a reflexões mais profundas sobre os conceitos da rede teórica de base relacionados a ela. Assim, outros aspectos relacionados necessitaram ganhar luz em nossas análises, como veremos mais adiante: o signo ideológico, a acentuação da palavra, a relação entre o gênero e o enunciado, o acabamento e a expressividade, a fim de podermos construir uma compreensão mais acurada da questão.

Antes de tratarmos mais detalhadamente sobre a entonação em si, que será melhor explorada no capítulo seguinte, optamos por iniciar nossos conceitos teóricos propondo uma retomada das teorias bakhtinianas sobre a concepção de linguagem como interação verbal, mais precisamente a partir de alguns questionamentos propostos por Volóchinov (2018) presentes na segunda parte da obra supracitada *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, na Parte II – *Os caminhos da filosofia da linguagem marxista*, no capítulo intitulado *Duas tendências do pensamento linguístico*, onde ele demonstra o quão fundamental é o estudo da língua em relação com a sua natureza material e ideológica. Para nossa compreensão, é impossível tratar da entonação, ou quaisquer outros aspectos da língua, sem que tenhamos em nosso horizonte teórico a assunção, de forma clara e contundente, da interação verbal e suas consequências.

De imediato, já podemos salientar, de acordo com esse texto, que o sentido se constitui na interação entre os sujeitos, em uma dada situação, em um mesmo horizonte ideológico - numa comunhão de valores e ideias - , pois, de acordo com Menegassi, o sentido não aparece pronto no texto, para encontrá-lo é preciso “pensar sobre o texto e buscar resposta fora dele” (Menegassi, 2010a, p. 180), ou seja, no extraverbal, que constitui o conjunto de circunstâncias não linguísticas percebidas diretamente, ou, ainda, reconhecidas pelos interlocutores. Ele envolve o ato de enunciação em sua totalidade, e tal assunção precisa ser levada em conta quando se trata da leitura de uma obra literária, que é o nosso caso, constituindo o momento de união do leitor e do autor.

Assim, em nosso *corpus* de pesquisa - nos enunciados destacados no romance - buscaremos focar a entonação a partir da lupa das teorias bakhtinianas, em cada uma das situações apresentadas. Entendemos que, mesmo propostas nossas análises e considerações, a linguagem e os sentidos são dinâmicos, assim cada leitor há de ter sua própria interpretação a partir dos conhecimentos axiológicos de mundo que cada um acumula e partilha.

Retornando às contribuições de Volóchinov (2018), o autor nos apresenta uma crítica às duas tendências teóricas por ele designadas, no início do século XX, como “objetivismo abstrato” e o “subjetivismo idealista”, que sustentaram diferentes concepções de linguagem, entendendo-as como insuficientes para dar conta da complexidade dos aspectos da linguagem.

Ferdinand de Saussure, a partir do Curso de Linguística Geral, apresentou uma distinção entre “língua (*langue*)” e “fala (*parole*)”, pois ele entendia a língua como um sistema social, homogêneo e abstrato. Naquele contexto acadêmico e científico de estudos da língua, ele havia fundado uma linguística geral que, na visão dele, daria conta dos estudos linguísticos. Já Volóchinov e todo o círculo bakhtinianos vislumbraram a língua como a essência das relações humanas, pois ela se encontra em cada um dos atos enunciativos da vida social, portanto impossível de ser entendida apenas a partir da distinção feita por Saussure.

Para os estudos bakhtinianos, a língua está presente nas formações sociopolíticas, bem como nos sistemas ideológicos. Quando falamos de língua, para os autores que compunham o Círculo, ela é a língua viva e está relacionada à interação entre interlocutores, ao dialogismo entre enunciados e à ideologia sempre presente e motivadora das escolhas linguísticas.

Apresentamos, de forma sintética, um quadro resumindo como Volóchinov percebeu a construção da concepção do “objetivismo abstrato” e do “subjetivismo idealista”:

Quadro 01 – As duas tendências do pensamento linguístico

Primeira tendência	Segunda tendência	Percepção sobre as duas tendências/
Subjetivismo individualista	Objetivismo abstrato	Concepção de linguagem como interação
Representante Wilhelm von Humboldt	Representante Ferdinand de Saussure	Valentin Volóchinov

<p>A primeira tendência analisa o ato discursivo individual e criativo como fundamento da língua (ou seja, todos os fenômenos linguísticos sem exceção). O psiquismo individual representa a fonte da língua. As leis da criação linguística – uma vez que a língua é formação e criação ininterrupta – na verdade são leis individuais e psicológicas; são elas que devem ser estudadas pelo linguista e pelo filósofo da linguagem. Elucidar um fenômeno linguístico significa reduzi-lo a um ato individual e criativo consciente (muitas vezes até inteligente). No trabalho de um linguista, todo restante possui apenas um caráter prévio, de constatação, de descrição e de classificação, apenas prepara a verdadeira explicação do fenômeno linguístico a partir do ato individual e criativo ou serve para objetivos práticos de ensinar uma língua pronta. Desse ponto de vista, a língua é análoga a outros fenômenos ideológicos, especialmente a arte e a atividade estética (Volóchinov, 2018, p. 148, grifo nosso).</p>	<p>Todo ato criativo individual, todo enunciado é individual e único, porém em todo enunciado há elementos idênticos aos dos outros enunciados de um dado grupo discursivo. São justamente esses elementos <i>idênticos</i> – fonéticos, gramaticais, lexicais – e, portanto, <i>normativos</i> para todos os enunciados que proporcionam a unicidade de dada língua e sua compreensão por todos os membros de dada coletividade. (Volóchinov, 2018, p. 155 grifos do autor).</p>	<p><i>A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados.</i> Desse modo, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua. (Volóchinov, 2018, p. 218, grifos do autor).</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Valentin Volóchinov, 2018 (Adaptado, grifos nossos)

Com Volóchinov, compreendemos a importância de se considerar a língua como um organismo que se constitui na corrente discursiva dos falantes, e que sua constituição, como enunciado concreto, é feita a partir dos diferentes usos que as suas partes constitutivas permitem. Compreendemos, ainda, que na interação entre os sujeitos, os enunciados construídos durante o ato comunicativo suscitarão sentidos para cada um, a partir do momento em que se percebe, ou não, a carga ideológica própria de cada um dos vocábulos utilizados. Esses vocábulos não são exclusividades de um dos falantes, ao contrário, eles fazem parte de um processo de criação compartilhada da língua, que é histórico-social, e que passou por um longo processo de aceitação. Os seus usos vão depender de quem fala, para quem se fala, onde ele circula etc, ou seja, dependem de todos os elementos extraverbiais ali envolvidos.

Esses elementos, pela nossa compreensão do texto de Volóchinov, foram deixados de lado pelo objetivismo abstrato e pelo subjetivismo idealista, fazendo com que a compreensão sobre a língua perdesse a seiva da interação que a alimenta. Essas considerações em relação à

língua são já explicitadas por Volóchinov, em sua obra de 1926, *A palavra na vida e a palavra na poesia*, em que ele aponta:

Obviamente, a palavra na vida não é autossuficiente. Ela surge da situação cotidiana extraverbal e mantém uma relação muito estreita com ela. Mais do que isso, a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que o seu sentido seja perdido (Volóchinov, 2019, p. 117).

Para ser estável o signo, ou seja, a palavra, precisa passar por experimentações no meio social em que circula. Vamos deixar claro que não estamos falando da repetição de um mesmo signo desconsiderando as muitas possibilidades de significados a cada novo uso em um dado contexto de interação. Assim como ele muda a cada vez que é empregado, também o seu significado pode mudar com o passar do tempo pelas novas gerações que passam a incorporá-lo no uso corrente do cotidiano.

Entendemos, portanto, que a língua é um processo ininterrupto de aprendizagem e de trocas, a partir das interações sociais que se estabelecem e estão sempre se modificando, se alterando, acompanhando as mudanças sociais dos grupos humanos. Nesse processo, a consciência do sujeito se desperta a partir da consciência social com o qual ele compartilha a mesma língua. Para a concepção bakhtiniana, aquilo que nos diz respeito, especialmente o nosso nome, penetra em nossa consciência a partir da valoração do outro, e essa valoração é demonstrada pela entonação, pelo tom emotivo e pelos valores que o outro nos confere.

Para Bakhtin, está muito clara a necessidade de se observar a relação, o encontro entre o “eu” e o “outro”. Concordamos com Francelino e Costa (2022) que, nessa relação, é preciso que o outro seja devidamente ouvido, reconhecido e, conseqüentemente, respeitado. Na mesma direção, lembrando da expressão de Augusto Ponzio sobre a proposta bakhtiniana ser uma “filosofia do encontro”, asseveram Almeida e Padilha:

Quando Ponzio (2010) defende que Bakhtin instaura a filosofia do encontro, ele está se referindo ao encontro de consciências, o nascer do sentido. Só pode ocorrer reflexão no encontro entre dois centros de valores distintos, um eu e um outro. Somente no encontro, nas relações estabelecidas socialmente, que os sentidos podem ser construídos (Almeida e Padilha, 2015, p. 110).

É nessa relação de responsividade da língua, demonstrada pelos autores comentadores da obra bakhtiniana, que o outro tem seu valor reconhecido e, portanto, se estabelece a interação entre os sujeitos. A partir dessa interação, começa entre os sujeitos uma relação de troca de sentidos em uma arena discursiva. Essa relação entre os sujeitos propicia a produção de sentidos possíveis a partir de um enunciado e, assim, a finalidade dessa interação começa a ganhar corpo.

Em nossa pesquisa, esse encontro de consciências é mostrado a partir daquilo que J. M. Barrie apresentou, enquanto percepção da sociedade de sua época, ao escrever sua obra e sua recepção, ou seja, as concepções contemporâneas dos leitores de seu romance. Por outro lado, como pesquisadores, propusemos também um encontro com o querer-dizer de Barrie, pautado pelo prisma da entonação.

Ainda sobre a interação discursiva⁶, considera-se o enunciado de forma situada, sociohistoricamente. Para Francelino e Costa (2022, p. 125), “É importante destacar que a interação é um conceito amplo e complexo, que abarca desde uma situação cotidiana de comunicação face a face até o diálogo entre obras no tempo-espaço.” Para esses autores são muitas as vertentes de estudos sobre a temática da interação:

O termo interação, no âmbito dos estudos da linguagem, pode ser encontrado em investigações de diferentes perspectivas teórico metodológicas, tais como Funcionalismo Linguístico, Linguística Textual, Análises do Discurso, Análise da Conversação, Pragmática, para citar algumas. Em virtude das diferentes abordagens a partir das quais pode ser tratado, esse conceito não goza de uma uniformidade teórica e é preciso situar o lugar epistemológico de onde se fala, delimitando a natureza e a funcionalidade dessa noção (Francelino e Costa, 2022, p. 123).

Vale, ainda, destacar as considerações de Sobral sobre o tema, citadas também por Francelino e Costa:

Sobral (2009), ao tratar do tema, apresenta quatro níveis ou estágios da interação: (i) o que diz respeito ao caráter do aqui e agora dos interlocutores no contexto interativo, ou seja, os aspectos físicos (ambiente, formas de mediação da interação etc.); (ii) o que concerne ao nível do contexto imediato, correspondendo a um nível mais amplo e mais abstrato, relacionado aos papéis sociais dos interlocutores, a posição de cada um em relação ao outro, a imagem que cada um tem de si e do outro etc.; (iii) o contexto referente às esferas de atividade humana de uso da linguagem, isto é, às vicissitudes do lugar social e institucional que os sujeitos ocupam nas interações (escola, família, igreja, o grupo de amigos etc.; (iv) o horizonte social e histórico, que abrange uma dimensão mais ampla, como a cultura, a história, as relações entre gerações de pessoas e tradições culturais de diferentes épocas (Sobral, 2009 *apud* Francelino; Costa, 2022, p. 125).

Como apresentado acima, a interação tem, consoante Sobral, quatro níveis ou estágios: **O aqui e o agora** que se refere aos aspectos físicos da interação no momento em que ela acontece; **o nível imediato** da interação, ou seja, os papéis sociais que cada um dos falantes

⁶ A expressão “interação discursiva” aparece na nova tradução da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, feita diretamente do russo, por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo, publicada pela Editora 34 no ano de 2017. Na antiga tradução, da editora Hucitec, cujo texto foi traduzido do francês, a opção dos tradutores foi pela expressão “interação social”. Em nossa tese, utilizaremos uma ou outra indiferentemente.

representa/ocupa; **o contexto refere-se às esferas** em que o uso da linguagem é empregado em diferentes lugares sociais e **o horizonte social e histórico**, que leva em conta, além da cultura e da história, as relações entre gerações de pessoas. Todos esses quatro elementos são constituintes de qualquer enunciado em uma interação, e podemos nos perguntar quais níveis considerar quando falamos de entonação? Em nossa análise, buscamos considerar esses níveis de interação, caso seja pertinente para a situação de ocorrência de um tipo de entonação específica, mesmo para o texto literário em foco, articulando com os conceitos da rede teórica bakhtiniana. Pensamos que, para determinadas interações entre as personagens no enredo, é possível vislumbrar tais distinções.

Assim, podemos considerar que a percepção da entonação se dá no primeiro nível, do aqui e agora, mas sua compreensão e os sentidos que dela advêm não podem ocorrer sem que se tenha em mente os demais níveis. Uma entonação de ironia ou desdém, por exemplo, para que haja uma compreensão responsiva por parte dos interlocutores, leva em conta a participação deste no horizonte comum social, histórico e cultural.

Reafirmamos que os sentidos são construídos na interação entre os sujeitos e, portanto, eles dependem de muitos fatores, tanto na prática oral, quanto na escrita. Eles, assim como perseguimos nesta investigação, são oriundos do encontro entre os sujeitos, entre autor-criador e pesquisador, a perscrutar as diferentes entonações na obra. Apresentaremos, a seguir, com a definição do signo ideológico, como acontecem essas constituições e como podemos pensar as relações entre língua e ideologia na perspectiva bakhtiniana.

1.1 – O signo ideológico na perspectiva bakhtiniana

O estudo do signo ideológico - os membros do Círculo cunharam essa terminologia, para expressar um conjunto de valores que estão presentes na expressão social da língua e, portanto, para designar um campo sistemático de ideias específicas da comunicação humana - compreende a sua materialidade, ideologicamente constituída e intrinsecamente ligada à língua de uma sociedade socio-historicamente demarcada. O signo retrata a realidade sgnica a depender de um determinado ponto de vista valorativo e sempre ideológico. A realidade nos apresenta objetos e fenômenos que não possuem uma significação ideológica, apenas fazem parte da vida material, da natureza. Por outro lado, estes mesmos fenômenos podem transformar-se em signos, tornando-se fenômenos ideológicos. Ao analisar uma obra ou um enunciado, não podemos perder de vista as condições de produção e o momento histórico em

que eles foram produzidos, pois todos esses aspectos são importantes e devem ser considerados para que se possa elaborar a compreensão de cada um.

Volóchinov, em texto de 1930, apresenta-nos um exemplo a partir da palavra pedra e seu valor sígnico:

Será totalmente diferente se pegarmos uma pedra, a pintarmos com cal e a colocarmos na divisa entre dois *kolkhozes*⁷. Essa pedra obterá uma determinada “significação”. Ela já não irá significar só a si mesma, só uma pedra como parte da natureza, mas terá um outro novo sentido. Ele apontará para algo que se encontra *fora* dele. Ele se tornará um indicador, um sinal, ou seja, um signo com significação firme e aceitável. Signo de quê? O signo de uma fronteira que divide dois pedaços de terra (Volóchinov, 2019, p. 310, grifos do autor).

No excerto acima, a definição de signo cumpre o seu papel, pois como significado naquele contexto único de demarcador de território, a pedra passa a trazer uma informação para quem a visualiza e, portanto, passa a fazer parte de uma consciência social. Fora do contexto apresentado por Volóchinov, a pedra volta a ser uma pedra e não mais um demarcador de limites entre dois territórios. Na nossa análise - se pudermos antecipar um pouco nossos achados -, a consciência social se manifesta nos diálogos entre as personagens e em suas respectivas entonações, quando podemos entrever alguns dos problemas e conflitos das diferentes classes da sociedade inglesa de sua época.

Esta distinção sobre o signo já havia sido feita em 1929, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, também por Volóchinov:

Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. *Onde não há signo também não há ideologia*. Pode-se dizer que um corpo físico equivalente a si próprio: ele não significa nada e coincide inteiramente com sua realidade única e natural. Nesse caso, não temos como falar de ideologia (Volóchinov, 2018, p. 91-92, grifos do autor).

Para que exista ideologia, é necessário a presença de um signo, ou seja, ela acontece em uma realidade material e semiótica. Da mesma forma, esse signo se transforma em uma

⁷ Kolkhoz: Segundo o Breve Dicionário Político (Arquivo Marxista na Internet) consiste em: “Fazendas coletivas na URSS organizadas sob a forma de cooperativas de camponeses, reunidos com base no voluntariado para administrar uma grande propriedade agrícola com base na socialização dos meios de produção e no trabalho coletivo. Os kolkhozes desenvolviam sua produção em terras de propriedade estatal cedidas para usufruto perpétuo e gratuito. Organizavam-se segundo um estatuto aprovado pela assembléia geral dos seus membros e com base no planejamento e nos princípios de autogestão financeira. Foram grandes produtores de bens agrícolas na URSS. Em 1979, existiam na URSS, 26.500 kolkhozes que possuíam cerca de 1.100.000 tratores; 304.000 colhedeiças de cereais e 500.000 caminhões”.

Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/k/kolkhoz.htm>. Acesso em 19 jan 2024.

significação ideológica sem perder sua essência, sem perder parte de sua realidade material, mas passando, nas palavras do autor, a “refletir e refratar outra realidade”.

Observamos e evidenciamos, por exemplo, a questão do signo ideológico que “reflete e refrata outra realidade”, na obra *Peter Pan e Wendy* (2018) criada pelo escritor escocês James Matthew Barrie, no início do século XX, em 1911. Ele se mudou para a Inglaterra e a tomou como pátria, e muitos elementos ali presentes, como alguns personagens, foram inspirados na vida do autor, e consideramos que devam ser levados em conta ao serem levados em conta os aspectos semióticos dos signos analisados do romance. Adiante, apresentaremos maiores detalhes sobre o autor e a obra que selecionamos para análise.

Tomando um outro exemplo, mais específico, podemos pensar na simbologia religiosa, onde a hóstia consagrada, que em sua materialidade original é o pão, quando utilizada em cerimônias da liturgia católica, dentro do espaço da igreja, passa a refletir e refratar outra realidade, ou seja, ela deixa de ser pão para se tornar o Corpo de Cristo. Não temos como nos afastar da fronteira semântica, pois para Volóchinov (2018) “um instrumento por si só não se transforma em um signo, nem um signo em um instrumento [...]”, assim, o pão utilizado em casa não tem o mesmo valor semântico daquele utilizado em cerimônias religiosas, mas também não deixa de ser uma espécie de pão, alimento para ser “comido”.

Os signos constituem a base sobre a qual apoiamos nossa valoração apreciativa dos enunciados que realizamos em uma dada situação de interação, desafiando, por assim dizer, a cadeia de criação dos signos, as relações ideológicas possíveis naquele horizonte socio-histórico em que estamos imersos. Para Volóchinov:

Essa cadeia de criação e da compreensão ideológica, que vai de um signo a outro e depois para um novo signo, é única e ininterrupta: sempre passamos de um elo sógnico, e portanto, material, a outro elo também sógnico. Essa cadeia nunca se rompe nem assume uma existência interna imaterial e não encarnada no signo (Volóchinov, 2018, p. 95).

Concordamos com Volóchinov (2018), ao afirmar que as relações ideológicas presumem a existências de signos. Essas relações podem ser aquelas estabelecidas no momento das interações a partir de enunciados, no contexto do agora, bem como aquelas acontecidas em outros lugares e em outros momentos e que fazem parte do ato enunciativo, orientando uma força responsiva ativa. O encontro do leitor com uma obra produzida - há muitos anos - e as avaliações que serão feitas sobre ela é um bom exemplo dessa apreensão dinâmica dos signos. Na leitura de uma obra, é possível perceber a carga ideológica já presente em cada um dos

signos, percebendo a entonação e desvelando os elementos extraverbais que podem contribuir para a constituição dos sentidos.

Ao mesmo tempo, compreendemos que o signo precisa de um longo tempo de experimentação, ele precisa “obter tonalidades subjetivas, para não se transformar em uma relíquia de museu que é respeitada, mas incompreendida” (Volóchinov, 2018, p. 138). Essa existência do signo e seu sentido são relativamente estáveis, pois, assim como o contexto social, eles também estão sujeitos a apreciações valorativas pelos sujeitos falantes que farão uso deles em um dado recorte histórico.

1.2 – A palavra em Bakhtin

O general romano Pompeu, no século I a. C., usava a expressão “Navegar é preciso, viver não é preciso” (*Navigare necesse, vivere non est necesse.*) para encorajar seus marinheiros receosos de segui-lo em batalhas. Entendemos a força desse enunciado e o quanto ele dialogava e produzia sentidos positivos nas pessoas que conviveram com o general Pompeu. Contemporaneamente, podemos afirmar que: *Dialogar é preciso para que possamos viver.* Consoante os estudos bakhtinianos, bem como de outros autores que tomam o enunciado como um acontecimento discursivo, entendemos que somos constituídos na e pela palavra. É nela, e por ela, que os fios dialógicos se entrelaçam para tecer a nossa existência, bem como nas relações estabelecidas em cada um desses fios com pessoas de nosso convívio social.

Bakhtin considera a palavra como uma espécie de ponte: *apoiá sobre mim numa extremidade, na outra apoiá-se sobre meu interlocutor.* Este excerto demonstra que a interação se encontra em uma *zona fronteiraça*, onde uma metade cabe ao locutor e a outra ao seu interlocutor, numa cadeia ininterrupta, participando, desse encontro, a entonação, que é tema de estudo nesta tese se une indissociavelmente à palavra.

Nos estudos da filosofia da linguagem, Volóchinov assim define a palavra: “A realidade da palavra, como a de qualquer signo, está localizada entre os indivíduos e é produzida por meio de um organismo individual, sem a ajuda de quaisquer instrumentos e sem nenhum material extracorporal” (Volóchinov, 2018, p. 100). Essa produção, localizada no indivíduo, determina o fato de que “a palavra acompanha toda a criação ideológica como seu ingrediente indispensável” (*Idem, ibidem*).

No pensamento do círculo bakhtiniano, portanto, é salutar entender que o signo ideológico, apenas no pensamento do indivíduo, sem o devido compartilhamento no social, não é possível de ser estudado. Sobre essa temática, Volóchinov assevera “Por isso o problema da

consciência individual, tomada como *palavra interior* (e em geral *signo interior*), é uma das questões mais importantes da filosofia da linguagem” (Volóchinov, 2018, p. 100, grifos do autor).

As palavras são os exemplos vivos da dinâmica social dos signos ideológicos. Ao serem selecionadas pelos interlocutores, dentro de uma gama de possibilidades, elas, como “signos ideológicos por excelência”, ganham vida entre dois falantes, integram uma interação, um encontro entre um “eu” e um “outro”, passando a fazer parte de um enunciado concreto e, assim, novos sentidos se constituem, de acordo com a visão bakhtiniana sobre a linguagem.

Tomemos, a título de exemplo, uma situação em que dois sujeitos se encontram em um contexto social - em um elevador - e ambos estão em absoluto silêncio. Ao decidirem por estabelecer um contato, a partir de um cumprimento cordial, um dos falantes quebra o silêncio, fazendo com que ambos estabeleçam uma relação de não indiferença ao que foi dito e, mesmo que o outro (ouvinte) continue no mais absoluto silêncio ou indiferente, a interação desejada por um dos sujeitos foi iniciada. A atitude avaliativa em relação ao cumprimento vai depender de muitos fatores para que a interação entre eles continue ou não. E nesse contexto, o silêncio, também, representa a resposta para o outro, e um sentido de constrangimento ou de indiferença pode se constituir, o que, inevitavelmente, indica que a interação entre eles aconteceu - pois um sentido foi criado ali - mas a comunicação não foi adiante. Um dos fatores que contribui para a atribuição de sentido nessa situação pode ser a valoração da entonação com que o cumprimento foi realizado. “O que se diz” importa, mas “como se diz” significa além, e a forma da resposta, da réplica, em continuidade ou em interrupção, reconduz a valoração em um ou outro sentido.

Ampliando a reflexão sobre a palavra, a análise de um dos excertos de Bakhtin, a seguir, nos demonstra o quanto seu estudo, por si só, já é uma tarefa bastante complexa. “Se não esperamos nada da palavra, se sabemos de antemão tudo o que ela pode dizer, ela sai do diálogo e se coisifica” (Bakhtin, 2011, p. 328). Ao ser coisificada, a palavra pode ser drenada da seiva que a alimenta em relação à interação com o outro sujeito.

Ou seja, retornando ao nosso tópico inicial, essencialmente, é preciso partir de uma concepção da língua que se leve em conta o processo interacional, e neste, os aspectos que compõem e/ou determinam as inúmeras possibilidades de sentido que surgirão no devir das relações humanas mediadas pelas palavras que compõem uma língua. Consoante Volóchinov (2018), o uso da palavra indica uma “multidão de fios ideológicos”. Esses fios, assim como na confecção das tramas de um tecido, também tecem as relações sociais em todos os domínios. Eles são os responsáveis por constituírem cada um dos micromundos existentes em diferentes

interações nos contextos de relações amorosas, familiares, amigáveis, religiosas, profissionais, acadêmicas etc. Sobre a palavra, Cordeiro assim explicita:

[...] a palavra está para além do material, do linguístico, se constituindo internamente pelas reverberações das estruturas sociais e econômicas; ela ainda se realiza num embate entre forças socioideológicas, e carrega uma memória social, além de um ou mais tons e valores axiológicos, os quais são apreciações e julgamentos por aquele que a fala e/ou a recebe (Cordeiro, 2022, p. 147).

Em cada valor axiológico, de cada falante, reflete-se a memória social em que ele se insere para apreciar e, até mesmo, julgar os enunciados concretos que se encontram diante dele. Neste movimento discursivo, a palavra abrange outros aspectos - como o nosso foco aqui: a entonação - quando é colocada em uso em uma dada interação entre falantes:

Analogamente também a palavra viva, a palavra plena, não tem a ver com o objeto inteiramente dado: pelo simples fato de que eu comecei a falar dele, já entrei em uma relação que não é indiferente, mas interessado-afetiva, e por isso a palavra não somente denota um objeto como de algum modo presente, mas expressa também com sua entonação (uma palavra realmente pronunciada não pode evitar de ser entoada, a entonação é inerente ao fato mesmo de ser pronunciada) a minha atitude avaliativa em relação ao objeto - o que nele é desejável e não desejável - e, desse modo, movimenta o em direção do que ainda está por ser determinado nele, torna-se momento de um evento vivo (Bakhtin, 2017, p. 85).

Coadunamos, ainda, com Bakhtin, que a palavra, por ser interindividual, em si mesma, não pertence ao sujeito-falante e tampouco ao outro que a ouve ou que a lê e interage a partir dela, pois, em verdade, ela não pertence a ninguém. Ela é, em essência, parte de um todo socioideológico vivo pertencente a todos que a utilizam em uma determinada língua. Ao entrar em contato com uma palavra considerada nova para quem vai utilizá-la, ela passa a fazer parte da corrente discursiva desse sujeito e, quanto mais ela é utilizada, mais familiarizada se torna para ele, passando a fazer parte de seu repertório lexical em cada novo momento de interação, contudo, seu uso pode variar de muitas maneiras a depender da entonação que será dada a ela, o que constitui nosso interesse de pesquisa.

Nas situações de interação real de fala entre sujeitos-falantes, os sentidos são construídos e negociados entre ambos. Nesse sentido, concordamos com Volóchinov (2018) que a palavra, em todos os seus usos, está sempre carregada de um “conteúdo ideológico ou vivencial.” Essa vivência só é possível no processo de interação que ocorre entre os sujeitos em um diálogo. Nesse encontro, é possível que aconteça o despertar de ressonâncias ideológicas, pertinentes à vida. Por algum motivo, as palavras, ao serem ouvidas ou lidas, têm a capacidade de nos

transportar para outros lugares e, também, despertar sentimentos os quais são, em algumas situações, inesperados, guardadas as devidas proporções de cada situação de fala.

Esses sentimentos são evocados pelos sentidos provocados pelas nossas vivências. Ao enunciar, ou seja, ao fazer uso de uma palavra, já temos em mente que ela está, inevitavelmente, carregada de sentidos ideológicos e vivenciais, ainda que não observemos tal fato, ela nos permite concordar ou discordar, completar, discutir, ampliar, direcionar os mais diferentes temas a serem debatidos e nos apontam diferentes maneiras de agir em direção ao outro naquela situação.

A partir das considerações apresentadas por Bakhtin (2011; 2017), Volóchinov (2018) e Cordeiro (2022) sobre a palavra, entendemos que seu estudo requer aprofundamento, o que nos leva a observar a importância dos outros aspectos como a carga ideológica, ou seja, aqueles que já são dados de antemão e, por isso, exigem maior atenção do ouvinte/leitor, e aqueles que, para sua existência, requerem a participação deste interlocutor/contemplador como coautor, ou seja, aqueles que ainda se encontram em uma espécie de casulo embrionário, o “devir”.

Assim, no processo da compreensão responsiva, o interlocutor debate-se entre o “dado” – que já está ali como que impresso na palavra, e o “criado”, aquele novo sentido que pode surgir. Nas palavras de Bakhtin:

O dado e o criado no enunciado verbalizado. O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo que não existia antes dele, dado e acabado. Ele sempre cria [sozdaet] algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular, e que ainda por cima tem relação com o valor (com a verdade, com a bondade, com a beleza, etc.). Contudo, alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo dado (a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um sentimento vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo, etc.). Todo o dado se transforma em criado (Bakhtin, 2006, p. 326).

Podemos inferir, desde já, que esses tópicos sobre o “dado” e o “criado” são muito pertinentes quando pensamos no aspecto da entonação, que é o que nos interessa. Na interação, ao “ouvirmos” o outro, a palavra do outro, a entonação se realiza naquele momento, é o “criado”, mas só se dá porque temos como base um já “dado”, entonações anteriores forjadas socialmente e como que “impressas” nas palavras. Na leitura da palavra escrita, uma pequena voz alude a essas entonações já conhecidas pelo leitor.

As palavras, nos diferentes contextos sociais, representam um indicador de mudança ou de permanência. Para Ribeiro “A palavra sempre indicará transformações sociais, mesmo aquela ainda não estruturada ideologicamente e que mais tarde recebe acento ideológico

acabado” (Ribeiro, 2014, p. 270). Em Volochínov (2018), encontramos a mesma consideração, de que a palavra representa o “indicador” mais sensível das transformações sociais:

[...] É bastante óbvio que a palavra será o *indicador* mais sensível das *mudanças sociais*, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando, onde elas ainda não se constituíram em sistemas ideológicos organizados. A palavra é o meio em que ocorrem as lentas acumulações quantitativas daquelas mudanças que ainda não tiveram tempo de alcançar uma nova qualidade ideológica acabada. A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam (Volóchinov, 2017, p. 106, grifo do autor).

Ainda que uma mesma palavra ou enunciado sejam repetidos várias vezes, a cada nova situação de interação haverá uma nova valoração. Novamente temos o “dado” e o “criado”. Para Morson e Emerson, “[...] Dois enunciados verbalmente idênticos nunca **significam a mesma coisa**, quando mais não seja porque o leitor ou o ouvinte se confronta com eles duas vezes e reage diferente na segunda vez. [...]” (Morson; Emerson, 2008, p. 142, grifo dos autores).

Vamos nos defrontar com a ocorrência dessas mudanças de valoração na obra literária *Peter Pan & Wendy* (2018), no capítulo de análise da nossa pesquisa, porém, a título de exemplificação, trazemos aqui um enunciado concreto do gênero conversa do cotidiano, que observo acontecer em minha família. Antes de apresentá-lo, vejamos como Volóchinov define a questão da ideologia do cotidiano:

Não se deve pensar que a ideologia do cotidiano é algo íntegro, monolítico, homogêneo e semelhante em todas as suas partes. Devemos distinguir nela todo um conjunto de camadas que vão das mais inferiores, voláteis e mutáveis, até as mais superiores, que estão em contato direto com os sistemas ideológicos (Volóchinov, 2019, p. 260).

Na ideologia do cotidiano, é possível se observar as muitas possibilidades que o estudo da língua pode propiciar. O fato de ela não ser “íntegro, monolítico, homogêneo e semelhante em todas as suas partes” é que fornece ao pesquisador a seiva necessária para que ela se alimente, constantemente, das correias dos enunciados produzidos nesse contexto de uso cotidiano. Para a exemplificação de como a palavra está carregada de ideologia, em nosso contexto de estudo sobre a entonação, trago a seguir um excerto de minha realidade.

Atualmente, vivo em uma família relativamente pequena, para os moldes dos padrões de famílias brasileiras. Com a partida de meus pais, vivemos hoje em uma mesma casa, minha irmã do meio e suas duas filhas (minhas sobrinhas, gêmeas) e o meu companheiro.

As minhas sobrinhas estão cursando bacharelado em Música, na graduação, e, portanto, é natural que elas tenham tarefas acadêmicas o tempo todo a serem realizadas ao longo da

semana e, também, aulas extras aos sábados e algumas situações de apresentações para diferentes públicos, até mesmo aos domingos.

Na universidade em que estudam, elas também lecionam aulas de violino para diferentes grupos de aprendizes de música em um projeto intitulado “Meninas em Cordas”. Assim, é natural que, aos domingos (nos finais de semana delas), queiram dormir até mais tarde e, é recorrente ao se levantarem nos dizerem “- Bom dia!”, com entusiasmo e sorriso no rosto. Ao enunciarem esse cumprimento, a minha irmã, mãe delas, responde:

“- Boa tarde!”

Imagem 01 – As diferentes entonações do “Boa tarde!”



Fonte: França, 2023

Apesar de, ainda, não ter passado do meio-dia, o que caracterizaria o uso da expressão “- Boa tarde!”, o enunciado concreto da mãe delas demonstra claramente a indignação ao fato de elas terem ficado um tempo a mais que o habitual na cama. O tom de voz utilizado e a determinada entonação pode expressar ainda ironia, zanga, reprovação e repreensão, esta última configurando uma atitude típica das mães, que se encontram na tarefa eterna de correção dos filhos.

A possibilidade da entonação irônica nos remete ao discurso bivocal. O que é dito - “Boa tarde” - não é de fato aquilo que se gostaria de dizer nem expressa simplesmente um cumprimento e nem uma observação sobre a tarde “estar boa”. Ao dizer “- Boa tarde!”, enquanto ainda nos encontramos no período matutino, formula ao mesmo tempo a crítica pelo

fato de elas terem acordado tarde e demonstra a sua indignação de mãe. Ao dizer “Boa tarde!”, parece-nos que a tarde não está boa para a mãe nem ficará boa para as filhas, que estão sendo chamadas à responsabilidade, ou seja, é uma “bronca velada”. Assim, o cumprimento, na verdade, poderia suscitar alguns desses sentidos: “Isso é hora de acordar?” “É preciso acordar mais cedo!”; “Há coisas para fazer em casa”; “Deus ajuda a quem cedo madruga” etc.

O discurso bivocal foi pensando por Bakhtin no seu estudo sobre o romance (1934-1935), ao tratar do plurilinguismo⁸ ou heterodiscurso, em que as vozes das personagens que falam expressam, ao mesmo tempo, a voz refrangida do autor: “[...] Nesse discurso há duas vozes, dois sentidos, duas expressões. [...] O discurso bivocal sempre é internamente dialogizado [...] (Bakhtin, 2014, p. 127).

Há situações em que temos parentes ou visitas em casa e a mesma situação se repete, porém o tom de voz da mãe é mais ameno, o que acaba mascarando a ironia, caracterizando outra entonação, mais polida, no entanto o uso recorrente já deixa claro para as meninas (minhas sobrinhas) que ela (minha irmã) não está satisfeita com o fato de elas demorarem para se levantar. Tenho consciência do todo desse enunciado por vivenciar essas falas de perto, o que para um desconhecido do nosso contexto familiar, talvez, pudesse passar despercebido. Para Menegassi e Cavalcanti (2013):

Essa dependência do contexto exige, por parte dos participantes do ato comunicativo, que conheçam, ambos, pelo menos alguns traços em comum sobre o que se diz, a situação em que se produz e as condições de recepção constituídas, para que a compreensão se estabeleça. Uma pessoa que desconhece o contexto extraverbal imediato não compreenderá completamente o enunciado tal como o interlocutor o desejaria. Basta o desconhecimento, pelos envolvidos na interação, de um dos elementos que compõem o extraverbal para que sua compreensão seja falha, pois, os enunciados surgem e terminam no processo da interação social entre os participantes da enunciação (Menegassi; Cavalcanti, 2013, p. 436).

A descrição deste episódio familiar serve para refletirmos a respeito de que, cotidianamente, deparamo-nos com várias entonações no uso de diferentes palavras e expressões, e assim que se inicia a interação, pela percepção dessas entonações, colocamo-nos

⁸ O plurilinguismo (ou heterodiscurso, como é retraduzido o termo na obra Teoria do Romance I, da edição da Editora 34, de 2015), constitui um dos aspectos do romance, segundo Bakhtin. Para o autor russo, “O romance, tomado como um conjunto, caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal. O pesquisador depara-se nele com certas unidades estilísticas heterogêneas que repousam às vezes em planos linguísticos diferentes e que estão submetidas a leis estilísticas distintas” (Bakhtin, 2014, p. 73). Para além das diversidades de linguagens possíveis presentes no romance, as unidades de composição como o discurso do autor, das personagens, do narrador introduzem diferentes vozes de variadas formas e em diferentes graus de dialogização.

na posição de avaliador do enunciado do outro e, na mesma proporção, somos submetidos à avaliação do outro. Não sabemos, de imediato, quais serão os sentidos que suscitarão dessa troca, mas compreendemos que o julgamento de valor social determina como qualquer enunciado concreto é avaliado. A entonação, digamos, é a chave para abertura da “caixa de Pandora” dos sentidos, orientando a expressão adequada da palavra no conteúdo do discurso realizado.

O reconhecimento dos diferentes sentidos suscitados pela entonação de uma palavra vincula-se à maneira como falamos e pensamos, é fruto de nossa interação social, do movimento alteritário e dialógico, vinculado às comunidades às quais pertencemos ora em espaços e contextos de fala, ora em situações de produção da escrita. Sobre as marcas do *outro* na palavra, Bakhtin afirma que “A língua não é um meio neutro, não é *res nullius*, que passa fácil e livremente à propriedade intencional do falante: ela é povoada e repovoada por intenções alheias” (Bakhtin, 2015, p. 70 grifos do autor). E novamente assinala:

Um membro de um grupo de falante nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua, isenta das aspirações de outros ou despovoada das vozes de outros. Absolutamente. A palavra, ele a recebe da voz do outro e repleta de voz do outro. No contexto dele, a palavra deriva de outro contexto, é impregnada de elucidações de outros. O próprio pensamento dele já encontra a palavra povoada (Bakhtin, 2018, p. 232).

Assim, enquanto signo verbal, a palavra recebe, inevitavelmente, a voz do outro, e é na entonação que ela encontra sua maior força elocutória. O uso da entonação expressiva desperta o ouvinte/leitor para a acentuação valorativa do falante/autor sobre o objeto da fala, encaminhando para a compreensão responsiva do enunciado. É para este instigante aspecto da linguagem que se volta o nosso olhar nesta pesquisa. Assim, através da investigação das diferentes ocorrências da entonação no romance *Peter Pan e Wendy* (2018), buscaremos demonstrar como a entonação expressiva carrega os acentos valorativos dos personagens, refratando ao mesmo tempo o discurso do autor. Colaborando para a compreensão dos sentidos constituídos nos enunciados selecionados do romance, entendemos que o desvelamento dos usos entonacionais possa contribuir para que os atores do processo ensino-aprendizagem da leitura - professor e aluno - se tornem mais atentos aos meandros e riquezas da palavra literária.

1.3 – Considerações sobre o enunciado pelo viés bakhtiniano

Para Volóchinov (2019, p. 280), “todo discurso é um discurso dialógico orientado para outra pessoa, para sua *compreensão e resposta* real ou possível”. Não podemos perder de vista

como será a recepção dos enunciados pelo outro, pois, nas palavras desse autor, “Essa orientação para o ‘outro’, para o ouvinte, pressupõe inevitavelmente a consideração da interrelação *sócio-hierárquica* (*Idem, ibidem*)”.

O círculo bakhtiniano, por influência dos estudos da Retórica, vai denominar de “auditório” para quem destinamos nossos enunciados, que vai se constituir na orientação social, ou seja, quem são os interlocutores, a que classe pertencem, qual profissão, qual cargo ocupam etc.

Para a nossa proposta de escrita da tese, conforme já assinalamos brevemente, faremos uma análise de uma obra literária que, originalmente, foi escrita em inglês e para o teatro. Tomamos, contudo, nesta investigação, a versão de Barrie para romance, de 1911, em uma tradução para o português, com uma linguagem adequada tanto para o público infantil quanto para o adulto e acessível para o professor, assim como para a sala de aula de estudantes brasileiros, tendo em vista a nossa proposição de aula de leitura. Com esses pressupostos em mente, levamos em conta a posição de Volóchinov, em relação à construção dos personagens e suas falas:

Em prol dos interesses do escritor, que cria não só os enunciados, mas também toda a *imagem exterior* do personagem, é preciso observar que os assim chamados “modos do homem” (“saber se comportar na sociedade”) são, em sua essência, *uma expressão gestual da orientação social do enunciado* (Volóchinov, 2019, p. 280, grifos do autor).

Essa expressão gestual da orientação social do enunciado será apresentada na refração da descrição e falas dos personagens que J. M. Barrie apresenta ao seu auditório leitor, enquanto recortes de um período socio-histórico de uma sociedade inglesa com costumes próprios guardados no cotidiano das famílias. Ao ressaltar a expressão gestual da orientação social, entendemos, com Volóchinov, que ela apresenta aos seus leitores o panorama histórico e o contexto da época em que ela foi escrita, mas isso não os impede do reconhecimento das entonações que nelas se encontram, justamente pela sua tradução em português e, ainda, considerando as temáticas ali apresentadas, seu caráter atemporal e universal.

O conceito de enunciado, em Bakhtin, aparece de forma explícita no capítulo “Os gêneros do discurso”. A parte inicial, intitulada “O problema e sua definição”, já antecipa, para o leitor, que a definição do gênero está diretamente ligada à compreensão do enunciado:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. **O emprego da língua efetua-se em forma de**

enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. **Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo** não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua composição composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados *no conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Evidentemente, **cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados**, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (Bakhtin, 2016, p. 11-12, grifos nossos)

Após a definição de gênero do discurso, Bakhtin começa a apresentar a importância do enunciado, demonstrando o quanto ele está presente em todas as ações dos seres humanos:

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gêneros dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia. Porque todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto - seja de história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionários ou de estilística da língua, etc. - opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação - anais, tratados, textos de leis, documentos de escritório e outros, diversos gêneros literários, científicos, publicísticos, cartas oficiais e comuns, réplicas do diálogo cotidiano (em todas as suas diversas modalidades), etc. de onde os pesquisadores haurem os fatos linguísticos de que necessitam. (Bakhtin, 2016, p. 16).

Para o autor russo, ainda, “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (Bakhtin, 2016, p. 16-17). Assim, o enunciado é tomado, na segunda parte do texto, como *unidade da comunicação verbal/discursiva*.

Observando as explicações de Bakhtin nesta parte do texto, que vão se desenvolver em torno do detalhamento dos limites do enunciado e das diferenças entre oração e enunciado, dois aspectos nos interessam para nossa pesquisa: a compreensão responsiva e a expressividade do enunciado.

O primeiro aspecto é proposto a partir da crítica aos esquemas da comunicação criados pela “linguística burguesa”, e tomados como “ficções” ao considerarem os falantes como “ativos” e os ouvintes ou entendedores como “passivos”. Na visão bakhtiniana, o ouvinte ocupará um lugar ativo no processo da comunicação verbal:

De fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.;

[...] Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...] toda compreensão é prenda de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (Bakhtin, 2016, p. 24-25).

É possível, portanto, estabelecer uma relação direta com o papel do leitor, já que aqui, em nossa pesquisa, tratamos do leitor literário, que se tornaria, dessa forma, um coautor da obra. Articulando com o nosso objeto de investigação - a entonação -, a compreensão responsiva acontece também a partir da compreensão das entonações presentes nas falas dos personagens.

A compreensão responsiva será possível na alternância dos sujeitos falantes, caso seja uma interação face a face, ocorrerá imediatamente, caso seja de um autor e um leitor, poderá acontecer em um outro tempo e espaço e de formas diferenciadas. Mas, de qualquer forma, é preciso ao ouvinte ou ao leitor perceber outro fato importante: a conclusibilidade.

Este aspecto também está intimamente relacionado à entonação, pois o ouvinte poderá perceber uma entonação que o avisa que o falante já disse tudo até ali e espera uma resposta ao seu enunciado. Na conversa cotidiana, podemos responder oralmente ou realizar o que foi pedido; na escrita, avaliamos um trecho ou mesmo todo um conjunto, ao nos depararmos com os sinais de pontuação ou convenções da escrita, ou outras estratégias que possam advir da imaginação do autor para marcar a conclusibilidade ou acabamento do enunciado. Nas palavras do autor:

A conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições. Quando ouvimos ou vemos, percebemos nitidamente o fim do enunciado, como se ouvíssemos o “dixi” conclusivo do falante (Bakhtin, 2016, p. 35 grifos do autor).

O segundo elemento que constitui o enunciado e que o distingue, segundo Bakhtin, da oração, é a força expressiva. Essa expressividade pode ser um traço do estilo do autor ou do próprio gênero escolhido, mas é preciso sempre levar em conta a valoração do falante orientada ao objeto da fala: “[...] o enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo elemento semântico-objetal e por seu elemento expressivo, isto é, pela relação valorativa do falante com o elemento semântico-objetal do enunciado” (Bakhtin, 2016, p. 56).

A entonação constitui, claramente, o aspecto expressivo dos enunciados, mas não se trata de uma entonação gramatical, e sim expressiva, pois se refere ao todo do enunciado, mesmo que nos atemos às palavras que o compõem. Nas palavras do autor:

Desse modo, a expressividade de determinadas palavras não é uma propriedade da própria palavra como unidade da língua e não decorre imediatamente do significado dessas palavras; essa expressão ou é uma expressão típica de gênero ou um eco de

uma expressão individual alheia, que torna a palavra uma espécie de representante da plenitude do enunciado do outro como posição valorativa determinada (Bakhtin, 2016, p. 55).

Para Volóchinov/Bakhtin “o livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso é feito para ser apreendido de maneira ativa.” (Volochínov/Bakhtin, [1929] 2006, p. 99).

Neste capítulo, fizemos uma breve introdução dos conceitos básicos da fundamentação bakhtiniana que contribuem para esta pesquisa sobre a entonação. No próximo capítulo, perseguiremos a sua definição e considerações mais aprofundadas a partir das obras do Círculo.

CAPÍTULO 2 – CONCEITO DA ENTONAÇÃO NA PERSPECTIVA DAS TEORIAS DE BAKHTIN E O CÍRCULO

[...] em todo enunciado, contanto que o examinemos com apuro, levando em conta as condições concretas da comunicação verbal, descobriremos as palavras do outro ocultas, ou semi-ocultas e com graus diferentes de alteridade. Dir-se-ia que um enunciado é sulcado pela ressonância longínqua e quase inaudível da alternância dos sujeitos falantes e pelos matizes dialógicos, pelas fronteiras extremamente tênues entre os enunciados e totalmente permeáveis à expressividade do autor.

(Bakhtin, 1982)

Como apresentado na epígrafe acima, nos enunciados concretos, as palavras do outro estão ocultas, ou semiocultas e, ao desvelá-las, descobrimos que elas têm variadas formas de se mostrar, uma delas repousa na entonação.

Ao falar de entonação em suas formas de expressão, por meio semiótico, encontramos como som, mas também na forma escrita, a partir do uso de elementos gráficos (negrito, itálico, tachado, uso de outras fontes, monoespaçado etc.), ou através de convenções da escrita como sinais de pontuação, reticências etc. Para além da linguagem verbal, podemos percebê-la nos gestos, nos sinais da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, na expressão facial e corporal, e ainda na música e em tantas outras formas artísticas envolvendo diferentes linguagens.

Durante a tese, é utilizado o vocábulo entonação, embora ele apareça com várias outras denominações nas obras de Bakhtin e do Círculo, como entoação, valoração entonativa, entonação apreciativa, acentuação etc. Para nossa investigação, ela é constitutiva do enunciado, mas ao mesmo tempo possibilita ampliar as possibilidades de compreensão daquilo que já se encontra dado por meio das palavras, carregadas ideologicamente, orientado para o que não está posto de imediato, porém, pode ser inferido pelo contexto extraverbal.

Mais adiante, no capítulo de análise, são apresentadas as ocorrências de entonação na obra *Peter Pan e Wendy* (2018), de J. M. Barrie, como esse autor se utiliza desse recurso na construção de sua obra. Em cada enunciado, Barrie convida o leitor a recuperá-las, pois elas estão ali presentes e, assim, promove uma aliança com o leitor para a compreensão da obra como um todo.

Abordamos no capítulo um desta tese, aspectos relacionados à concepção de linguagem, enquanto interação discursiva, associado ao estudo do signo ideológico, da palavra, do enunciado, do acabamento e da expressividade, considerados por nós de suma importância para o *foco* de nesta pesquisa, pois esses, também, se relacionam diretamente à entonação.

Dentre os muitos conceitos teóricos de Bakhtin e o Círculo, neste capítulo, aprofundaremos o estudo sobre as apreciações valorativas nos enunciados, como veremos exemplarmente nas análises presentes nas vozes das personagens do romance que selecionamos.

Para falarmos sobre como as palavras são entoadas nos enunciados, precisamos definir, de antemão, o que é a entonação para o nosso contexto de pesquisa. Como já antecipamos, ela tem muitas definições, seja no senso comum, seja na teoria de linguagem, em diferentes obras e para diferentes autores. Arriscando uma analogia, ela representa para o artista, ao pensar em uma tela e ao selecionar as tintas para compor suas obras de arte, uma verdadeira paleta de cores que podem assumir possibilidades multifacetadas em diferentes combinações: diferentes tonalidades, diferentes nuances. Para o artista, ela representa a paleta das cores das tintas, em cores originais ou matizadas, a serem utilizadas na confecção de sua obra de arte.

Para nós, os escritores, ou falantes, a palavra é a paleta verbal necessária na construção dos enunciados, avultando inúmeras possibilidades de usos, resultando em tons e formas diferentes. A paleta de cores está para o artista, assim como as possíveis entonações da palavra estão para o autor de um enunciado ou de uma obra literária completa. A paleta verbal, como a paleta de cores, também pode assumir tons matizados e, assim, a cada nova interação, a palavra pode apresentar novas possibilidades de sentidos.

Para Volóchinov “[...] Na maioria dos casos a entonação é definida pela situação mais próxima, e muitas vezes pelas circunstâncias efêmeras. No entanto, a entonação pode ser mais essencial” (Volóchinov, 2018, p. 233). Essa percepção, em relação ao nosso objeto de estudo, se materializa nos enunciados concretos, cuidadosamente, selecionados por J. M. Barrie para a sua obra e ele se torna-se mais clara pela repetição de um mesmo vocábulo, o que pode constituir uma estratégia discursiva literária para expressá-la, em muitos momentos da narrativa a imitar o diálogo cotidiano nas cenas da rotina de uma família inglesa.

Assim, Volóchinov nos apresenta, na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, precisamente no capítulo 4, *Tema e significação na língua*, uma passagem importante, uma conversa cotidiana retirada da obra de Fiódor Dostoiévski “Diário de um escritor”. Na visão de Bakhtin, Dostoiévski é um dos autores que melhor representa o cotidiano das pessoas em todas as suas obras. A leitura desse autor faz com que o leitor se veja representado em muitos dos enunciados demonstrando como é o comportamento social das pessoas. A partir desse exemplo, observando a interação entre seis operários, Volóchinov nos mostra como a presença da entonação expressiva nos enunciados do cotidiano pode constituir múltiplos sentidos:

Um dia, num domingo, já perto de anoitecer, fui obrigado a dar uns quinze passos com uma turma de meia dúzia de artesãos bêbados e, neste momento, convenci-me de que é possível expressar quaisquer pensamentos, quaisquer sensações e até mesmo as reflexões mais profundas apenas com o uso deste substantivo, que, além de tudo, não é polissilábico. Então, um rapaz pronuncia, intenso e enérgico, o tal substantivo para expressar uma negação, cheia de desdém a algo que havia sido discutido antes. Em resposta, o segundo rapaz repete o mesmo substantivo, mas usando outro tom e sentido – o de dúvida quanto à veracidade da negação do primeiro. O terceiro rapaz, indignado contra o primeiro, interrompe-se na conversa, intenso e excitado, e grita para ele aquele mesmo substantivo, mas já com um tom de repreensão e injúria. O segundo rapaz se intromete de novo, indignado contra o terceiro, contra o ofensor, e o interrompe como se dissesse algo assim: ‘Por que foi meter o bedelho aqui? A gente estava discutindo com tranquilidade e de repente surge você do nada e começa a xingar o Filka!’. E ele expressa todo esse pensamento com aquela mesma palavra proibida, com aquele mesmo nome monossilábico de certo objeto, talvez apenas erguendo o braço e tomando o terceiro rapaz pelo ombro. Mas, de repente, um quarto rapaz, o mais jovenzinho do grupo, até agora em silêncio, provavelmente depois de descobrir uma solução para o problema que originou toda a discussão, levanta a mão em êxtase e grita... talvez ‘Eureca’? É o que os senhores acham? ‘Descobri, descobri!’? Não, nada de ‘Eureca’ ou de ‘descobri’; ele apenas repetiu aquele mesmo substantivo não dicionarizado, apenas uma palavra, mas com entusiasmo e num ganido bem alto e, pelo visto, alto demais, pois, para o sexto rapaz, o carrancudo e o mais velho, isso não soou nada bem, e ele, num relance, refreou aquele entusiasmos infantil, voltando-se para o rapazinho e repetindo num tom grave, moralizador e carrancudo... o mesmo substantivo que não pode ser dito diante das damas e que, contudo, trazia um significado claro e precioso: ‘pra que esta berrando, gastando a garganta deste jeito?!’. Assim, sem pronunciar, nem um outro termo, eles repetiram sua palavrinha predileta seis vezes seguidas, uma atrás da outra, e compreenderam plenamente um ao outro. Esse fato foi testemunhado por mim (Volóchinov, 2018, p. 233-235).

Para Bakhtin, “Dostoievski tinha um olho excepcionalmente penetrante e um ouvido sensível para ver e escutar essa luta sumamente intensa do eu com o outro em cada revelação exterior do homem (em cada rosto, gesto, palavra); em cada forma viva de convívio do seu tempo” (Bakhtin, 2011, p. 351). No excerto apresentado, embora não sejam necessárias maiores explicações, o todo que compõe a relação entre os artesãos durante a interação, bem como a apreciação valorativa que eles têm, em comum, em relação ao vocábulo utilizado, permitem que todos compreendam os vários “tons” de voz de forma diferente, e também pelo fato de conviverem no trabalho juntos e compartilharem conversas cotidianas. Em relação aos enunciados do cotidiano, temos, ainda, nesse sentido, de acordo com Volóchinov:

Na fala cotidiana, a entonação costuma ter uma significação totalmente independente de sua composição semântica. O material entonacional interior acumulado tem vazão com frequência em construções linguísticas completamente impróprias para essa entonação. Nesse caso a entonação não penetra na significação intelectual e objetomaterial da construção. Manifestamos o nosso sentimento entoando expressiva e profundamente uma palavra eventual que às vezes é uma interjeição vazia ou um advérbio. Quase todo mundo tem sua interjeição ou advérbio preferido ou às vezes uma palavra com conteúdo semântico pleno que costuma usar para uma solução

puramente entonacional de situações e emoções cotidianas insignificantes, e às vezes até importantes. Como escapes entoacionais desse tipo podem servir as expressões do gênero: “pois é, pois é”. “uhn-uhn”, “eh-eh”, “ahn-ahn” e assim por diante. O que chama a atenção é que essas palavras muitas vezes são duplicadas, ou seja, a imagem sonora é prolongada de modo artificial com o objetivo de esgotar completamente a entonação acumulada. Obviamente, a mesma palavra preferida é pronunciada com uma enorme variedade de entonações a depender das diferentes situações e emoções cotidianas (Volóchinov, 2018, p. 235-236).

Observamos, em nosso capítulo de análise, como situações análogas a esta se apresentam na obra *Peter Pan e Wendy* (2018), sobretudo nas conversas do cotidiano da personagem Sininho e as demais participantes da narrativa.

2.1 – Percepções da entonação nos enunciados

Para Bakhtin (2014), “os aspectos entoacionais da palavra” têm a capacidade de exprimir toda multiplicidade das relações axiológicas do sujeito falante. Para tanto, ele se vale do conteúdo do enunciado, ou seja, do plano psicológico e da multiplicidade das ações emocionais-volitivas do falante. A entonação está para a paleta verbal necessária na construção dos enunciados, mas a sua composição não se atrela apenas ao contexto sonoro produzido ao se dizer uma palavra. Ela está para além, pois reúne muitos outros aspectos: a entonação do dizer e do dizível desde a formação das palavras que ainda se encontram de forma abstrata para o falante em direção ao ouvinte. Assim: “Praticamente toda entonação viva do inflamado discurso da vida discorre de modo como se ela, além dos objetos e coisas, se dirigisse também aos participantes vivos e aos propulsores da vida, pois a tendência à personificação lhe é própria no mais elevado grau. [...]” (Volóchinov, 2019, p. 125).

Em uma situação de interação entre sujeitos ou entre uma obra e o leitor, para que a entonação possa ser compreendida, de forma plena, é preciso que o auditório ou o apoio coral e a situação socio-histórico sejam levados em conta, pois elas são partes constitutivas de todo o processo de interação entre os sujeitos. A percepção de cada detalhe sonoro do enunciado ou cada aspecto da escrita nas lacunas deixadas pelo autor direcionam a compreensão da entonação para um todo significativo. Sua valoração depende, ainda, da consideração sobre o interlocutor, sobre “com que se fala”, pois, para Volóchinov (2018):

“A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido, etc.). (Volóchinov, 2018, p. 204-205 grifos do autor).

Ao orientar a nossa palavra para um interlocutor o fazemos com um determinado “querer-dizer”, e por conta disso, entoamos de uma determinada maneira. Nesse ato, a nossa entonação tende a expressar os sentimentos que temos diante desse interlocutor ou situação: “medo, alegria, raiva, indiferença etc.” Esses sentimentos estão claramente demonstrados nos tons de nossa fala, ou seja, na nossa comunicação vocal. Ao entoar, o nosso corpo carrega as nossas emoções que ficam evidentes para o nosso interlocutor. Interessante observar que essa entonação acaba por demonstrar, muitas vezes, a origem do falante, pois, ao sermos inseridos em uma determinada comunidade de falantes, adquirimos naturalmente características próprias dela.

Volóchinov entende que há uma ligação entre o corpo e a produção dos enunciados. Para ele, “Essa ligação com o corpo, efetiva ou apenas possível, deve ser necessariamente sentida para que o material possa ter uma significação expressiva” (Volóchinov, 2019, p. 217). O corpo é parte integrante de todo e qualquer gesto elocutório, mas é somente no social que a significação expressiva passa a ter sentido, pois, ainda segundo este mesmo autor, “Se a avaliação expressa, por exemplo, pela entonação da voz humana fosse de fato individual, ela permaneceria no organismo” (Volóchinov, 2019, p. 217).

Não importa qual seja a situação de interação que vivenciamos, mas ao enunciar é importante que tenhamos bem claro, “[...] primeiramente, **o som expressivo da palavra**, isto é, a entonação; em seguida, a **escolha** da palavra; e, finalmente, a **disposição** da palavra no todo do enunciado” (Volóchinov, 2019, p. 286 grifos meus). Contudo, este objeto não está isolado. Ao contrário, ele está “amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações” (Bakhtin, 2014, p. 86).

Em termos de textos literários, as escolhas feitas pelo autor, em geral, tendem a focar no universo da linguagem dos personagens. A percepção e a valoração da entonação propiciam ao leitor uma sensação de pertencimento à história, ou seja, pelo reconhecimento, por conta do horizonte comum, a que já aludimos, ele tem a sensação de fazer parte do todo do enunciado presente em cada capítulo da obra com a qual está em contato.

Para Bakhtin, a alteridade entre os sujeitos integra os elementos de um discurso e ela é parte constitutiva da entonação, saber identificá-la nos permite, em uma situação de interação face a face e de leitura, uma compreensão responsiva ativa sobre os enunciados. A alteridade implica, ainda, no grau da avaliação apreciativa que cada sujeito fará de cada ato enunciativo, como veremos a seguir.

2.2 – A tríade chave para a percepção da entonação

Na obra “Diálogos em Verbetes” (2022), Joseph Bezerra do Nascimento entende que a alteridade está suposta nas práticas de linguagem, no interior da interação e na essência dos enunciados, que nunca estão isolados, pois pressupõem os outros que os precederam e, também, aqueles que os sucederão. Assim, um enunciado não será nunca o primeiro e nem o último, é sempre o elo de uma cadeia e, nesse sentido, não temos como estudá-los fora dessa perspectiva dialógica. Nascimento (2022) acrescenta “[...] Será através do outro que o indivíduo se reconhecerá e se localizará, ou não, em determinada situação enunciativa”. Esse reconhecimento, conforme vimos assinalando, está relacionado à valoração do outro em relação ao que foi dito e ou escrito. A partir dos debates de Bakhtin e o Círculo, segundo esses autores, surge uma visão mais ampliada sobre a alteridade enquanto condição para a compreensão do funcionamento da linguagem:

Já para o Círculo, compreender a relação de alteridade se faz necessário para diversos conceitos desenvolvidos sobre o funcionamento da linguagem, que se organiza em meio às regularidades desse processo e que são (des)encadeados em uma ininterrupta intersubjetividade enunciativa. É, pois, através dessa relação com o outro, que os aspectos da noção estética do sujeito se evidenciam por meio de uma visão exterior, chamada de *excedente de visão*. Sendo assim, só é possível o *eu* dar acabamento estético ao *outro* a partir de sua visão exterior (Nascimento, 2022, p. 17 grifos do autor).

É o “outro”, com seu excedente de visão, que terá condições de fazer as apreciações estéticas possíveis sobre “eu” - Para o nosso contexto de pesquisa é o “leitor-contemplador/outro” que fará a avaliação da obra do “autor/eu”. É no encontro entre os sujeitos, ou seja, a partir dos fios dialógicos que são tecidos, que se encontra um terreno fértil para a constituição dos sentidos:

[...] Assim, as relações de alteridade determinam e fundamentam a identidade do sujeito através de sistemas axiológicos que se organizam em meio aos fios dialógicos marcados de sentidos. A partir dessa maneira, podemos compreender esses fios dialógicos enquanto base primordial para a constituição do indivíduo enquanto sujeito. Uma vez que, será através dessa assertiva, que se vale o entendimento de que a singularidade é inscrita no social a partir do ato enquanto evento (Nascimento, 2022, p. 18).

Ainda na visão de Nascimento, “[...] podemos conceber o conceito de alteridade como importante para compreender o funcionamento da constituição axiológica do sujeito em sua relação com o Outro” e já que “todo discurso é inteiramente dialógico, e será, a partir disso que

entenderemos o conceito de alteridade como elementar na obra de Bakhtin e o Círculo” (Nascimento, 2020, p. 19).

É sabido que, em Bakhtin, o diálogo é o espaço de embates, das lutas e das assimetrias, que, inevitavelmente, refletem e refratam os aspectos relacionados às interações sociais entre os sujeitos. Quando utilizamos o termo diálogo, tomamos a mesma acepção da teoria bakhtiniana, num sentido mais amplo, não apenas em relação às conversas das pessoas quando se encontram face a face, mas, sobretudo, “toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.” No nosso caso, o diálogo se estabelece por meio de uma obra literária, entre autor e leitor.

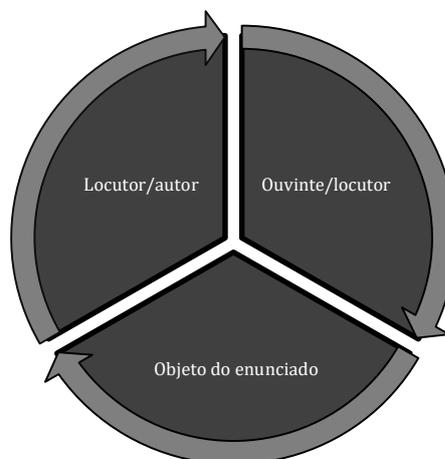
Concordamos com Fiorin (2006) que o dialogismo se constitui como o princípio da ação de um indivíduo. Partindo dessa premissa, temos que o sujeito age a partir de sua relação com os outros, se constituindo discursivamente, carregado das vozes sociais e refletindo as interações dialógicas próprias de sua realidade. Essas vozes sociais, a depender das relações estabelecidas entre os sujeitos, se tornam inúmeras, pois elas entram no horizonte social deles e são absorvidas. Para Bakhtin, “O diálogo traz a marca não de uma, mas de várias individualidades <...>” (Bakhtin, 2016, p. 115).

A professora Véronique Dahlet (2005) assevera que, para Bakhtin, a relação existente entre o dialogismo e a entonação se estabelece por uma tríade: o locutor/autor, o ouvinte/locutor e o objeto do enunciado. Essa tríade possibilita que uma obra, independente de quando ela foi escrita, estabeleça o dialogismo com leitores que não vivenciaram o mesmo recorte temporal do autor, porém, com o olhar atual podem compreender melhor a situação histórica em que se encontram. Essa relação se torna complexa, por colocar a entonação na posição de “mediadora” dos elementos:

Bakhtin reorganiza então a análise da entonação em um dispositivo complexo e dinâmico: a entonação realiza-se sob a influência mútua de três atores, que são o locutor/autor, o ouvinte/locutor e o objeto do enunciado. De sua interação contínua define-se a entonação portadora da avaliação social do enunciado. Na realidade, essa configuração de três pólos é bastante clássica, menos clássica é o lugar que Bakhtin atribui, nesse dispositivo, à entonação, que se torna então o ponto de articulação, a mediação primeira entre esses três atores (Dahlet, 2005, p. 251).

Podemos, então, inferir, a partir dos conceitos bakhtinianos, que a entonação se coloca na relação entre o locutor/autor, o ouvinte/locutor e o objeto do enunciado, podendo possibilitar maior interação entre eles três ao se colocar como ponte de ligação. Com base em Dahlet, apresentamos o esquema:

Imagem 02 – A tríade que compõe a entonação



Fonte: França, 2023 (Adaptado)

Assim, observamos com Dahlet, a articulação entre a entonação e o dialogismo, a partir do pensamento de Bakhtin, compreendendo que cada participante traz de suas vivências anteriores, com a língua e com as interações passadas, o reconhecimento das entonações:

Além disso a entonação é lugar de memória e lugar de encontro. Lugar de memória acústica e social, pois tanto o autor quanto o leitor estão totalmente impregnados de entonações, desde a mais tenra infância, e a entonação depositada no texto constitui-se da sedimentação dessas diversas entonações, ao mesmo tempo em que reflete o grupo social ao qual pertencem. Lugar de encontro, pois a entonação é o resultado, além do objeto do enunciado, do cruzamento de sua entonação respectiva (Dahlet, 2005, p. 251).

A ideia de “memória” é bem interessante e produtiva, já que é impossível ao falante e ao ouvinte atribuir um sentido à entonação do nada, uma referência anterior é acionada ali, juntamente com todos os aspectos da situação discursiva, os quais compreendemos como “camadas axiológicas do enunciado”, tópico que trataremos a seguir.

2.3 – As camadas axiológicas do enunciado

A entonação, como já assinalamos, a partir dos construtos teóricos de Bakhtin e o Círculo, é um dos elementos constitutivos mais importantes do enunciado, “é o condutor mais flexível e sensível daquelas relações sociais existentes entre os falantes em uma dada situação [...] é a *expressão sonora da avaliação social*” (Volóchinov, 2019, p. 287 grifos do autor). É, portanto, o fio condutor capaz de constituir os sentidos nos diálogos entre os sujeitos nos diferentes contextos sociais.

Neste sentido, a entonação pertence ao terreno da valoração social e, em uma relação entre interlocutores, podemos perceber camadas axiológicas nos enunciados compondo a entonação. Elas podem ser compreendidas separadamente e ou todas de uma vez, como as apresentamos na **Imagem 03** - As camadas axiológicas do enunciado:

Imagem 03 – As camadas axiológicas do enunciado



Fonte: França, 2023

A situação extraverbal, o juízo de valor, o ato emotivo volitivo e a apreciação valorativa, bem como outros elementos de análise linguística, estão presentes na constituição dos enunciados concretos. Em nosso entendimento, são esses os elementos que vão auxiliar na percepção e compreensão da entonação, a partir da fundamentação teórica bakhtiniana. Apresentamos, a seguir, breves considerações sobre cada um.

2.3.1 Situação extraverbal: a parte presumida e a percebida nos enunciados

Trazemos, inicialmente, um recorte de texto de Volóchinov, “Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado”, especificamente “A parte extraverbal (subentendida) do enunciado”, em que ele aborda a questão da apreensão do enunciado:

Em suma, todo enunciado efetivo e real é dotado de um “sentido”. Contudo, se tomarmos um enunciado qualquer, o mais comum (modelar), nem sempre podemos de imediato apreender o seu sentido. [...]. No entanto, por mais que nos esforcemos, não compreenderemos o sentido desse enunciado se não conhecermos todas as condições nas quais ele é pronunciado. Em condições e em um ambiente diferente, esse enunciado sempre terá sentidos distintos (Volóchinov, 2019, p. 280 grifos do autor).

O reconhecimento das condições de produção de um enunciado requer atenção por parte do ouvinte/leitor, pois, como assevera Volóchinov, “é como se todo enunciado fosse formado de duas partes, uma “verbal” e outra “extraverbal” (Volóchinov, 2019, p. 283 grifos do autor).

Assim, no processo de produção e compreensão da linguagem, um conjunto de fatores presentes no extraverbal do enunciado, como o contexto social, cultural, histórico e, sobretudo, o situacional dos sujeitos falantes de uma comunidade linguística precisa ser levado em conta.

Ainda para Volóchinov (2019):

[...] a situação extraverbal não é em absoluto uma simples causa externa do enunciado, ou seja, ela não age sobre ele a partir do exterior, como uma força mecânica. Não, *a situação integra o enunciado como uma parte necessária da sua composição semântica*. Portanto, o enunciado cotidiano como um todo, como um todo consciente, é composto de duas partes: 1) a parte verbalmente realizada (ou atualizada) e 2) a subentendida (Volóchinov, 2019, p. 120 grifos do autor).

No contexto dos elementos axiológicos constitutivos da entonação, como antecipamos, evidenciamos a situação extraverbal presente nos enunciados, retomando a afirmação bakhtiniana de que eles são constituídos por duas partes: a percebida e a presumida. A percebida é constituída, necessariamente, pelas marcas linguísticas, verbais e não-verbais presentes em cada enunciado; a presumida se constitui nas interações socio-históricas e discursivas, nos implícitos que se encontram nas relações entre os sujeitos no momento das interações e que dependerão desse momento para sua realização. Assim, para os estudiosos Menegassi e Cavalcanti:

Nesse bojo, o extraverbal é caracterizado pelo que não foi dito explicitamente, portanto, não marcado em linguagem verbo-visual, em que o contexto pode ser compreendido pelos envolvidos na interação por meio de circunstâncias não linguísticas conhecidas pelos interlocutores e que complementam o sentido que se quer dar aos enunciados. Muitas vezes, pode ser visto apenas como uma imagem que complementa os enunciados, o não verbal, mas vai além ao manter a característica social que faz parte das interações verbais (Menegassi; Cavalcanti, 2013, p. 435).

Como vimos em exemplos anteriores, a marca do extraverbal se encontra nas relações que são desenvolvidas na proximidade entre o convívio dos sujeitos entre si. Esse contexto, do não dito, trazido pelo momento enunciativo, ativa nos sujeitos falantes a compreensão do todo do ato enunciativo, pois o meio social determina os sentidos que serão produzidos naquele instante. Somente a percepção do todo do enunciado, em uma relação de proximidade, pode suscitar os sentidos ali presentes para os sujeitos da interação ora face a face, ora entre autor e leitor.

Tanto para Menegassi quanto para Cavalcanti, “Cabe justamente ao interlocutor identificar essas características no meio social, para que a compreensão do enunciado se qualifique, permitindo que a interação se instale e a enunciação se efetive, gerando o ato comunicativo” (Menegassi; Cavalcanti, 2013, p. 436).

Todo enunciado, ainda que os mais simples e primitivos, ou seja, aqueles apresentados nas relações cotidianas, encerram em si, entre os participantes, conforme Volóchinov (2019), “o horizonte “subentendido” extraverbal como um ingrediente necessário”. Este autor divide este horizonte em três componentes: “espacial, semântico e valorativo”. Este horizonte, aqui apresentado, é um dos elementos mais importantes para que possamos compreender como acontecem as relações entre os interlocutores, tendo a entonação como elemento ali constitutivo dos sentidos criados.

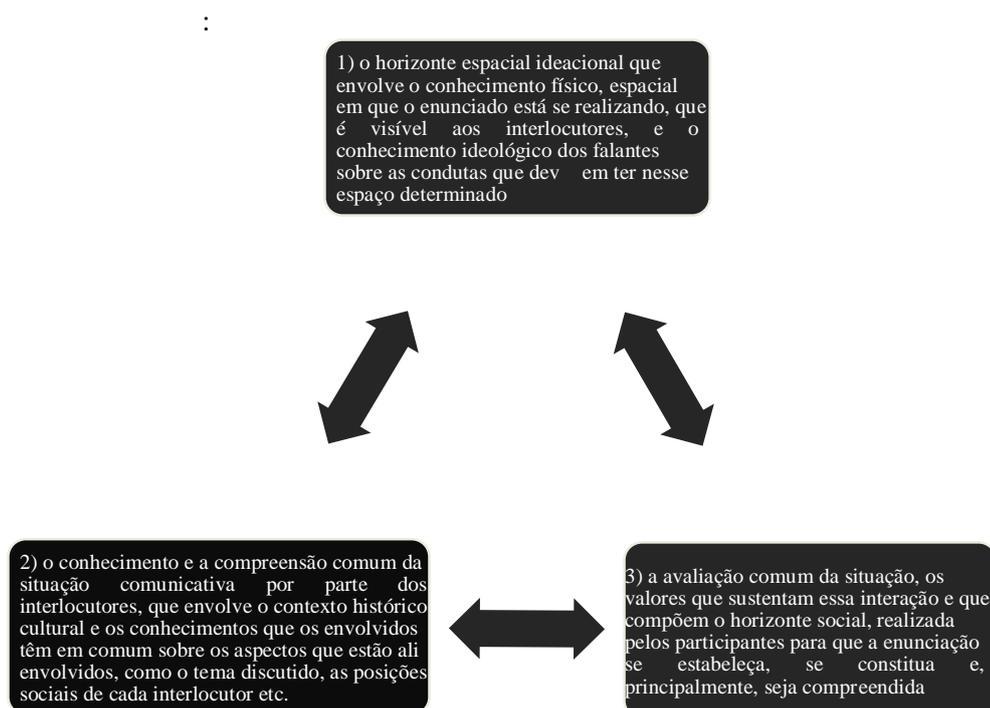
O componente espacial refere-se, em nossa compreensão, ao fato de que os interlocutores ocupam o mesmo espaço físico, como numa interação face a face. Entretanto, podemos ampliar essa noção, para um espaço que abrange um território, um grupo social, ou uma mesma cultura. Um exemplo é quando ouvimos uma piada, caso pertencemos a um mesmo grupo social e cultural, iremos rir (ou não), mas será possível uma compreensão ativa. Se não há o mesmo horizonte espacial, não iremos rir ou sequer compreender o porquê as pessoas riem da piada. O componente semântico diz respeito, ainda, ao fato de que os interlocutores reconhecem as palavras utilizadas como palavras de uma língua que dominam e conseguem atribuir um significado a elas.

Já o horizonte valorativo é a condição *sine qua non* para que as relações entre os falantes de uma comunidade possam ser estabelecidas. Nesta definição, temos que é praticamente impossível uma avaliação individual, pois o horizonte, como definido acima, não pode ser composto de um único locutor, ao contrário o locutor é apenas uma parte do todo desta representatividade. Os interlocutores tendem a avaliar a situação, e, por conseguinte, a palavra enunciada, em uma mesma direção, pois pertencem a um mesmo horizonte “subentendido”. Nas palavras de Volóchinov (2019);

[...] as avaliações subentendidas não são as emoções individuais, mas os atos socialmente lógicos e necessários. Já as emoções *individuais* podem acompanhar o *tom principal da avaliação social* apenas na qualidade de *tonalidades*: o “eu” pode se realizar na palavra apenas apoiando-se no “nós” (Volóchinov, 2019, p. 121).

Menegassi e Cavalcanti, ao contribuírem para a temática do extraverbal, desenvolvem a questão do horizonte, a partir das teorias do Círculo, denominando os três pressupostos a serem observados em relação a sua constituição como: o horizonte espacial, o conhecimento, a compreensão e a avaliação de mundo da situação. Trazemos uma visualização destes elementos na **Imagem 04** – Os elementos constitutivos do extraverbal a seguir:

Imagem 04 – Os elementos constitutivos do extraverbal



Menegassi; Cavalcanti (2013, p. 436, adaptação nossa).

Como é possível perceber, os três pressupostos que compõem o extraverbal no enunciado se completam. Em uma situação pragmática, e concordamos com Menegassi e Cavalcanti (2013), não é possível separá-los, e essa distinção foi feita pensando na questão organizacional: “Para defini-los, aqui, tentou-se, para uma melhor compreensão e organização metodológica, conceituá-los separadamente, por uma questão apenas didática, sabendo que sua realização é feita num conjunto concomitante e recursivo”. Ainda pensando na constituição dos sentidos produzidos na interação entre os sujeitos:

Nesse sentido, o discurso verbal nasce de uma situação pragmática extraverbal, ou seja, o enunciado, mais seu entorno físico, espacial, ideológico e cultural, está diretamente ligado à vida em si e se for desvinculado dela perderá a sua significação. Sobre a questão, Clark e Holquist (1998, p. 244) comentam: “O traço diferenciador do discurso cotidiano não é o seu vocabulário ou o seu padrão sintático, porém a sua

relativa dependência do contexto imediato.”, isto em qualquer situação, mesmo na escrita (Menegassi; Cavalcanti, 2013, p. 436).

Esse posicionamento de Clark e Holquist, trazido por Menegassi e Cavalcanti, demonstra a importância de se levar em conta todos os elementos extraverbais que compõem as produções que estão presentes nas interações cotidianas e que, às vezes, não são devidamente analisados, mas que têm seu valor em todas as situações na construção dos enunciados. Porém, para que eles sejam percebidos, existe a necessidade de que os interactantes tenham o devido conhecimento de toda a situação, ou seja, daquilo que é percebido e daquilo que é presumido.

Reafirmamos que, ao observar a situação extraverbal, ou seja, todas as partes que compõem a situação de interação, também temos o que Bakhtin entende como a parte presumida ou, ainda, na compreensão de Menegassi e Cavalcanti (2013), o contexto imediato:

[...] Para o Círculo, também é denominado parte presumida ou contexto imediato a parte conhecida dos envolvidos na enunciação e pode ter um escopo maior ou menor, podendo o horizonte comum expandir-se no tempo e no espaço. Se o horizonte real presumido de um enunciado é estreito, a mudança mais momentânea dentro deste horizonte pode se tornar a parte presumida. Se o campo de alcance for mais amplo, o enunciado pode agir apenas se sustentado em fatores constantes e estáveis da vida e em avaliações sociais substantivas e fundamentais. Isto significa que, quanto mais amplas e substanciais forem as interações sociais, maior conhecimento de situações extraverbais os interlocutores passam a ter (Menegassi; Cavalcanti, 2013, p. 436-437).

A seguir, apresentaremos um pequeno exemplo para ilustrar como se constitui o extraverbal nos enunciados. Eis o enunciado: *Ei, deita, moço!* (Padilha, 2021, p. 30, grifos da autora).

Como oração da língua, podemos descrevê-la por uma interjeição de alerta ou chamamento *ei*, seguido de uma solicitação, feita pelo verbo no imperativo, *deita*, e o vocativo *moço!* Em uma leitura apenas como decodificação das palavras, compreendemos como uma solicitação para alguém, um moço, se deitar. Mas, qual o contexto? O leitor precisa ter o todo de onde ele foi extraído. Partindo também de um exemplo sem quaisquer informações contextuais, Volóchinov questiona: “Mas por que não entendemos nada dessa conversa?” E ele mesmo responde:

Justamente por desconhecermos a segunda parte, extraverbal, do enunciado, que determina o sentido da sua primeira parte, verbal. Em primeiro lugar, não sabemos “onde” e “quando” acontece essa conversa; em segundo, não conhecemos o seu “objeto”; e, finalmente, em terceiro, desconhecemos a “relação” de ambos os interlocutores com esse objeto: a sua “avaliação” mútua dele (Volóchinov, 2019, p. 284 grifos do autor).

O excerto acima apresentado como exemplo de enunciado foi retirado do livro de poemas “Serena poesias” da autora professora doutora Simone de Jesus Padilha. Selecionamos um título de um dos poemas, que também constitui um verso que se repete, para demonstrar que um excerto fora de seu contexto real não faz pouco ou nenhum sentido. Mas que convidamos você a fazer essa leitura.

Assim, o sentido que se busca somente será constituído no momento em que o leitor tiver diante de si a obra aberta na página indicada e fizer as devidas valorações em relação ao poema. É possível perceber, então, que Volóchinov toma as duas partes do enunciado como aquele que é compreendido a partir da leitura das palavras, e a outra que é a presumida, ou subentendida, dependendo de um contexto extraverbal para sua compreensão.

Podemos ilustrar ainda com um exemplo de nosso *corpus* – os enunciados do romance *Peter Pan e Wendy* (2018). Quase ao final do romance, o narrador traz uma fala que aparentemente pode ser atribuída ao pai de Wendy, o Sr. Darling:

— *Maldição! Essas crianças de novo?* (Barrie, 2018, p. 197)

A entonação parece ser de uma pessoa muito irritada com as crianças (ou o retorno delas, que é o caso na narrativa), que utiliza imprecisões, como “Maldição”. Entretanto o contexto aqui é do próprio narrador que está a imaginar a reação dos pais de Wendy com o retorno dos filhos. Assim, destacada do contexto geral do enredo, o leitor não consegue supor, interpretando a expressão como de irritação e valorando o Sr. Darling como uma pessoa desagradável. No entanto, o leitor que acompanha a narrativa alcança o presumido e sabe que foi uma suposição do narrador que se coloca dentro da história como alguém que pode participar dos fatos que ali se desenrolam.

Ainda sobre o extraverbal, ao considerá-lo enquanto parte constitutiva de um enunciado, coadunamos com Sobral (2009) que seu processo de produção e de circulação no mundo, bem como de sua recepção por outros sujeitos, dependem da importância que cada um atribuirá a ele. Passaremos, agora, mais amiúde, a falar sobre o juízo de valor.

2.3.2 O juízo de valor no contexto do extra emocional

Em relação ao juízo de valor, entendemos, com Bakhtin, a importância de se observar a questão do emocional, pois o significado de cada palavra é “extra emocional”, ou seja, ela extrapola o seu sentido enquanto palavra dicionarizada. Ao ser utilizada, ela ganha vida e passa a fazer parte de uma corrente discursiva entre os sujeitos: “[...] a emoção, o juízo de valor, a

expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo do seu emprego vivo em um enunciado concreto” (Bakhtin, 2011, p. 292).

Em si mesmo, o *significado* de uma palavra (sem referência à realidade concreta) é extra emocional” (Bakhtin, 2011, p. 292, grifos do autor). Nesse sentido, esse autor entende que o extra emocional está relacionado aos sentimentos que são atribuídos aos enunciados no momento da interação. Para Bakhtin, as palavras, ao serem empregadas em um enunciado concreto, podem significar emoções, juízos de valor: “alegria”, “sofrimento”, “belo”, “triste”, etc. Porém, elas são igualmente neutras como as demais dentro do conjunto de palavras de uma língua. Sobre o juízo de valor ele assevera:

O colorido expressivo só se obtém no enunciado, e esse colorido independe do significado de tais palavras, isoladamente tomado de forma abstrata: por exemplo: “Nesse momento, qualquer alegria é só amargura para mim.” – aqui a palavra “alegria” recebe entonação expressiva por assim dizer a despeito de seu significado (Bakhtin, 2011, p. 292).

Apesar de as palavras já trazerem, por natureza, uma carga ideológica de usos em enunciados anteriores, é o juízo de valor que vai orientar os sentidos, marcado, no momento da interação, pela entonação. Como no exemplo acima, apesar de o vocábulo “alegria”, em um dicionário, evocar o sentido de algo relacionado ao que é bom: “Sentimento de grande contentamento, de satisfação, de prazer etc.”, o valor que o falante imprime é de oposição: “Tristeza ou angústia; Severo e amargo, qualidade de quem é intransigente; De sabor amargo; Amargor; Excesso amargura”.

Dessa maneira, o juízo de valor do falante entoa de uma forma ou de outra as palavras que compõem o enunciado, colocando, ali, seu querer-dizer expressamente.

2.3.3 O ato emotivo-volitivo para Bakhtin

Consoante Bakhtin, o ato emotivo-volitivo, em suas obras, sobretudo no texto filosófico “Para uma Filosofia do Ato Responsável (2010)”, está amalgamado com os momentos experienciados por cada pessoa - aquilo que é interativo e dinâmico - que ele denomina de “vivências”, ou seja, os contextos emocionais e volitivos de cada sujeito ao se posicionar de forma ética com consciência participativa, a partir de seu lugar, em seu contexto social, histórico e cultural. Ainda para esse autor, tudo o que é experimentado obtém uma entonação e estabelece uma relação afetiva entre o objeto e o sujeito. Assim, cada um responde ao seu ato, pois o tom

emotivo-volitivo está diretamente ligado ao ato, até mesmo do pensamento mais abstrato. Nesse sentido:

O verdadeiro pensamento que age é pensamento emotivo-volitivo, é pensamento que entoa e tal entonação penetra de maneira essencial em todos os momentos contedústicos do pensamento. O tom emotivo-volitivo envolve o conteúdo inteiro do sentido do pensamento na ação e o relaciona com o existir evento singular (Bakhtin, 2017, p. 87).

Bakhtin ainda acrescenta em relação ao ato emotivo-volitivo, a necessidade de se observar a valoração efetiva:

Todavia para tornar-se realmente realizado e incorporado ao ser histórico do conhecimento real, o conteúdo válido em si de uma possível experiência vivida (de um pensamento) precisa entrar em uma ligação essencial com a valoração efetiva; somente como valor efetivo ele é por mim experimentado (pensado), isto é, somente posso pensá-lo verdadeiramente e ativamente em tom emotivo-volitivo (Bakhtin, 2017, p. 86-87).

O autor russo ainda assevera que a “expressão do ato”, assim como “a expressão do existir-evento único”, necessitam da palavra em sua total plenitude. Portanto, podemos dizer que tanto do “aspecto de conteúdo-sentido (a palavra conceito)”, quanto do “emotivo-volitivo (a entonação da palavra) em sua unidade”, no ato de linguagem, mediado pelo enunciado, constitui-se o sentido do ato de dizer. É nesse contexto do ato de dizer, a partir do tom emotivo volitivo, que é possível observar a presença da entonação nas relações de interação que acontecem o tempo todo constituindo, assim, a linguagem de uma sociedade.

Os sujeitos, ao interagir, mobilizam juízos de valores e respondem ativamente uns aos outros. Qualquer não ação destas implica na “morte” do sujeito e do sentido, pois se deixa de produzir o tom emotivo-volitivo. Mesmo em uma abstração, em uma imagem, em um pensamento criado na mente, esse tom está presente, pois ele é parte constitutiva de um todo socio-histórico assimilado ao longo do tempo e reverbera do interior de cada sujeito.

Como vimos, anteriormente, esse reverberar no interior do sujeito refrata os valores de uma cultura guardados no “eu” de cada um, sendo sempre parte integrante de um todo, sem que possamos pensar de forma isolada. Assim, para Bakhtin (2017), o tom emotivo-volitivo não pode ser separado do contexto unitário e singular de uma consciência viva, pois fazemos todos parte do grande diálogo da vida e, desse modo, partilhamos, inevitavelmente, todas as nossas sensações ao interagir com o outro.

2.4 – Os vestígios da entonação nas obras de Bakhtin

Esta seção é dedicada à exploração do conceito de enunciado nas obras de Bakhtin e o Círculo. Buscaremos apresentá-las em ordem cronológica, lembrando que o termo entonação foi utilizado, muitas vezes, com diferentes denominações e se liga direta ou indiretamente a outras noções bakhtinianas, compondo uma rede teórica.

É possível perceber, nos quadros apresentados, a presença do conceito de entonação, desde a sua primeira aparição na obra “Para uma Filosofia do Ato Responsável” (2017) - escrita na década de 1920, e depois recorrentemente em outros textos. Esse conceito ganhou várias definições e, ao estudá-las, compreendemos melhor os sentidos que um mesmo vocábulo pode apresentar em uma esfera teórica, filosófica, desenvolvida no teor da produção de um grupo de intelectuais. Assim, ao se apresentar como uma possibilidade de ampliação da compreensão de um texto por ser uma das partes constitutivas essenciais do enunciado, tomamos a entonação como a base para a nossa análise da obra *Peter Pan e Wendy* (2018), de J. M. Barrie.

Bakhtin toma a palavra viva em contexto de uso vivo da fala para seus estudos. Para ele, a palavra em si, dentro de um contexto social, é relativamente estabilizada em seu significado, pois ela não tem a ver com o objeto inteiramente dado. Daí seus estudos sobre a palavra apontarem para uma relação “não indiferente, mas interessado-afetiva”. Esta afetividade está diretamente ligada à associação que fazemos ao selecionar um vocábulo em detrimento de outro para que ele possa se adequar da melhor forma ao nosso querer dizer em uma dada situação de interação.

Retomamos, aqui, o contexto da palavra ao se observar a relação de afetividade, em que se é possível perceber o nosso objeto de pesquisa em cada ato enunciativo, pois ainda, segundo esse filósofo russo, “[...] (uma palavra realmente pronunciada não pode evitar de ser entoada, a entonação é inerente ao fato mesmo de ser pronunciada) [...]” (Bakhtin, 2017, p. 85-86).

Para cada ato enunciativo, em cada esfera de comunicação, haverá posicionamentos diferentes em relação ao mesmo enunciado. Cabe a cada sujeito falante identificar, durante a interação entre os sujeitos, “[...] a minha atitude avaliativa em relação ao objeto - o que nele é desejável e não desejável - e, desse modo, movimenta-o em direção do que ainda está por ser determinado nele, torna-se momento de um evento vivo. [...]” (Bakhtin, 2017, p. 86). É o contemplador/leitor/ouvinte/o outro da interação quem identifica a entonação, o sentido da palavra entoada.

Retomemos como o conceito de entonação apareceu na primeira obra de Bakhtin – “Para uma Filosofia do Ato Responsável. Ao tratar da “linguagem como “ato”, como “evento” em

toda a sua completude, Bakhtin articula a entonação, que constitui, conjuntamente com o “conteúdo-sentido”, a plenitude da palavra.

Destacamos, ainda, a indissociabilidade dos conceitos axiológicos e a entonação, como vimos nas seções anteriores, que ao serem considerados em uma análise de um enunciado concreto, como constitui nosso romance em questão, propiciam ao analista/leitor maior integração com a obra, desencadeando-se, no encontro entre os seus conhecimentos de mundo trazidos e a proposta discursiva do autor, um processo de reflexões sobre a composição literária e suas infinitas possibilidades, evidenciando-se a relação entre vida e arte.

Assim, temos que a “avaliação-apreciativa” consiste na avaliação que cada sujeito, a depender da apreciação que ele tem sobre determinado objeto (tema) da interação, poderá fazer sobre ele, ou não e o “tom emotivo-volitivo” a determinar o todo de uma interação, cabendo a ele orientar e afirmar realmente o conteúdo-sentido. Trazemos os excertos a seguir no quadro 02:

Quadro 02 – Para uma Filosofia do Ato Responsável (Bakhtin, [1920-1924] 2017)

Obra: Para uma Filosofia do Ato Responsável

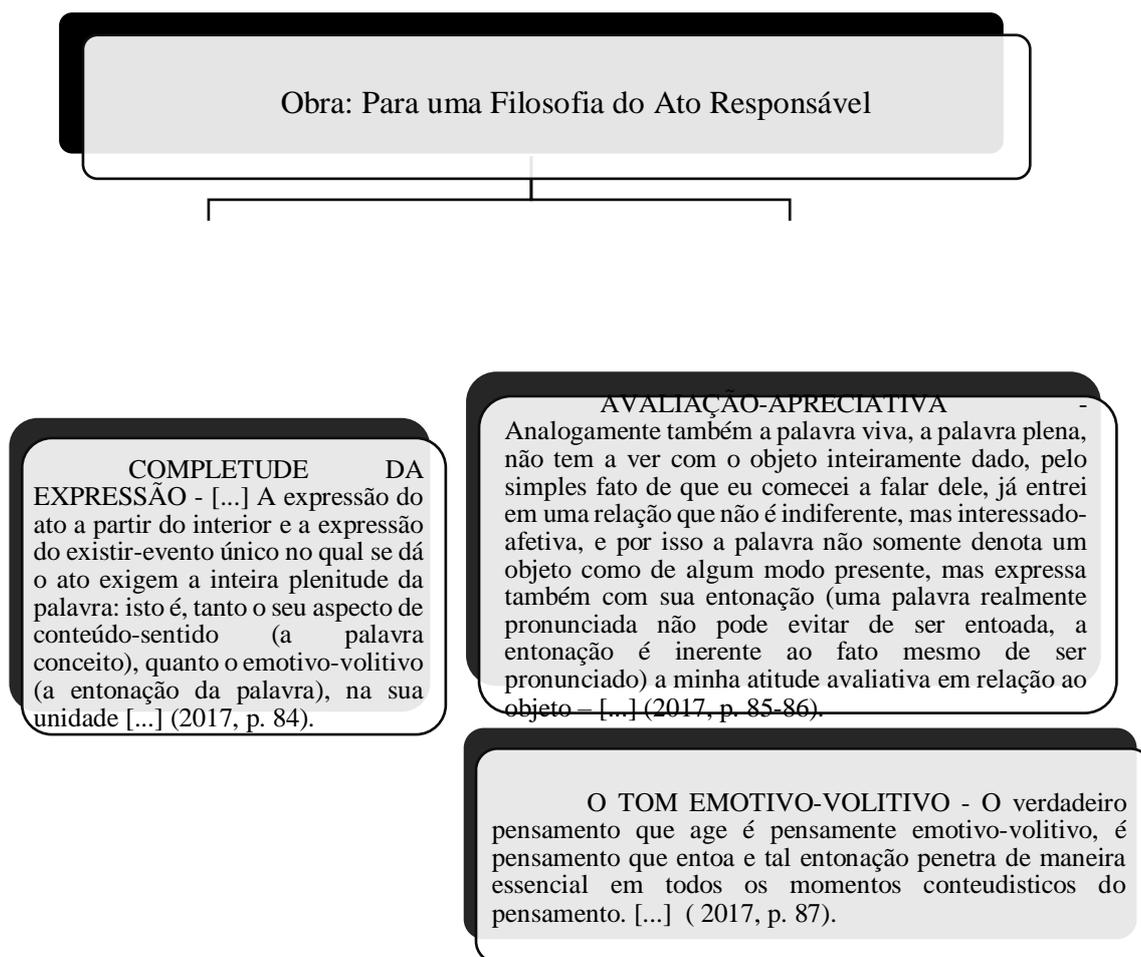
```
graph TD; A[Obra: Para uma Filosofia do Ato Responsável] --- B[COMPLETUDE DA EXPRESSÃO]; A --- C[APRECIATIVA]; A --- D[TOM EMOTIVO-VOLITIVO];
```

COMPLETUDE DA EXPRESSÃO
- [...] A expressão do ato a partir do interior e a expressão do existir-evento único no qual se dá o ato exigem a inteira plenitude da palavra: isto é, tanto o seu aspecto de conteúdo-sentido (a palavra conceito), quanto o emotivo-volitivo (a entonação da palavra), na sua unidade [...] (2017, p. 84).

APRECIATIVA - Analogamente também a palavra viva, a palavra plena, não tem a ver com o objeto inteiramente dado, pelo simples fato de que eu comecei a falar dele, já entrei em uma relação que não é indiferente, mas interessado-afetiva, e por isso a palavra não somente denota um objeto como de algum modo presente, mas expressa também com sua entonação (uma palavra realmente pronunciada não pode evitar de ser entoada, a entonação é inerente ao fato mesmo de ser pronunciado) a minha atitude avaliativa em relação ao objeto – [...] (2017, p. 85-86).

TOM EMOTIVO-VOLITIVO - O verdadeiro pensamento que age é pensamente emotivo-volitivo, é pensamento que entoa e tal entonação penetra de maneira essencial em todos os momentos conteudísticos do pensamento. [...] (2017, p. 87).

Fonte: França, 2023 (Adaptado)



Fonte: França, 2023 (Adaptado)

Do texto “Os gêneros do discurso” (1952-1953), selecionamos três trechos que entendemos estar mais em consonância com os nossos estudos. Ao desenvolver sua argumentação sobre a diferença entre enunciado e oração e destacar as peculiaridades de acabamento, assimilabilidade do discurso do outro e expressividade do enunciado, Bakhtin retoma o tema da entonação.

Em relação à “conclusibilidade” ou “acabamento”, este conceito se relaciona com as formas de finalização, conclusão de tudo o que um falante gostaria de dizer sobre um determinado tema, que determinaria o momento exato da percepção de cada sujeito tomar o turno de fala e dar continuidade à interação. A partir deste momento, dito “dixi”, o interlocutor tem a possibilidade de *responder* ao falante. Podemos inferir que a percepção do “dixi” só acontece após o reconhecimento da entonação.

Mais adiante, no mesmo texto, considera-se que, se uma oração não for tomada apenas como unidade da língua e sim como unidade da comunicação verbal, não pode ser vista

unicamente do ponto de vista gramatical, pois ela intercambia “palavras, grupos de palavras, enunciados” e, nesse amalgamar, a entonação lhe é constitutiva, despertando para os sentidos.

Essa percepção é fundamental para a nossa pesquisa, pois ela demonstra como o autor de uma obra a tem como fio condutor desde o início das primeiras palavras, na escolha de cada um dos enunciados, bem como na tessitura de cada um dos parágrafos e dos capítulos até a formação do todo do enunciado, ou seja, a obra como um todo. A conclusibilidade presente em cada um dos enunciados concretos direciona para a organização dos pensamentos do leitor e o conduz para suas próprias considerações sobre os sentidos constituídos pelas entonações.

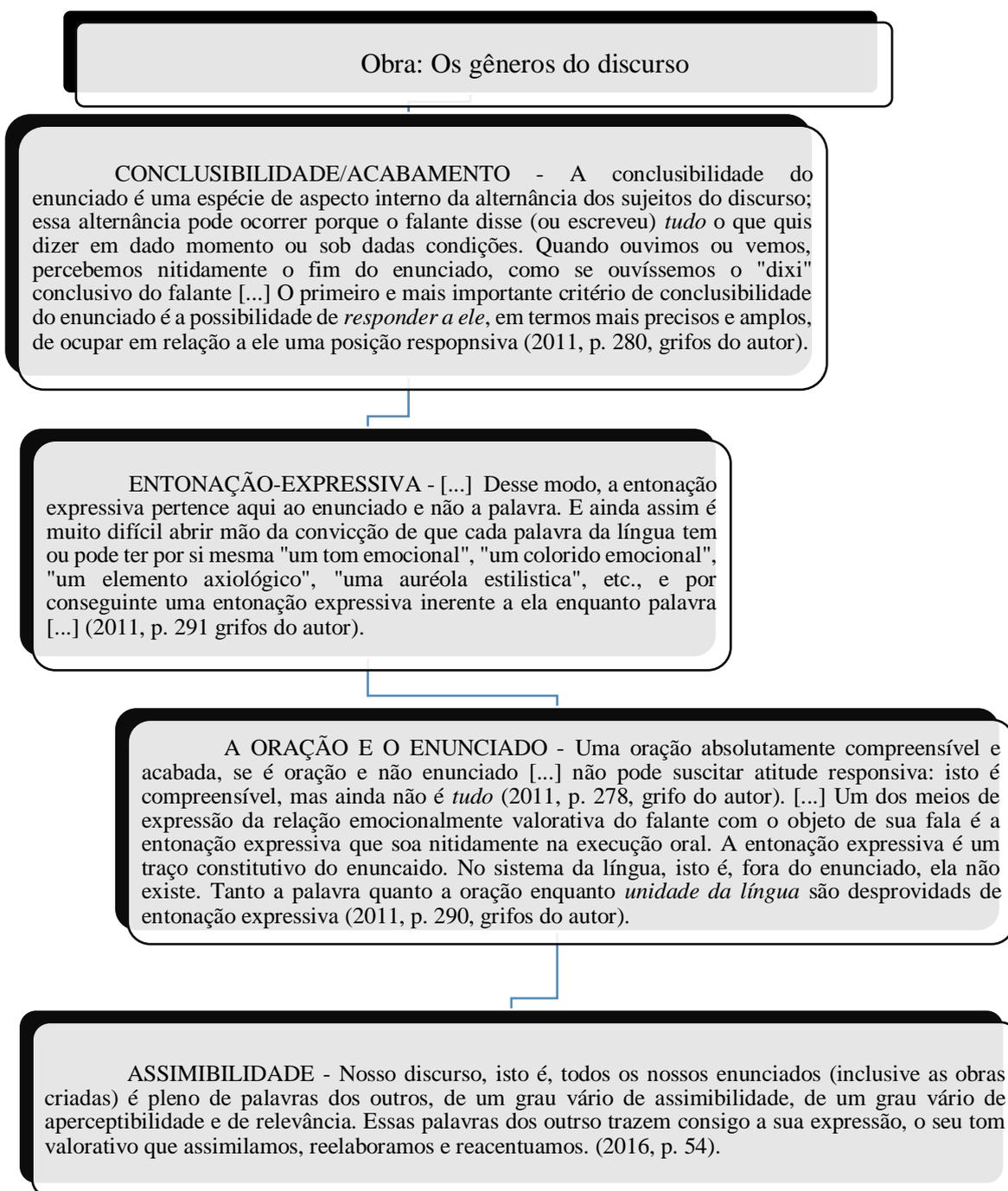
Já a “entonação expressiva” em um enunciado representa as qualidades nele expressas. É a partir dela que é possível observar, nas palavras, o que Bakhtin chama de “tom emocional”, característico de como cada sujeito expressa suas palavras; “um colorido emocional”, a beleza presente em cada enunciado selecionado para cada momento adequado de uma dada situação; “um elemento axiológico”, ou seja, o estudo investigativo dos valores morais, éticos, estéticos e espirituais; “uma auréola estilística”, que observa não apenas a gramática, mas sobretudo a intenção estética expressiva para intensificar o enunciado e, assim, sobrepor a função de apenas informar. Essa expressividade pode ser, como veremos na análise, construída de várias formas pelo romancista.

Não apenas em relação ao romancista, mas em todas as relações de interação humana é possível observar que os enunciados, ao serem produzidos, não partem do individual e sim do social. Eles são intercambiados nos encontros face a face e podem acontecer, também, na interação entre o leitor e o autor, no diálogo estabelecido durante a leitura de uma obra que retrata as concepções ideológicas e sócio histórica do autor.

Em relação à “assimilidade”, temos a ideia de que, na constituição ideológica da linguagem, um discurso traz outros discursos em seu bojo, e a percepção deste aspecto pode ser realizado pela entonação, mas ainda que na assimilação da palavra do outro assimilamos também a entonação.

Também é possível evidenciar nos dados encontrados como um personagem “assimila” as palavras de outro, como, Wendy e sua mãe, Sra. Darling, ou Peter e o Capitão Hook. Como destaque em alguns excertos no quadro 03 a seguir:

Quadro 03 – Os gêneros do discurso (Bakhtin, [1952-1953] 2011; 2016)



Fonte: França, 2023 (Adaptado)

Outro texto em que encontramos referências à entonação é “A Construção de Enunciação e Outros Ensaios” (1928), de Volóchinov, em que ele apresenta considerações sobre a entonação de forma mais aprofundada. Entendemos, com esse autor, que o sujeito, ao enunciar, dependendo

de como ele utiliza o tom, tanto oral quanto escrito, orienta para o ouvinte/leitor os seus sentidos. Esse fato é próprio da vida ordinária, do discurso oral, mas também dos enunciados escritos, literários, que retomam, na maior parte das vezes, as entonações do cotidiano. Ao selecionar uma obra literária enquanto nosso objeto de pesquisa, sabemos que seu autor-criador “bebe” do discurso cotidiano - e conseqüentemente das respectivas entonações da linguagem cotidiana, ao formular os diálogos entre os personagens, bem como ao inserir a voz do narrador que, em *Peter Pan e Wendy*, 2018, tem uma importante participação na composição da narrativa, como veremos mais à frente no capítulo analítico.

Quadro 04 – A construção da enunciação/Outros ensaios (Volochínov, [1928] 2013)

Obra: A Construção da Enunciação e Outros Ensaios (Volochínov, [1928] 2013)

ENTONAÇÃO - O vínculo entre a enunciação, sua situação e o seu auditório se estabelece, sobretudo, pela entonação. [...]. Agora sublinhemos o fato de que a entonação tem um papel essencial na construção da enunciação tanto da vida cotidiana quanto da artística. Existe um provérbio bastante difundido: “*o tom faz a música*”. Precisamente esse “tom” (a entonação) faz a “música” (o sentido, o significado geral) de qualquer enunciação. Uma mesma palavra, uma mesma expressão, pronunciadas com uma entonação diferente, toma um significado diferente. Uma expressão depreciativa pode tornar-se carinhosa; uma expressão carinhosa pode tornar-se depreciativa. Uma palavra afirmativa pode ser uma pergunta – “Sim!” e “Sim?” – uma fórmula de pedido de desculpas pode se tornar uma demanda: “*Desculpe-me, peguei seu abrigo*” e “*Desculpe-me, este é meu abrigo*”. (Volóchinov, 2013, p. 174).

Fonte: França, 2023 (Adaptado)

A última obra que destacamos nesta seção é a de 1926, intitulada “A palavra na vida e a palavra na poesia”, de Volóchinov. Encontramos, nessa publicação, várias alusões à entonação.

Retomamos, inicialmente, neste texto, ao tema do “verbal” e do “extraverbal”, em que, para fora dos limites do linguístico, os elementos extraverbais propiciam a compreensão dos sentidos do enunciado. Entre um e outro se encontra a entonação. Em cada um dos enunciados de uma obra literária, é possível se perceber a relação existente entre o que foi dito e o que ficou por dizer, ou o que foi dito e o que ficou subentendido. Nesse caso, cabe ao leitor/ouvinte acionar seus conhecimentos para se desvelem os sentidos e já se tenha, de imediato, abertura para as possíveis entonações que se possam suscitar.

Já a “metáfora gestual” é lembrada por Volóchinov para explicar a “metáfora entonacional”, que situadamente pede a compreensão do interlocutor. Para que a entonação seja percebida, ela precisa da avaliação comum da situação pelos envolvidos, ou seja, ela depende do apoio coral.”

Sobre a “dupla orientação”, a avaliação social do sujeito, determinada pelo gênero que está sendo utilizado, aponta para a escolha da palavra, da forma, assim como determina a “expressão pura e típica na entonação expressiva”. A língua se constitui em um universo de valores, portanto, o gênero se constitui em uma totalidade com dupla orientação: para os ouvintes e para o objeto. Como breve ilustração, na obra *Peter Pan e Wendy* (2018), já na abertura, encontramos a fala da senhora Darling conversando com a Wendy, de apenas dois anos de idade, e nesse contexto, temos que o discurso dela não é, verdadeiramente, direcionado à filha, mas sim ao tempo que ela não pode controlar, o que, de certa maneira, constitui uma crítica por este não permitir que sua filha permaneça criança para sempre.

Volóchinov vê a entonação como a “mais pura expressão” da avaliação, pois nela “a palavra entra em contato direto com a vida” (2019, p. 123). A “entonação variada e livre” traz para o ato enunciativo variadas possibilidades de usos de uma mesma palavra ou de um mesmo enunciado, porém com sentidos diferentes a cada novo uso no grande tempo⁹. Assim como a entonação variada e livre, o tom diferente pode, também, representar o antônimo das palavras a depender da avaliação apreciativa que se dá na interação, bem como da relação de proximidade entre os sujeitos da interação e da situação socio-histórico de cada um dos integrantes da situação discursiva. Por sua natureza livre, a palavra pode entonar diferentes sentidos mesmo dentro de um mesmo enunciado.

Ao se referir ao “tom diferente”, Volóchinov assevera sobre a importância de se observar as nuances que uma mesma palavra pode apresentar, se entoada de maneira diferente a cada vez que é utilizada, pois a mesma palavra que pode ser utilizada para expressar amor e carinho, pode informar ao outro ódio ou agressividade. Em muitas situações do cotidiano, percebemos como um mesmo enunciado, dito reiteradas vezes, pode apresentar entonações e constituir sentidos completamente diferentes.

Selecionamos, a seguir, alguns excertos desse texto:

⁹ A expressão “grande tempo” constitui, segundo Bubnova (2015) “concepção chave no arcabouço teórico do filósofo russo nos lembra de que os sentidos dos enunciados se acumularam e dialogaram dinamicamente ao longo dos séculos, sem jamais se estabilizarem ou se concluírem definitivamente. Mas, em certos momentos, são relembrados e têm “sua festa de renovação” no diálogo ininterrupto da humanidade, no ‘grande tempo’”.

Quadro 05 – A palavra na vida e a palavra na poesia (Volóchinov, [1926] 2019)

Obra: A palavra na vida e a palavra na poesia
(Volóchinov, [1926] 2019)

VERBAL E EXTRAVERBAL - [...] É possível antecipar ainda que, mesmo quando existe esse contexto verbal mais próximo, que é suficiente de todos os pontos de vista, a entonação de qualquer modo nos levará para fora dos seus limites: é possível entendê-la por completo apenas ao conhecer as avaliações do grupo social em questão, por mais amplo que ele seja. *A entonação sempre está no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito.* Na entonação, a palavra entra em contato direto com a vida. É antes de mais nada, o falante entra em contato com os ouvintes justamente por meio da entonação: a entonação social *par excellence*. Ela é especialmente sensível em relação a todas as oscilações do ambiente social que circunda o falante (2019, p. 122 grifos do autor).

METÁFORA GESTUAL - A metáfora entonacional tem um parentesco estreito com a *metáfora gestual* (pois inicialmente a própria palavra foi um gesto linguístico, um componente de um gesto complexo que envolvia o corpo todo); nesse caso, entendemos o gesto de modo amplo, o que inclui a expressão facial, tomada como a gesticulação do rosto. Assim como a entonação o gesto precisa do apoio coral das pessoas que estão em torno: apenas no ambiente da cumplicidade social é possível um gesto livre e seguro (2019, p. 126 grifos do autor).

METÁFORA ENTOACIONAL - [...] No nosso caso, lidamos com um fenômeno extremamente importante da criação linguística, com a *metáfora entonacional*; a entonação soa como se a palavra criticasse algum culpado vivo [...] (2019, p. 126 grifos do autor).

DUPLA ORIENTAÇÃO - Assim, toda a entonação se orienta em *duas direções* para o ouvinte, como cúmplice ou testemunha, e para o objeto do enunciado, como um terceiro participante vivo, o qual a entonação xinga, acaricia, aniquila ou eleva. *Essa orientação social dupla determina e atribui sentido à todos os aspectos da entonação.* No entanto, o mesmo é justo para todos os outros elementos do enunciado verbal, eles são organizados e tomam forma no mesmo processo da *orientação dupla* do falante; essa origem social é mais fácil de ser revelada justamente na entonação, que é o aspecto mais sensível, flexível e livre da palavra (2019, p. 127 grifos do autor).

ENTONAÇÃO VARIADA E LIVRE - Desse modo, o ritmo do poema (assim como o ritmo do discurso em prosa) é criado, antes de tudo, pela entonação expressiva e infinitamente variada e livre. Uma mesma palavra em duas frases diferentes entoada-se expressivamente de modo distinto. Mais do que isso, a mesma palavra é entoada de modo diverso em duas frases iguais, porém pertencentes a totalidades verbais distintas [...] (2019, p. 229).

TOM DIFERENTE - Existe um provérbio bastante popular: “*o tom faz a música*”. É justamente esse “tom” (a entonação) que faz a “música” (o sentido e a significação gerais) de qualquer enunciado. A mesma palavra, a mesma expressão, se pronunciadas com entonações diferentes, também adquirem significações diferentes [...] (2019, p. 287 grifos do autor).

PRESUMIDO – Na literatura, é especialmente importante o papel das avaliações subentendidas. É possível dizer que *uma obra poética é condensador poderoso das avaliações sociais não ditas*: cada palavra está repleta delas. Justamente essas *avaliações sociais organiza a forma literária com sua expressão imediata* (2019, p. 121 grifos do autor).

JUÍZO DE VALOR – [...] parece-nos que percebemos o valor do objeto junto a sua existência, como uma de suas qualidades, assim como, por exemplo, junto com a luz e o calor do sol nos damos conta do quanto ele é valioso para nós. Do mesmo modo, todos os fenômenos da existência circundante se unem às avaliações (2019, p. 122).

Fonte: França, 2023 (Adaptado)

Como se pode perceber, nos excertos, esse texto de 1926 é riquíssimo quando o assunto é entonação, pois vai abarcar os conceitos-chave que circunscrevem este aspecto, como o extraverbal, as metáforas entonacionais e gestuais, a dupla orientação, o presumido e o juízo de valor.

2.5 – A entonação gramatical

Ao selecionar uma palavra para compor seu enunciado, o sujeito não o faz de forma aleatória, ao contrário, elas são muito bem pensadas e escolhidas para melhor representar seu projeto de dizer, pois ele sabe que essa seleção carrega, de forma amalgamada, a entonação expressiva. “[...] Desse modo, a entonação expressiva, pertence aqui ao enunciado e não à palavra. [...]” (Bakhtin, 2011, 291).

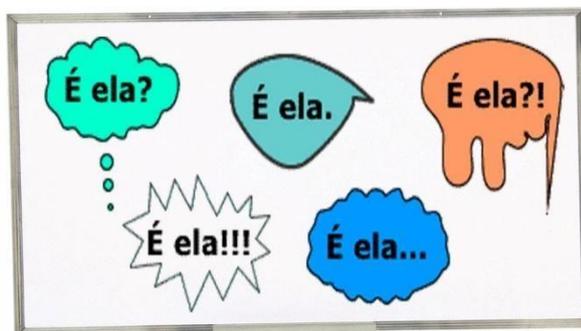
Entretanto, o falante ou autor do enunciado parte do sistema e das possibilidades da própria língua que utiliza, assim, outro aspecto da entonação que entendemos importante para citarmos consiste no plano que se refere ao gramatical. Embora, em tese, a unidade gramatical possa parecer ter um mesmo significado sempre, ao considerarmos o *enunciado e não a oração*, não é bem assim que acontece na língua viva. Cada uma das marcas gramaticais de entonação tem uma função diferente no contexto do enunciado, pois dependem, como já explanamos, da *totalidade* do enunciado. Bakhtin assevera sobre a entonação gramatical:

[...] A oração enquanto unidade da língua possui uma entonação gramatical específica e não uma entonação expressiva. Situam-se entre as entonações gramaticais: a entonação de acabamento, a explicativa, a disjuntiva, a enumerativa, etc. Cabe um papel especial à entonação narrativa, à interrogativa, à exclamativa e à exortativa: aqui se cruza de certo modo a entonação gramatical com a entonação de gênero (mas não com a expressiva no sentido preciso do termo). A oração só adquire entonação expressiva no conjunto do enunciado. Ao apresentar um exemplo de uma oração com o fito de analisá-la, costumamos abastecê-la de certa entonação típica transformando-a em enunciado acabado (se tirarmos a oração de um texto determinado nós a entonamos, evidentemente, segunda a expressão de dado texto) (Bakhtin, 2011, p. 298).

Partimos da premissa, com Bakhtin, de que o aspecto do estudo gramatical está relacionado ao estudo verbal da oração e não da entonação expressiva, ou seja, seu estudo está voltado para o aspecto explicativo, disjuntivo, enumerativo, etc. e que, em alguns aspectos como o narrativo, o interrogativo, o exclamativo e o exortativo, possam ser expressos como uma entonação única.

Trazemos um exemplo na **Imagem 5** – Os diferentes enunciados gramaticais do “É ela.” nas formas: interrogativa, afirmativa, interrogativa-exclamativa, muito exclamativa e de continuidade com o uso das reticências. Esses enunciados, ao serem utilizados, atendem ao aspecto gramatical. Eles mudam a forma de entoar e de interpretar aquilo que objetiva o enunciado, porém não estão relacionados à entonação de maneira “discursiva”, como aqui desejamos. Para que isso ocorra, há que se levar em conta todo o contexto em que esses enunciados estão inseridos e a sua plenitude significativa.

Imagem 05 – Os diferentes enunciados gramaticais do “É ela.”



Fonte: Bing images, 2023¹⁰

No exemplo que apresentamos, na imagem 5 acima, enquanto contexto gramatical, as marcas atendem ao contexto da entonação gramatical, pois foram empregadas para uma

¹⁰ Fonte: <https://www.bing.com/images/>. Acesso em 01 fev. 2023.

especificidade enunciativa do autor, ou seja, conseguem levar para a escrita as marcas da oralidade. Porém, para o “sentido mais amplo”, ou não gramatical, mas sim contextual, esses enunciados dependem do extraverbal, ou seja, levar em conta a valoração, o juízo de valor (ideologia/carga ideológica, etc.) dos sujeitos que entrarão em contato com eles.

Se utilizarmos um ponto de exclamação, ou qualquer outro sinal gráfico, eles apenas contribuem para a construção da coerência e a coesão, quando utilizados em textos, e, também, atendem às questões de ordem estilística. Para o contexto do estudo gramatical está perfeito, porém para os estudos bakhtinianos não, pois Bakhtin não trabalha com o estudo da oração e sim do enunciado. Assim, se tomamos uma mesma “oração exclamativa” para os nossos estudos, se a entendemos como enunciado, ela pode ter várias entonações e apontar para várias direções de sentidos, ou criar, dentro da nossa teoria, “um novo tema”, como susto, alegria, surpresa, medo, alerta etc. No romance *Peter Pan e Wendy* (2018) pudemos observar essas ocorrências, como quando um personagem exclama um “ah!”, gramaticalmente classificamos como uma interjeição exclamativa, mas no ato enunciativo, essa “exclamação” pode se traduzir em outros sentidos como irritação, entendimento, lamento, etc, como veremos mais detalhadamente no capítulo de análise.

Articulado a esse tópico, na seção a seguir, trataremos da questão do tema, significação e entonação.

2.6 – O tema e a entonação

A compreensão das inter-relações entre os enunciados e a entonação está diretamente relacionada com a distinção entre tema e significação na teoria bakhtiniana. Esta diferença ultrapassa as correntes das designações de significação *usual* ou *ocasional* da palavra. Para Bakhtin:

Um sentido definido e único, uma significação unitária é uma propriedade que pertence a cada enunciação como um todo. Vamos chamar o sentido da enunciação completa o seu tema. O tema deve ser único. Caso contrário, não teríamos nenhuma base para definir a enunciação. O tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem a enunciação. A enunciação “Que horas são?” tem um sentido diferente cada vez que é usada e também, conseqüentemente, na nossa terminologia, um outro tema, que depende da situação histórica concreta (histórica, numa escala microscópica) em que é pronunciada e da qual constitui na verdade um elemento (Bakhtin; Volóchinov, 2014, p. 133 grifos dos autores).

Articulando, aqui, novamente, a questão do aspecto extraverbal, acrescenta Bakhtin;

Volóchinov: “Conclui-se que o tema da enunciação é determinado pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entonações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. [...]” (Bakhtin: Volóchinov 2014, p. 133).

Assim, “Não há tema sem significação, e vice-versa”, ou seja, não é possível atribuir sentido a uma palavra isolada de seu contexto sem considerar todos os elementos extraverbais que compõem o enunciado, mas também não se pode pensar no tema constituído fora de sua forma linguística. Logo, na perspectiva bakhtiniana, a significação está diretamente ligada à forma linguística e ao elemento verbal, aos sentidos “estabilizados” e mesmo já dicionarizados, e o tema se associa ao ato enunciativo, à enunciação e ao extraverbal.

Bakhtin e o Círculo apontam ainda que, em cada palavra ou enunciado vivo, repousa não apenas o “tema”, mas também “o acento de valor ou apreciativo”, ou seja, a confluência dos elementos axiológicos sobre os quais já discorremos. É na inter-relação entre o enunciado e a entonação que ocorre entre os falantes que se poderá determinar o acento apreciativo. Como afirma Bakhtin, é necessário observar a inter-relação entre a apreciação e a significação dos enunciados. Para ele:

[...] Toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou *apreciativo*, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso [dito ou escrito] pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo. Sem acento apreciativo, não há palavra (Bakhtin; Volóchinov, 2014, 137 grifos do autor).

Nesse sentido, “O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ele pertence. Somente a enunciação tomada em toda sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isso é o que se entende por tema da enunciação.” (Bakhtin; Volóchinov, 2014, p. 134). Em nosso caso, para o nosso contexto de pesquisa, lembramos que, sobre o contexto histórico, estamos trabalhando com temporalidades históricas diferentes, pois a obra de nosso *corpus* foi escrita em 1904 (gênero peça teatral), depois em 1911, escrita já como romance, mas estamos trabalhando com uma tradução em português de 2018 (gênero romance). Para além desses dados sobre a publicação, é preciso ressaltar que o contexto histórico do pesquisador, seu olhar sobre os dados linguísticos, leva em consideração as referências atuais, pautado justamente no texto em português. Por outro lado, em termos temáticos, conforme já citamos alhures, consideramos a universalidade e a atemporalidade da obra de Barrie.

No grande tempo, uma simples saudação de “Bom dia”, quando é dita reiteradamente a cada novo dia, em um mesmo espaço de produção enunciativo, pela mesma pessoa e endereçada ao “outro”, jamais terá o mesmo tema, pois a cada vez que se enuncia, é preciso que se leve em consideração, conforme assevera Bakhtin e o Círculo, o contexto extraverbal, que é irrepetível, os elementos axiológicos deste contexto, o querer-dizer do falante que orienta o sentido por meio da entonação. A cada vez que esse enunciado é entoado, o tempo é outro, o espaço é outro, as pessoas são outras, os juízos de valores são outros, tudo é outro e, portanto, o sentido, também, sempre será outro. Assim, a cada novo dia, haverá sempre uma nova contemplação do “Bom dia” dito, sistematicamente, para diferentes interlocutores ou, ainda, para o mesmo interlocutor. Caberá ao interlocutor proceder à “apreciação valorativa” do enunciado ouvido e também das entonações ali expressas.

Se tomamos um enunciado de forma isolada, por exemplo, para um estudo gramatical, já sabemos que as palavras desse enunciado, ainda, não estão, de antemão, carregadas dos sentidos que serão atribuídos a ele na interação viva, como asseveram Bakhtin e Volóchinov, “o tema é uma *reação da consciência em devir ao ser em devir*” (2014, p. 134 grifos dos autores). Os temas não acontecem de forma imediata, mas surgirão nos mais diferentes tipos de interações entre sujeitos que mobilizarem esse enunciado e, também, com as obras literárias.

Tomemos, a título de exemplo, as possibilidades de entonação que o enunciado “Bom dia” pode trazer na imagem abaixo:

Imagem 06 – As possíveis compreensões de diferentes entonações do “Bom dia”



Fonte: França, 2023

Podemos perceber, a partir da ilustração da imagem 06, que para se chegar ao tema de um determinado enunciado, é necessária uma análise mais ampla, até mesmo de um simples: “Bom dia”. Ou seja, os aspectos das situações que envolvem os enunciados deverão ser levados em consideração e, também, já descobrimos que ele será sempre novo e não reiterável, pois o desejo de “Bom dia” de ontem não será o mesmo de hoje, caso o consideremos como enunciado concreto na concepção bakhtiniana.

Assim, a apreciação sempre dependerá da situação proposta pelo grande tempo, já que a entonação está intrinsecamente ligada à avaliação do falante ou do ouvinte em relação ao objeto da fala, como já apresentamos, anteriormente, em nosso exemplo do capítulo anterior sobre o “Boa tarde!”, em que o uso da entonação demonstra a ironia presente no cumprimento dispensado às minhas sobrinhas, levando em conta todos os elementos extraverbais que compõem esse enunciado.

A observação de como cada ato enunciativo é produzido, a cada vez que ele é reiterado e as inter-relações entre ele e os sujeitos envolvidos na interação, segundo Bakhtin, deve ser considerada para se verificar que “Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente” (Bakhtin, 2014, p. 137). O enunciado concreto, a exemplo da saudação, quando empregado no cotidiano de uma família, não tem o mesmo tema caso ele seja empregado em uma propaganda de um determinado produto na mídia. Ainda que se veja o mesmo anúncio, dia após dia ele será sempre outro na festa da renovação, pois o contexto social e os sujeitos mudam a cada vez que ele é enunciado.

2.7 – A ironia nas obras literárias enquanto parte constitutiva da entonação

A ironia, nas obras bakhtinianas, se apresenta sobre os dois aspectos da língua já citados: o dito e o não dito nos enunciados, ou seja, ela acontece, justamente, na interferência entre esses dois aspectos: o dito representado pelo enunciado concreto explícito e, especialmente, o não dito, que é observado na avaliação que o sujeito tem diante do enunciado entoado, de acordo com os diferentes tipos de entonação. Essa avaliação feita pelo sujeito ocorre nas práticas da vida social em que ele se encontra inserido e, assim, ele desenvolve, nas relações particulares e cotidianas, a técnica de se observar o que o outro disse e exatamente o que ele gostaria de dizer, mas não disse, porém houve a compreensão desse sentido “subentendido”.

Nesse sentido, a ironia representa uma estratégia discursiva que pode ser utilizada, principalmente, para se “fingir”, apresentar uma ideia imprecisa, dúbia do enunciado endereçado a um outro. Essa estratégia de imprecisão possibilita ao locutor se colocar em uma posição confortável, pois a ironia pode ser utilizada como forma de proteção daquilo que o sujeito pode considerar como ofensivo ou opressor a ele, ou ainda, marcar limites entre o discurso que é próprio e o discurso que é alheio. Para Beth Brait (2008), ela é como um acontecimento onde se articulam duas dimensões que se encontram coabitando o mesmo espaço.

Em sua obra “Ironia em perspectiva polifônica,” Brait assevera que a primeira das dimensões está relacionada à interação entre o ironista, o enunciado e o interpretador. Para ela, os enunciados considerados irônicos apresentam-se “necessariamente como texto, isto é, como unidade de significação, como dimensão contextualizada” (Brait, 2008, p. 142), visto que são uma manifestação discursiva, uma atividade de linguagem que se baseia na interdiscursividade. Portanto, ainda para Brait, se “configura uma estrutura que, de alguma forma, depende da referência contextual, o que elimina a possibilidade de compreender a ironia unicamente no nível da frase” (Brait, 2008, p. 142).

Esse pensamento está em sintonia com as perspectivas encontradas nas obras bakhtinianas, que resignificaram a visão que a ironia apresentava no período clássico, quando ela era vista apenas como uma figura de linguagem. Ela ancora-se, segundo a autora, entre o dito e o não dito, um “jogo entre o que o enunciado diz e a enunciação faz dizer, com objetivos de desmascarar ou subverter valores, processo que necessariamente conta com formas de envolvimento do leitor, ouvinte ou espectador” (Brait, 2008, p. 140).

Na concepção de Brait (2008), a noção do dialogismo está amalgamada à reflexão de ironia, pensando sobre a dependência contextual, com outros dizeres, em relação aos aspectos basilares do acontecimento irônico. Ela os relaciona com a alteridade, pois a ironia pode ser usada como uma estratégia de antecipação da resposta pelos interlocutores e, assim, se constituindo em uma forma de atenuar o aparecimento de respostas conflituosas.

Em seus estudos, ainda, Brait adota noções como ruptura e antecipação de valores ao argumentar sobre a eficiência da ironia em ambientes conflituosos, nos quais ela atuaria como uma espécie de “contradiscurso”, capaz de deslocar e eliminar a representação dominante do mundo, processo de muita importância quando os discursos estabelecidos têm grande capacidade absorvedora.

Essa absorção, observada por Brait, se refere aos discursos dominantes que dialogam com o segundo aspecto, relacionado ao dialogismo. Nesse contexto, o diálogo que o discurso irônico estabelece com os discursos dominantes, o que para ela é a interdiscursividade, portanto, a enunciação irônica, se utiliza dos discursos que a antecedem, se tornando, nesse caso, objeto do próprio discurso. Ainda para essa autora, a ironia se estabelece na fricção entre dois ou mais discursos antagônicos. Para ela, é o “jogo, que se estabelece entre um texto e as presenças constitutivas de seu interior, articula-se ironicamente por meio de várias estratégias de incorporação discursiva, de encenação do já-dito” (Brait, 2008, p.140-141).

Entendemos a ironia e sua entonação específica como o fenômeno da “bivocalidade”, estratégia parte do engendramento de um processo dialógico. A partir da posse do discurso de outro, o sujeito discursivo se orienta, axiologicamente, em relação a diferentes valores sociais. Dessa arena discursiva, aparecem os posicionamentos avaliativos a respeito do outro e, também, de seu discurso.

Bakhtin, em sua obra “Questões de Literatura e de Estética” ([1975], 2014), no capítulo “O discurso no romance”, apresenta a discussão sobre a bivocalidade, de forma mais ampla, demonstrando o atravessamento da palavra do outro no discurso. Para ele, ela está para além da dimensão literária, romanesca, pois a linguagem em diferentes interações verbais tem diversidade de vozes em constantes tensões.

Bakhtin assevera, pensando sobre o romance e nas relações entre os discursos do autor e personagens: “A palavra desse discurso é uma palavra *bivocal* especial. Ela serve simultaneamente a dois locutores e exprime ao mesmo tempo duas intenções direta do personagem que fala e a intenção refrangida do autor”. (Bakhtin, 2014, p. 126 grifos do autor).

Nesse sentido, “há duas vozes, dois sentidos, duas expressões”, ou seja, a palavra se apresenta como “quente”, aquela que acabou de ser retirada de seu contexto socio-histórico, oriunda de inúmeras entonações e avaliações para ser utilizada. Ainda para Bakhtin, “O discurso bivocal sempre é internamente dialogizado”

Para o nosso contexto de pesquisa, da leitura da entonação no romance *Peter Pan e Wendy* (2018), a palavra bivocal nos interessa, sobretudo nas suas nuances entonacionais do discurso irônico, ou na sobreposição de vozes entre personagem e narrador no romance. Se o romancista observa a vida social de sua época, vai assimilar todos os discursos, dentro das práticas sociais e languageiras do dia a dia, e estes são oriundos de palavras já ditas, de palavras que são entrecruzadas umas com as outras, dos valores ideológicos de cada sujeito, dos acentos de outros, das avaliações sociais. A palavra bivocal é apresentada em muitas situações no enredo, como veremos no capítulo da análise, e ela reforça a presença da entonação, pois chama a atenção do leitor para os aspectos que estão presentes no texto, mas que às vezes, passa despercebido.

Apresentamos, no capítulo dois, o conceito da entonação na perspectiva dos textos de Bakhtin e o Círculo, buscando explicitar a elaboração teórica e apresentando alguns exemplos que possam contribuir para a compreensão e as formas de articulação com as possibilidades de análise de nosso *corpus*. No capítulo três, traremos o percurso metodológico utilizado para a nossa pesquisa, os objetivos que buscamos e também as informações pertinentes sobre o autor J. M. Barrie.

CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa doutoral é de base qualitativa, teórica, documental e propositiva, pois partimos das leituras de muitas obras produzidas por Mikhail M. Bakhtin e pelos integrantes do Círculo e, ainda, de outros comentadores dos construtos teóricos bakhtinianos a fim de explorar o conceito de entonação, utilizando um romance para melhor compreender o movimento entonacional, assim como propomos atividades de leitura para o Ensino Médio a partir deste importante aspecto da teoria bakhtiniana, pouco estudado até então.

Sobre a pesquisa qualitativa, entendemos com Minayo:

[...] A compreensão propiciada pela leitura atenta, aprofundada e impregnante que deu origem às categorias empíricas ou unidades de sentido, nesse momento, deve merecer um novo processo de teorização. Pode ocorrer que as referências teóricas que constituíram balizas fundamentais para o início da investigação não sejam suficientes para contemplar a interpretação dos achados de campo. Em forma de tópicos, no caso de um artigo, ou de capítulos (no caso de elaboração de um livro) cada uma das unidades de sentido deve então merecer uma leitura de referências nacionais e internacionais, de forma a colocar o material classificado, no contexto das questões nacionais e internacionais que ele suscita. E igualmente, é importante enriquecer todo o conjunto de falas e observações, com elementos históricos e contextuais: para que de sua “aldeia” o pesquisador converse com o mundo e sobre o mundo, de forma compreensiva e crítica (Minayo, 2012, p. 625-626).

Dentre as muitas possibilidades das obras literárias existentes a serem utilizadas para a nossa análise da entonação, e como base para a proposta de leitura, e depois de muitos debates para decidir sobre qual seria a nossa escolha, entendemos que ela deveria ser uma de conhecimento do público leitor em geral e, assim, surgiu o nome da obra *Peter Pan e Wendy* (2018), de James Mathew Barrie.

Sua personagem principal, Peter Pan, além de ser icônico, é a própria representação do nome de seu criador, como explicaremos melhor adiante, e que, sem dúvida, esteve presente na infância de muitos leitores. Além disso, a obra foi reeditada, desde a sua criação e ainda continua a ser em vários gêneros para o cinema, HQs, revistas, contos, etc. Para o nosso contexto de pesquisa, como já informamos, selecionamos o romance *Peter Pan e Wendy* (2018).

3.1 – Objetivos e questões de pesquisa

Para alcançar nossos resultados, delimitamos os nossos objetivos de pesquisa, bem como as questões de pesquisa que, após a finalização da investigação, procuraremos responde-las:

3.1.1 Objetivos:

- 1) Explorar o conceito de entonação nas obras do Círculo, a fim de compreender as formas em que a entonação possa estar presente nos diferentes enunciados e sua relação com o arcabouço teórico bakhtiniano, sobretudo com os elementos axiológicos;
- 2) Analisar o romance *Peter Pan e Wendy* (2018) sob o ponto de vista da entonação, desvelando as vozes e articulações entre o autor, narrador e personagens, a partir das diferentes situações do enredo;
- 3) Propor, a partir da exploração dos aspectos entonacionais no romance, atividades de leitura para o Ensino Médio, com vistas a ampliar as capacidades leitoras dos estudantes no que tange aos aspectos discursivos dos enunciados.

3.1.2 Questões de pesquisa:

- 1) Como o Círculo bakhtiniano desenvolve o conceito de entonação e quais as relações entre esse conceito e o arcabouço teórico que envolve os elementos axiológicos?
- 2) De que forma J. M. Barrie se utiliza da entonação para inserir sua voz autoral e desenvolver diferentes possibilidades de sentidos nos diálogos entre as personagens?
- 3) Como se pode estruturar atividades de leitura para o Ensino Médio, a partir das múltiplas possibilidades de realização da entonação utilizando o romance *Peter Pan e Wendy* (2018) e outros enunciados em diálogo?

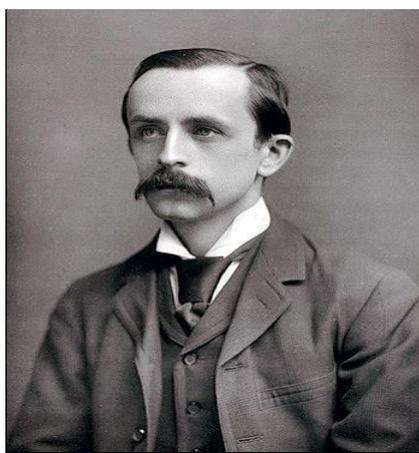
3.2 – Sobre o autor de nosso objeto de análise James Matthew Barrie

James Matthew Barrie nasceu na Escócia, no ano de 1860, em uma família numerosa, sendo ele o nono dos dez filhos. Mudou-se para Londres somente em 1885, onde residiu até os últimos dias de sua vida.

Em uma família numerosa, é natural que os irmãos mais próximos em idade tenham mais afinidades, dada a proximidade de situações vividas em comum, e foi, justamente, ainda na infância, que o autor passou por um dos momentos mais difíceis de sua vida: a perda de seu irmão mais velho e mais próximo, ainda aos treze anos de idade. Ao patinar no gelo, ele sofreu um acidente grave e fatal. Essa ideia da infância perdida marcou todos os membros da família, o pai David Barrie e, em especial, a matriarca da família Margaret Ogilvy.

Ao entrar para os estudos acadêmicos, já na faculdade, J. M. Barrie começou a escrever críticas de teatro e passou a fazer parte de um grupo de debates sobre o tema. A sua paixão pelo teatro e pela escrita se manteve e, anos mais tarde, ele viria a se tornar um grande escritor de peças de teatro, o que se transformou na marca registrada de sua escrita, reverberando para o romance e, para além de seu alcance, para muitos outros gêneros espalhados por todos as partes do mundo.

Imagem 07 – Foto de James Matthew Barrie



Fonte: J. M. Barrie - (bing.com, 2024)¹¹

Assim que terminou seus estudos, J. M. Barrie se formou na Universidade de Edimburgo no ano 1882. Ele começou a trabalhar como jornalista para o jornal *Nottinghamshire Journal*. Três anos mais tarde, em 1885, ele se mudou para Londres, quando começou a colocar em prática seu desejo de se tornar um escritor. A partir daí, focou em sua escrita e começou a publicar contos em coletâneas, mas logo voltou para sua paixão, o teatro, passando a escrever peças teatrais.

Em relação à vida pessoal de Barrie, sabe-se que ele se casou com a atriz britânica Mary Ansell, em 1894, porém o romance durou pouco, tendo o casal se divorciado poucos anos depois. Nesse contexto do divórcio, uma amiga dele, Sylvia Davies, tornou-se seu amparo para os momentos mais difíceis.

A vida do nosso autor, J. M. Barrie, é marcada por muitas perdas, pois além da morte de seu irmão, na infância, ele teve que lidar com a perda de Sylvia Davies, sua estimada amiga. Com o falecimento de Sylvia Davies e do esposo dela, Arthur Llewelyn Davies, eles deixam

¹¹ Fonte: <https://www.bing.com/images/>. Acesso em 23 mar. 2024.

seus cinco filhos órfãos que foram adotados por J. M. Barrie. As crianças, George, Jack, Nico, Peter e Michael, foram a inspiração deste autor para escrever sua história de maior prestígio, *Peter Pan e Wendy* (2018). Suas histórias tendiam a fazer homenagens com os nomes das crianças. Após adotar os filhos dos Llewelyn Davies, ele ainda precisou lidar com as perdas de George, que morreu na guerra, e também dos irmãos Michael e Peter, por suicídio. Nesse contexto de perdas, Barrie faleceu em junho de 1937, em decorrência de uma pneumonia, e não tendo mais herdeiros, deixou todo o seu patrimônio para sua secretária Cynthia Asquith.

3.3 – Contribuições de Barrie para a literatura britânica

Como vimos acima, J. M. Barrie era um escritor que não se contentava em ficar preso em um único gênero literário de escrita, assim, ele deixou um grande legado para a literatura britânica. Em relação à sua obra e o autor, era difícil distinguir quem era quem, pois J. M. Barrie e Peter Pan acabaram se tornando um só. A British Heritage¹² aponta que:

Sir James Matthew Barrie, 1º Baronete, foi um romancista e dramaturgo escocês cujo legado duradouro reside na criação do personagem atemporal Peter Pan. Nascido em 9 de maio de 1860, em Kirriemuir, Angus, o gênio literário e a cativante narrativa de histórias de Barrie cativaram o público, tornando-o um dos autores mais célebres de seu tempo. Suas contribuições para o Patrimônio Britânico são marcadas por suas obras icônicas, esforços filantrópicos e influência duradoura na cultura popular¹³ (British Heritage, 2007. Tradução nossa).

Nosso autor não deixou herança apenas no sentido da contribuição literária, pois como podemos notar, a sua paixão pelas crianças também é demonstrada em seu ato de filantropia, ao deixar os direitos autorais da obra Peter Pan para um hospital especializado no tratamento de crianças com câncer. Mas, voltando a nossa obra de análise, J. M. Barrie a considerava uma aventura sem fim:

Uma das contribuições mais significativas e duradouras de Barrie para a herança britânica é a criação de Peter Pan, um personagem que transcendeu gerações e conquistou os corações de milhões de pessoas em todo o mundo. As origens de Peter Pan remontam aos encontros de Barrie com os meninos Llewelyn Davies, especialmente George e Jack, que ele conheceu nos Jardins Kensington, em Londres.

¹² Disponível em: <https://britishheritage.org>. Acesso em 25.01.2024.

¹³ No original: Sir James Matthew Barrie, 1st Baronet, OM, was a Scottish novelist and playwright whose lasting legacy lies in the creation of the timeless character, Peter Pan. Born on May 9, 1860, in Kirriemuir, Angus, Barrie's literary genius and captivating storytelling captivated audiences, making him one of the most celebrated authors of his time. His contributions to British Heritage are marked by his iconic works, philanthropic endeavors, and lasting influence on popular culture (British Heritage, 2007).

Inspirado por sua inocência juvenil e imaginação lúdica, Barrie elaborou a história de um menino que sabia voar e nunca cresceu¹⁴ (British Heritage, 2007. Tradução nossa).

Como já havíamos assinalado anteriormente, foi a partir do contato com a família Llewelyn Davies que J. M. Barrie começou a ganhar inspiração para aquela que seria considerada a mais famosa de suas obras. Observa-se que duas das crianças são, inclusive, homenageadas e eternizadas em sua obra, pois o marido da senhora Darling e pai de Wendy e seus irmãos, Michael e John, recebem justamente o nome de Sr. George Darling, uma referência ao primeiro filho da família Llewelyn Davies, que, infelizmente, morreu em combate durante a primeira guerra mundial. E o outro é o Michael, que comete suicídio, também aparece na obra como o irmão caçula na grande aventura criada por ele. Como apresentaremos, mais adiante, embora a obra de *Peter Pan e Wendy* (2018) seja notoriamente conhecida pelo público leitor como um romance infantil, a personagem Peter Pan não nasce exatamente na obra que leva o seu nome:

As encantadoras aventuras de Peter Pan e seus companheiros no mundo mágico de Neverland foram apresentadas ao público pela primeira vez no romance adulto de 1902, “O Passarinho Branco”. A popularidade do personagem disparou, levando à estreia de “Peter Pan, ou o menino que não cresceria” em 27 de dezembro de 1904, no Duke of York’s Theatre, no West End de Londres. O sucesso retumbante da peça solidificou o lugar de Peter Pan como uma figura icônica na literatura e nos teatros britânicos¹⁵ (British Heritage, 2007. Tradução nossa).

Vale ressaltar que estamos nos referindo ao recorte temporal de 1900, em que as crianças não eram, exatamente, tratadas enquanto crianças, mas sim como pessoas que já poderiam trabalhar e, portanto, tratadas como adultas. Consoante Karl Marx:

Considerando a tendência da indústria moderna para levar as crianças e jovens de ambos os sexos a cooperarem no grande trabalho da produção social como tendência progressiva, sã e legítima, embora sob o capital tenha sido distorcida numa abominação. Num estado racional da sociedade *qualquer criança que seja*, desde a idade de 9 anos, deve tornar-se trabalhador produtivo da mesma maneira que um

¹⁴ One of Barrie's most significant and enduring contributions to British Heritage is the creation of Peter Pan, a character that has transcended generations and captured the hearts of millions worldwide. The origins of Peter Pan can be traced back to Barrie's encounters with the Llewelyn Davies boys, particularly George and Jack, whom he met in London's Kensington Gardens. Inspired by their youthful innocence and playful imaginations, Barrie crafted the tale of a baby boy who could fly and never grew up (British Heritage, 2007).

¹⁵ The enchanting adventures of Peter Pan and his companions in the magical world of Neverland were first introduced to the public in the 1902 adult novel “The Little White Bird.” The character's popularity soared, leading to the premiere of “Peter Pan, or The Boy Who Wouldn't Grow Up” on December 27, 1904, at the Duke of York's Theatre in London's West End. The play's resounding success solidified Peter Pan's place as an iconic figure in British literature and theater (British Heritage, 2007).

adulto saudável não deveria ser eximido da lei geral da natureza: trabalhar para comer não só com o cérebro, mas também com as mãos (Marx, 1983, p. 82, grifo original).

Como já antecipado, J. M. Barrie tinha um conjunto de escritos multifacetados e produções variadas ao longo de sua carreira de autor dramaturgo:

Embora Peter Pan tenha se tornado sinônimo do nome de Barrie, suas contribuições literárias foram além desta história encantadora. Antes da criação de Peter Pan, Barrie já havia se estabelecido como um autor e dramaturgo de sucesso com obras como “Auld Licht Idylls” (1888), “A Window in Thrums” (1890) e “The Little Minister” (1891). Ele mergulhou nas complexidades das relações humanas e das preocupações sociais através de peças como “Quality Street” (1901) e “The Admirable Crichton”¹⁶ (1902) (British Heritage, 2007. Tradução nossa).

As outras obras de J. M. Barrie não alcançaram o mesmo sucesso que Peter Pan e, ao perceber isso, ele utilizou a popularidade da sua maior criação para escrever outras obras que traziam a mesma atmosfera das aventuras de Peter Pan, no entanto, elas também não receberam a mesma aclamação do público como ele desejava:

Suas proezas literárias não se limitaram às obras teatrais; Barrie também escreveu romances, incluindo “Peter and Wendy” (1911), uma expansão da história de Peter Pan, e “Dear Brutus” (1917), que explorou o conceito de mundos paralelos. Ao longo de sua carreira, ele demonstrou uma compreensão aguçada da natureza humana e um profundo senso de empatia, que ressoou em públicos de todas as idades¹⁷ (British Heritage, 2007. Tradução nossa).

A primeira obra “Peter and Wendy” ainda rendeu versões para romances voltados aos mais diferentes públicos, e também versões feitas pelo cinema que a tornaram ainda mais conhecida, mas a segunda obra, “Dear Brutus”, infelizmente, não obteve o mesmo sucesso.

J. M. Barrie contava com uma rede de apoio de amigos que também faziam parte de sua rede de relações voltadas para o mundo da literatura. Por sua natureza envolvente, ele chegou, até mesmo, a estabelecer relações de amizade com as jovens princesas inglesas Elizabeth e

¹⁶ Although Peter Pan became synonymous with Barrie's name, his literary contributions extended beyond this enchanting tale. Prior to Peter Pan's creation, Barrie had already established himself as a successful author and playwright with works like “Auld Licht Idylls” (1888), “A Window in Thrums” (1890), and “The Little Minister” (1891). He delved into the complexities of human relationships and social concerns through plays like “Quality Street” (1901) and “The Admirable Crichton” (1902) (British Heritage, 2007).

¹⁷ His literary prowess was not limited to theatrical works; Barrie also authored novels, including “Peter and Wendy” (1911), an expansion of Peter Pan's story, and “Dear Brutus” (1917), which explored the concept of parallel worlds. Throughout his career, he displayed a keen understanding of human nature and a deep sense of empathy, which resonated with audiences of all ages (British Heritage, 2007).

Margaret, a quem ele divertia com suas histórias encantadoras. Assim, com seu trabalho, participava de círculos de amigos que tinham em comum a paixão pela escrita e esse era o momento de amadurecer suas ideias para colocá-las no papel:

As realizações literárias de Barrie estavam interligadas com suas ricas amizades e associações com outros autores e figuras notáveis da época. Ele frequentou a companhia de escritores conceituados como George Meredith, Robert Louis Stevenson e H. G. Wells. Ele também desenvolveu laços estreitos com George Bernard Shaw, que considerava as obras de Barrie um entretenimento instigante para crianças e adultos¹⁸ (British Heritage, 2007. Tradução nossa).

O trânsito livre por vários movimentos literários de sua época rendeu a J. M. Barrie a oportunidade de se consolidar cada vez mais como escritor. Esse apoio foi fundamental para que ele pudesse ganhar projeção no cenário literário e poder apresentar suas obras com mais propriedade, pois elas já haviam sido chanceladas pelos amigos da área de conhecimento sobre o assunto. É inegável que seu legado contribuiu e contribui para o despertar da leitura nos estudantes, pois as aventuras criadas por ele estão no imaginário popular de cada um que guarda o seu espírito aventureiro na memória:

O legado de J. M. Barrie como mestre contador de histórias e criador de Peter Pan perdura por gerações. Seus contos imaginativos de aventura, exploração das emoções humanas e observações aguçadas da sociedade continuam a cativar leitores e públicos em todo o mundo. Suas obras inspiraram inúmeras adaptações, incluindo filmes, produções teatrais e romances derivados, garantindo que o espírito de Peter Pan e a magia de Neverland continuem sendo uma parte amada da herança cultural britânica¹⁹ (British Heritage, 2007. Tradução nossa).

Como observamos, são muitas as contribuições das obras de J. M. Barrie para a Literatura, não apenas as dele, mas todas aquelas consideradas como clássicos da literatura mundial têm o papel de contribuir com o despertar para o processo de aprendizagem da leitura, tanto no contexto escolar quanto fora dele. Entendemos que as obras consideradas cânones mundiais, assim como as produzidas por autores brasileiros, têm muito a contribuir nesse

¹⁸ Barrie's literary achievements were intertwined with his rich friendships and associations with fellow authors and notable figures of the time. He frequented the company of esteemed writers like George Meredith, Robert Louis Stevenson, and H. G. Wells. He also developed close bonds with George Bernard Shaw, who regarded Barrie's works as thought-provoking entertainment for both children and adults (British Heritage, 2007).

¹⁹ J. M. Barrie's legacy as a master storyteller and creator of Peter Pan endures through generations. His imaginative tales of adventure, exploration of human emotions, and keen observations of society continue to captivate readers and audiences around the world. His works have inspired numerous adaptations, including films, stage productions, and spin-off novels, ensuring that the spirit of Peter Pan and the magic of Neverland remain a beloved part of British cultural heritage (British Heritage.org, 2007).

sentido. No contexto do uso das obras selecionadas para os estudos literários, elas deveriam ter um olhar diferenciado em sua utilização no contexto da sala de aula, pois elas contribuem de forma fulcral para a formação de autores, leitores, ilustradores. A exemplo, podemos citar: a ilustradora Marilda Castanha; o escritor e ilustrador Roger Melo; a escritora e jornalista Ana Maria Machado e tantos outros conhecidos do grande público.

A transformação mediada pela Literatura tem início na mais tenra idade e cabe aos professores propiciar momentos para que a curiosidade dos estudantes seja alimentada e cultivada ao longo de toda sua carreira acadêmica. A realidade da aprendizagem dos estudantes brasileiros, especialmente no contexto da escola pública, infelizmente não propicia o contato, em casa, com a leitura de obras literárias. Isso acontece dado ao contexto socioeconômico dos pais que não tiveram acesso à cultura da prática da leitura e, portanto, não reproduzem com seus filhos essa importante fase de construção do imaginário infantil, contando histórias desde a gestação deles.

Em alguns casos, os estudantes não têm acesso nem mesmo ao gênero HQ, considerada uma literatura de baixo custo. Assim, cabe ao professor usar o tempo que ele passa com seus estudantes para propiciar o contato deles com o maior número possível de leitura dos mais variados gêneros textuais. Porém, esse trabalho precisa ser feito de modo a demonstrar aos aprendizes a importância de se observar as relações estabelecidas entre a vida deles e as obras com que eles entram em contato. No caso da nossa pesquisa, como veremos no último capítulo, a partir da obra escolhida de J. M. Barrie, o professor pode propor que os estudantes reflitam sobre o desejo de Peter Pan em permanecer sempre jovem, trazendo ao debate sentimentos e experiências também protagonizados em suas vidas. Couto, em seu denso trabalho de análise da obra *Peter Pan e Wendy* (2018), aponta:

Se Wendy é representação da criança-modelo do período vitoriano, Peter Pan não deve nada ao modelo viril e eternamente jovem da era edwardiana. A ideia do jovem imortal, que prefere antes a morte a sucumbir ao cotidiano, surge na literatura inglesa já na década de 1880. Não apenas a literatura destinada às crianças viu nascer personagens que recusaram o futuro de submissão ao trabalho e à família - como Huckleberry Finn -, mas a literatura para adultos também cultivou com afincado esse modelo de masculino de virilidade [...] Ou então Oscar Wilde, em seu Retrato de Dorian Gray (1891), cuja personagem, no território da literatura fantástica, permanece jovem enquanto seu retrato envelhece [...] (Coelho, 2020, p. 231-232).

Como podemos notar, a partir das considerações de Coelho, a leitura de uma obra não pode ser feita de forma rasa. Cabe ao professor se aprofundar nas considerações existentes sobre ela para, assim, poder contribuir com as considerações sobre o que os estudantes apresentarão

no processo da leitura da mesma. Consoante Colomer, o público leitor na escola ainda tem muito a avançar, pois esse é “um setor que combina uma autonomia cada vez maior a partir dos doze anos, com uma dependência econômica e familiar sem precedentes que vai até bem depois da fronteira dos vinte.” (Colomer, 2007, p. 21).

Ainda para Colomer, é importante que o professor observe o progresso de seus aprendizes, bem como dos discursos produzidos, especialmente em relação às escolhas dos textos literários que eles fazem. Para essa autora, os estudantes tendem a valorizar de forma positiva os textos que leram de forma espontânea e negativamente os que são indicados pelo professor. Assim, segundo ela, cabe transformá-los em leitores autônomos, que consigam se posicionar diante do que leram, utilizando recursos próprios da língua.

3.4 – A obra *Peter Pan e Wendy* no contexto atemporal

Uma obra literária tem seu tempo definido a partir do momento em que ela é gerada. Essa observação do tempo em que ela é produzida, do contexto de produção – como se diz na teoria bakhtiniana - é de extrema relevância, pois nos dá, no caso específico de nosso romance em análise, a dimensão das relações sociais e dos papéis de homens, mulheres e crianças na sociedade inglesa no final do século XIX e início do século XX. Tais aspectos, ao serem evidenciados, nos permitem compreender um pouco das características enunciativas - e entonacionais que nos interessam -, além de guiar as possíveis comparações com o mundo contemporâneo em que o pesquisador/leitor se encontra, em busca de uma compreensão das mudanças comportamentais e discursivas na sociedade. Um exemplo que podemos dar é que o romance *Peter Pan e Wendy* (2018) apresenta várias cenas de violência, de mortes, de crianças empunhando armas e matando inimigos. Por mais que seja uma narrativa de fantasia, esses elementos seriam, em nossa época, absolutamente rejeitados em uma literatura dirigida para crianças e jovens.

A obra, uma vez partilhada com o público, caberá aos leitores decidir sobre o seu destino, se ela ganhará notoriedade e permanecerá por muitas gerações ou se terá vida curta no universo literário. Ao se criar uma obra literária, é inegável que seu autor faça um recorte temporal e nela apresente singularidades de um convívio social. É esse, também, o momento em que o autor reflete e refrata a realidade, apresentando críticas a determinados aspectos que esse momento socio-histórico apresenta. Levamos todos esses aspectos em consideração para a seleção da nossa obra de análise e, por esse motivo, optamos pela versão traduzida do inglês

para o português que, certamente, traz, em suas escolhas linguísticas, as contribuições axiológicas do tradutor.

Dentre os muitos trabalhos de J. M. Barrie, no ano de 1896, ele produziu dois dos seus melhores e mais importantes: Margaret Ogilvy (biografia de sua mãe) e Sentimental Tommy (um romance), que mais tarde, em 1900, foi transformado na obra Tommy and Grizel, em que o autor apresenta, pela primeira vez, a personagem que viria a se tornar o mais famoso de todos ao seu público leitor: Peter Pan. Devido a esse sucesso, ele volta a aparecer, em 1902, na obra “The Little White Bird”. A consolidação da notoriedade da personagem só acontece mesmo na apresentação da peça para o teatro *Peter Pan*, cujo título ainda não levava o seu nome, mas sim “The Boy Who Would Not Grow Up”, na cidade de Londres no dia 27 de dezembro de 1904. Após esse sucesso, J. M. Barrie decide publicar, em 1906, sua obra “Little White Bird”, onde Peter Pan já ganha mais espaço, ou seja, um volume dedicado a ele intitulado “Peter Pan em Kensington Gardens” e, em seguida, já em 1911, ele decide transformá-la em um romance “Peter and Wendy. (*Peter Pan e Wendy*)”.

Sem dúvida de que essa foi a decisão mais acertada de J. M. Barrie, pois, a partir da produção de Peter and Wendy, muitas outras publicações começaram a surgir, assim como muitas versões e gêneros diferentes a partir dessa publicação.

Sobre o contexto de se estudar os clássicos da literatura e as suas múltiplas possibilidades de gêneros que surgem dela, articulando as ideias de Bakhtin e Melo, temos que todo texto é uma heterologia, ou seja, nele encontramos várias vozes ou, ainda, “reminiscência e antecipações dos discursos passados e futuros” em cruzamentos e, também, em pontos de encontros de muitas obras estudadas. Para Melo:

Ao se fazer um estudo sobre as influências de *Peter Pan and Wendy* através das décadas, encontram-se inúmeras versões realizadas a partir do texto fonte feitas para a TV, para o cinema, assim como jogos de vídeo game e sequências autorizadas e não autorizadas da aventura. Sendo assim, *Peter Pan* gerou um pós-texto bastante extenso e variado (Melo, 2013, p. 78).

Essa diversidade de gêneros produzidos pós-texto da obra *Peter Pan e Wendy* (2018) acabou assegurando ao personagem ser lembrado por muitas gerações que se seguiram após a sua primeira aparição. Curiosamente, foi no cinema que Peter Pan ganhou maior projeção, desde a sua criação em 1902. Com os filmes o público infantil, mas também adulto, se encanta com a ideia de um menino que não quer crescer, mantendo viva a chama da criança que habita em cada um dos espectadores.

3.4.1 Versões de *Peter Pan* para o cinema

Listamos, abaixo, as versões da história de Peter Pan para o cinema:

1. “Peter Pan” (1924) – Na primeira versão, feita pela Paramount Pictures, Peter Pan conserva suas características de um menino que não queria crescer e que leva consigo as crianças Wendy, John e Michael, que ele encontra em Londres, até a Terra do Nunca para viverem incríveis aventuras. Nesse período, ainda estamos vivendo a época do cinema mudo.
2. “Walt Disney’s Peter Pan” (1953) - Sem fazer menção ao filme anterior, Walt Disney lança a obra Peter e Wendy como se fosse uma história absolutamente nova para o público. Nessa adaptação, as aventuras de Peter são acompanhadas por Wendy, que ainda não tinha tanto destaque.
3. “Hook - A volta do Capitão Gancho” (1991) - Peter enfrenta um de seus maiores temores nessa versão da TriStar Pictures, pois ele cresce, se torna um homem e se casa com Moira, que é a neta de Wendy, e com ela tem filhos. Seus filhos são raptados pelo Capitão Gancho que, como vingança, ensina o Jack, um dos filhos do casal, a se esquecer deles.
4. “De volta à Terra do Nunca” (2002) - A Disney traz, em um retorno, a personagem Wendy, em uma obra em que ela tenta provar a existência do Peter Pan e, assim, acaba brigando com sua mãe, a senhora Darling, e seu irmão John. O ápice da aventura é ela ser salva por Peter Pan, após ter sido raptada pelo Capitão Gancho.
5. “Peter Pan” (2003) - Nessa versão, a Disney é fiel à obra, retratando a história tradicional do personagem-título. Pelo seu caráter de aventura, mais uma vez acaba envolvendo o público americano (2003) e o brasileiro, que em 2004 foi lançado no Brasil.
6. “Em Busca da Terra do Nunca” (2005) - Nesta obra, a Miramax Films retrata a vida do autor, representado pelo ator Johnny Depp, e conta sua verdadeira história, em que o escritor tenta, por muitas vezes, obter sucesso em seus escritos e não consegue, somente com a criação da personagem Peter Pan é que ele consegue obter a simpatia do seu público leitor.
7. “Peter” (2012) – Trata-se de uma adaptação francesa da FisheyeFilm/Glénat, feita a partir de uma história em quadrinhos do autor Régis Loisel, em seis volumes, feita para a cultura francesa, em que a senhora Darling não traz as preocupações de mãe e se mostra diferente dos padrões desenhados por J. M. Barrie. Nessa adaptação, ela é despreocupada e também faz uso de bebida alcoólica. Assim, Peter é expulso da casa dos Darlings e encontra refúgio junto a uma fadinha que o conduz até a Terra do Nunca.

8. “Peter Pan” (2015) - Diferente das outras versões, a Warner Bros apresenta um Peter Pan dentro um contexto da segunda guerra mundial, com apenas doze anos de idade, e que mora em um orfanato em Londres. Peter Pan, em companhia de outras crianças do orfanato, são raptados por piratas que chegam em um navio voador. Porém, eles escapam do rapto e vão para a Terra do Nunca.
9. “Peter Pan & Wendy” (2023) é a versão mais recente feita pela Disney+. Como em outras versões, essa produtora de cinema busca trazer a magia que tanto encantou o público de todas as idades e, ainda, busca conquistar novos públicos, como os adolescentes, que não se interessam mais pelo modelo inicial da obra.

Não há dúvidas de que o cinema atrai a atenção do público consumidor de suas produções e o uso de um excelente enredo com os ingredientes como aventura recheada com magia são os atrativos que tanto encantam a todos. Em todas essas adaptações, a obra Peter Pan ganha novos ares sem nunca perder sua essência, o encanto de poder dar asas à imaginação de todos.

3.4.2 Versões literárias de *Peter Pan*

Trazemos, abaixo, algumas poucas versões das obras literárias produzidas para o contexto da literatura brasileira e que ganharam sucesso de público e crítica nas suas produções, assim como na Inglaterra.

- *The Little White Bird* (O Pequeno Pássaro Branco): Como já antecipado, este é um romance lançado em 1902. Ele se originou de histórias de J. M. Barrie para crianças no parque de *Kensington Gardens*, Londres, Inglaterra, UK. Após o encerramento das atividades do parque de *Kensington Gardens*, as fadas e outros habitantes mágicos podiam se mover livremente, o que pode povoar a imaginação de todos.
- *Peter Pan in Kensington Gardens*, 1906 (Peter Pan nos Jardins de Kensington), constitui parte do livro *The Little White Bird* que fala de Peter Pan: Nessa narrativa, Peter Pan é um garoto de apenas sete anos de idade. Ao ouvir os planos de sua mãe sobre o seu futuro, ele foge e vai até *Kensington Gardens*. Logo ele descobre que ele não era um pássaro e não podia voar e, assim, fica preso por lá, sem poder atravessar o lago que divide *Kensington Gardens* do *Hyde Park*.
- *Peter and Wendy*, 1911: Outra adaptação como romance que fez muito sucesso. Até hoje ele é reproduzido em vários filmes, quadrinhos, desenhos animados ou novos livros. Wendy

Darling é ameaçada pelo seu pai, George Darling, mas Peter Pan aparece em sua janela e a leva, junto de seus irmãos João e Miguel, para a Terra do Nunca. Lá, Capitão Gancho vê a volta de seu rival e prepara várias armadilhas para o mesmo, mas tem também outro inimigo que não vai facilitar as coisas: o Crocodilo Tic-Tac.

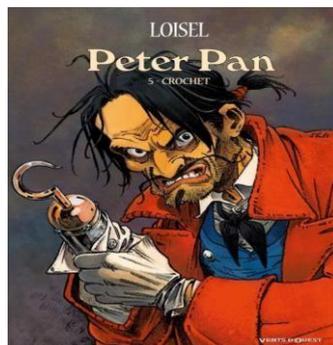
- *Peter Pan in Scarlet*: Em 2004, um concurso foi organizado onde 200 escritores do mundo todo escreveram sinopses para uma nova e oficial sequência da obra, e a britânica Geraldine McCaughrean venceu criando “Peter Pan escarlate”. Constitui uma sequência oficial de Peter e Wendy (1911). A história, que se passa em 1926, continua as aventuras dos Garotos Perdidos, da família Darling e de Peter Pan, durante o reinado de Jorge V e após a Primeira Guerra Mundial: Sonhos estão vazando na Terra do Nunca, sonhos estranhamente reais, de piratas e sereias, cocares de guerra e crocodilos, e deixando objetos incômodos nas camas de Wendy, João, Deleve, Cabelinho e outros Meninos Perdidos. Já se foram 20 anos desde que eles foram na Terra do Nunca e todos já são adultos, quase todos com seus próprios filhos. Se quiserem voltar e resolver o mistério, eles teriam de virar crianças outra vez, pois é a única forma de ingresso no país. Quando Peter Pan entra em cena, todos os pensamentos se desviam do foco na missão de resgate dos adultos e vira uma verdadeira diversão, uma aventura, uma jornada exploratória, uma caça ao tesouro, e até os lugares mais remotos da Terra de Lugar Nenhum.

Em todas as narrativas em que Peter Pan aparece, elas são sempre cheias de muita aventura. Interessou-nos investigar essas diferentes adaptações, em gêneros variados, já que em nossa proposta de leitura também nos utilizaremos de dois enunciados que se inspiraram na história de Peter Pan: uma história em quadrinhos - HQ e uma canção/letra de canção do gênero musical *Rhythm and Poetry - RAP* - “Peter Pan”, de Samantha Machado e Groove Delight.

3.4.3 As versões para as histórias em quadrinhos – HQs

Trazemos, inicialmente, a obra em HQ do artista francês Régis Loisel. Nela, podemos perceber que Loisel não se prende em nada à obra original. Ao contrário, sua obra demonstra tudo o que a obra de J. M. Barrie ocultou sobre a vida da personagem principal. Ela funciona como se o autor quisesse mostrar “os bastidores” da obra, demonstrando todo o desprezo de Peter Pan em relação aos adultos. Nessa HQ, toda a infância ácida e repleta de torturas psicológicas, praticadas por sua mãe e, também, de diversos abusos sexuais, vindos de diversos personagens, bem como dos seus pensamentos fantasiosos de fuga, vem à tona e são traduzidos como válvulas de escape. Imaginativamente, a obra demonstra o que a vida teria feito com ele a partir dos muitos traumas que ele vivenciou.

Imagem 08 – Peter Pan na visão de Loisel



Fonte: HQ francês de Loisel²⁰

Loisel, em sua narrativa, apresenta uma HQ com cenas de diálogos fortes e cheios de significados sexuais. A partir do olhar desse autor, ele refrata a história de Peter Pan, ou seja, uma criança com uma infância trágica, e assim acaba demonstrando de forma crítica a formação da corrupção humana. Portanto, o personagem principal da obra é apresentado como uma pessoa cruel e que sente prazer em assassinar adultos. Ele se esquece de seus atos e, logo em seguida, vê neles a revanche de seus traumas não superados. Loisel, ao contrário de J. M. Barrie, não esconde nada em relação aos atos realizados por Peter Pan. Ele apresenta todas as respostas aos questionamentos que o leitor, eventualmente, faria na leitura da obra original. Fazemos o mesmo questionamento final de Loisel para a sua versão em HQ: Nascemos monstros ou é a sociedade que nos corrompe?

Lembramos, ainda, que nas obras pesquisadas em português, nos deparamos com algumas situações relacionadas à tradução da língua inglesa para a língua portuguesa. Em alguns aspectos, a tradução levou em conta o fato de ser uma obra voltada para o público infantil e muitas das críticas feitas por J. M. Barrie à sociedade inglesa da época não aparecem nas traduções com o mesmo teor de crítica. Já a obra do artista francês Régis Loisel é carregada de crítica e, ao mesmo tempo, tenta explicar o comportamento da personagem Peter Pan. Apesar de fazer uma grande busca pela versão dela em português, infelizmente não a encontramos disponível, tampouco a versão original em francês.

Selecionamos algumas das HQs em português que foram traduzidas do inglês e de outros idiomas e que fizeram muito sucesso. Grande parte das obras são relacionadas com a versão original de J. M. Barrie e outras receberam adaptações de acordo com a vontade de seus autores.

²⁰ Fonte: <https://regisloisel.com/peter-pan>. Acesso em 01 de março de 2024.

Imagem 09 – Quadros de datas e obras para as HQs

2011

Dona Benta conta a História de Peter Pan - Editora Globinho

Peter Pan e os Piratas - Editora do Brasil S/A



2013

Peter Pan – História Completa – Desenho animado infantil em Português - Cartola Editora



2016

A verdadeira história de Peter Pan - Editora Universo dos Livros

Peter Pan e Capitão Gancho Editora Comix Zone

Peter Pan - A origem da lenda Editora Universo dos Livros



2017

Peter Pan – Contos de Fadas – História de Embalar para crianças - Cartola Editora



2018

Peter Pan – História Completa – Desenho animado infantil com os Amiguinhos - Binding Kindle Editora

Terra de aventura de Peter Pan e o Wolf – Histórias Morais para crianças - Cartola



2019

Peter Pan – Em Português – Conto e música com os amiguinhos

Peter Pan – Capítulo 08 “A lagoa das sereias” - Cartola Editora

Peter Pan – Capítulo 10 “O lar feliz” – Cartola Editora



2020

As aventuras de Peter Pan - São as nossas mães - Editora do Brasil S/A

As aventuras de Peter Pan – Porque é vermelho o índio? – Ed.Cartola

Peter Pan – J. M. Barrie – A Verdadeira História de Peter Pan - Editora Zahar

As aventuras de Peter Pan – Segunda Estrela à direita – Ed.Cartola



2020

J&S e Peter Pan - Editora do Brasil S/A

Peter Pan – A Procura do Livro do Nunca - Editora do Brasil S/A

Quem é Peter Pan e qual história os filmes contam? - Editora do Brasil

Leitura do livro As aventuras de Peter Pan com o Tio Tatá – Editora do Brasil



2021

Peter Pan – História infantil em Português – Mundo Cartoon - Editora Clube de Autores

Peter Pan – História Completa – Desenho animado – História Contada - Cartola Editora



2022

Peter Pan e Suas Aventuras - Contos de Fadas – Brazilian Fairy Tales - Cartola Editora



2023

As novas aventuras de Peter Pan – A cidade chateada - Cartola Editora

As novas aventuras de Peter Pan – O Aniversário do Peter Pan - Editora Globo

Peter Pan e Andy ou Andy e Peter Pan? - Carlota Editora



2023

As novas aventuras de Peter Pan – Limpando tudo – Episódio Inédito - Editora Cartola

A verdade de Peter Pan! Vingança, traição e a origem de Peter Punk - Editora Comix Zone



Fonte: Bing.com 2023 (Adaptado)²¹

Para além do romance de J. M. Barrie que se desdobrou em filmes para o cinema, livros com diversas adaptações, Histórias em Quadrinhos, temos ainda muitos jogos, especialmente os eletrônicos, parques temáticos, brinquedos e uma infinidade de produtos que foram criados a partir da personagem Peter Pan e de todos os demais que fizeram parte de suas aventuras.

²¹ Fonte: <https://www.bing.com/images/>. Acesso em 20 mar. 2024.

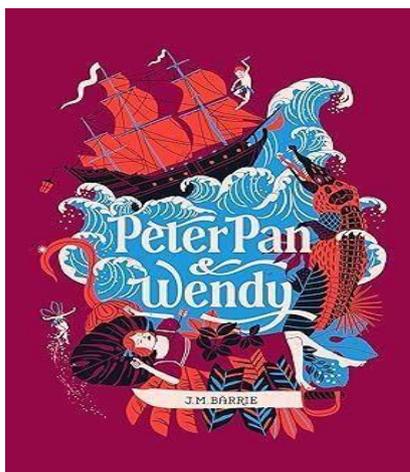
3.5 – A edição de *Peter Pan e Wendy* selecionada para a nossa análise

A edição que escolhemos é a que mais se aproxima da tradução do original. Após analisarmos várias versões feitas a partir de traduções de diferentes autores, bem como a obra no original em inglês feita para o teatro, optamos pela edição intitulada *Peter Pan e Wendy*, de 2018, traduzida por Gabriel Naldi, com ilustrações feitas por André Ducci e publicada em formato e-book pela Mojo Editora²¹. O trabalho de ilustração visual, aqui desenvolvido por Ducci, é de tamanho primor que, em muitos momentos, ajuda o leitor a se transportar para dentro da história, dado o trabalho de identificação do verbal com o não verbal.

Das obras pesquisadas que tivemos acesso, entendemos que essa é a que está mais fidedigna ao contexto original, e a nossa escolha se deu, também, porque ela está disponível gratuitamente para todos. Assim, o leitor que desejar ler a obra terá a chance de fazê-lo sem nenhum custo financeiro, e caso o professor opte pela ideia de utilizar um clássico mundial em sua sala de leitura, ela já está disponível para uso.

Entendemos que a nossa escolha, para além dos aspectos acima mencionados, traz um pouco do Peter Pan garoto vivendo uma paixão, aventureiro e heroico, mas também aprendendo a perder e a refletir sobre suas ações. Em muitas situações, é possível perceber uma personagem mais centrada e menos infantil, como ele costuma ser retratado. Ela apresenta um fio condutor de começo, meio e não fim. A obra de J. M. Barrie não tem a pretensão de se encerrar em si mesma, mas deixar que o leitor use a sua imaginação para a sua continuidade.

Imagem 10 – Obra *Peter Pan & Wendy*



Fonte: Clube do Livro para Leitores Extraordinários, 2018

²¹ A obra Peter Pan que ora apresentamos o link para acesso já se encontra em domínio público. Disponível em: <https://mojo.org.br/ebook/peter-pan-wendy/#>. Acesso em 20 nov.2022.

3.6 – Síntese do enredo *Peter Pan e Wendy*

A obra *Peter Pan e Wendy*, 2018 será melhor apresentada no capítulo de análise desta tese, onde apareceram variados usos da entonação em cada um dos enunciados que mais se destacam e, assim, entendemos que o mesmo trabalho pode ser feito enquanto proposta de leitura de uma obra literária, objetivando tornar produtivo o conceito da entonação, contribuindo para uma ampliação das capacidades leitoras.

Como muitos leitores adultos, eu também, entrei em contato tardiamente com a obra *Peter Pan e Wendy* (2018) de J. M. Barrie. A leitura dela poderia ter acontecido, ainda, na minha infância, mas, infelizmente, não tive o contato através da literatura, inicialmente, já que é uma história bem conhecida e faz parte de um conjunto de obras clássicas da literatura infantojuvenil. Agora, para a pesquisa desta tese de doutorado, com o olhar de pesquisador, entrei em contato com a primeira versão em inglês - escrita para o teatro -, a versão escrita enquanto romance - que caiu no gosto do público infanto-juvenil - e, também, muitas outras versões produzidas para os mais diferentes gêneros como: cinema, HQs, letra de canção etc.

A partir de um breve resumo da obra *Peter Pan e Wendy* (2018), para a contextualização do documento de pesquisa escolhido, lembrando que as leituras feitas em diferentes gêneros e fontes acabaram influenciando meu olhar e, portanto, as observações pertinentes ao *foco* de pesquisa: a entonação.

A história que narrada tem início com a chegada de Peter Pan à casa da família Darling. Os pais haviam saído para um jantar e as crianças ficaram sob a responsabilidade da babá Naná (que era uma cadela). Nesse momento, Peter Pan apareceu em busca de sua sombra que ele perdeu em uma de suas aventuras e toda a ação da história começa a partir daí.

Com seu poder de sedução, Peter Pan convence a Wendy e seus irmãos John e Michael a segui-lo para a Terra do Nunca. Uma viagem cheia de aventuras e perigos. Ao chegar no local desejado, Tinker Bell - a fada Sininho de temperamento forte e imprevisível -, faz de tudo para eliminar Wendy, sua concorrente ao coração de Peter Pan. No entanto, para ele, Wendy seria a sua mãe e não a sua amada. Esta, sabiamente, traz consigo o comportamento de sua mãe, a Sr.^a Darling e, por ser bastante perspicaz, toma muitas iniciativas em relação ao comportamento de Peter Pan que, em muitas situações, coloca todos em situações de perigo de morte.

Na Terra do Nunca, eles vivem muitas ações que, para Peter Pan, representa sempre a oportunidade de uma nova aventura, porém, para as demais personagens, é sempre um momento

de tensão e, em alguns casos, perigo eminente de morte. Todavia, eles sempre encontram uma maneira de escapar, ainda que isso custe a vida de alguém.

A relação de Peter e Wendy acaba se desgastando por uma série de ações que acontecem na narrativa e que inevitavelmente a faz acordar para a realidade, e, assim, acende o desejo de fugir daquele mundo da fantasia e voltar para a realidade do convívio junto à sua família em Londres, antes que seus pais os esqueçam de vez. Ao tentar despertar os irmãos e os moradores da Terra do Nunca, o que ela desperta mesmo é a fúria de Peter Pan e, com isso, facilita a entrada do capitão Gancho na moradia deles, capturando cada um dos moradores das casas subterrâneas e levando-os para o navio dele. Antes de capturar os meninos, Gancho, sem nenhum escrúpulo, trava uma batalha com os Pele Vermelhas que guardavam a moradia de Peter Pan e mata a maior parte deles. Ao perceber, Peter Pan, fragilizado por ter sido “abandonado” por todos, Gancho vê a oportunidade que tanto aguarda e, dormindo em sono profundo quase é envenenado por Gancho, porém Tinker Bell o salva, bebendo o veneno que seria para ele. Como ela era uma fada, acaba sendo salva pelo sorriso de uma criança que acredita em fadas.

Depois de voltar ao normal, Tinker Bell conta tudo o que aconteceu enquanto Peter Pan dormia, e ele sai em disparada para salvar Wendy e os meninos. No confronto final, ele usa de toda a sua astúcia para capturar cada um dos piratas e matá-los. Ele avisa aos meninos para não tocar no Gancho, pois ele mesmo deseja acertar as contas com ele por ter matado os seus amigos Pele Vermelha em uma batalha totalmente injusta e sem honra. Assim, ele faz de tudo para aterrorizar o capitão até que ele acaba caindo na boca do crocodilo Tic Tac, que vivia à espreita para terminar de saboreá-lo, pois, da primeira vez que se encontraram, só conseguiu comer a mão dele.

Ao término da obra, que na verdade não é o término, Wendy volta para casa com seus irmãos e os meninos. Ela ainda leva os demais meninos que viviam com Peter Pan, na ilha da Terra do Nunca, para serem adotados pelos seus pais. Ao chegar em sua casa, Wendy faz de tudo para convencer Peter Pan a ficar junto a eles, pois ela tem o aval da Sr.^a Darling e, também, o desespero do Sr. George, que controlava as finanças, porém o aventureiro se recusa e volta para sua ilha. De tempos em tempos, ele volta a visitá-los e leva Wendy para fazer uma “faxina” de primavera. Desaparece e aparece e nem nota que o tempo passou, e que a Wendy já havia crescido e se tornado mãe da menina Jane. Ele a seduz, também, a ir com ele, fazer a faxina de primavera, assim como, tempos mais tarde, o faz com Margareth, neta de Wendy, como em um

ciclo da vida que começou com a Sr.^a Darling e sempre se renova a cada novo nascimento na família.

3.7 – A escolha da teoria da entonação para a nossa análise

Para toda análise de uma obra literária, “os valores, o tempo e o espaço” não podem ser desconsiderados de forma alguma. Na obra *Peter Pan e Wendy* (2018), encontramos o caráter plurilinguístico do romance que Bakhtin define como “o discurso de outrem na linguagem de outrem” (2010, p. 127). Para esse autor:

A forma exteriormente mais evidente e, ao mesmo tempo, historicamente mais importante de introdução e organização do plurilinguismo é dado pelo assim chamado romance humorístico, seus representantes clássicos na Inglaterra foram Fielding, Smollet, Sterne, Dickens, Thackeray. etc. e na Alemanha, Hippel e Jean-Paul (Bakhtin, 2014, p. 107).

Bakhtin exemplifica com estes autores o que ele costumava teorizar em suas obras, usando uma breve análise dos enunciados desenvolvidos por esses representantes do romance inglês. Nestes estudos, entendi que J. M. Barrie, bem como sua obra *Peter Pan e Wendy*, fazem parte deste contexto literário, em que os discursos das personagens também são uma forma de organização do plurilinguismo no romance. As refrações das intenções desse autor, presentes no romance, são representadas nas palavras das personagens que, em geral, têm autonomia semântico-verbal, mas ao mesmo tempo traduzem a segunda voz do autor.

Nesse contexto, para Bakhtin, o romance “serve para refratar a expressão das intenções do autor” (Bakhtin, 2014, p. 107), ou seja, como já afirmamos no capítulo 2, ela é uma palavra bivocal, pois apresenta a intenção direta da personagem, refratada na palavra do autor. Nesse contexto, duas vozes se cruzam e coexistem se transformando em dialogicidade com muitas possibilidades de interpretações de sentidos, podendo até mesmo polemizar: cheguei assim, finalmente, à entonação.

Dentre os muitos conceitos bakhtinianos a decisão foi, portanto, trabalhar com a entonação, por entender que ela é a que mais se aproxima do movimento em direção à plenitude do enunciado, à completude dos sentidos, levando-se em conta a articulação entre elementos internos e externos na análise de uma obra. Os elementos que precisam ser acionados para sua compreensão, ou seja, os elementos extraverbais como a acentuação da palavra; o juízo de valor, o tom emocional-volitivo; o acabamento e a expressividade, dentre outros, estão diretamente ligadas à entonação e compõem os caminhos a serem seguidos para a compreensão do todo de cada enunciado presente em uma obra.

Para além destes apontamentos teóricos, a pesquisa com base na entonação se justifica pela ainda pouca quantidade de trabalhos que exploram este aspecto da linguagem como objeto central da pesquisa, dentro da área dos estudos bakhtinianos. Em uma pesquisa na base de dados da Capes, no Catálogo de Teses e Dissertações, considerando-se a busca pelo termo “entonação”, nos últimos 5 anos (2019-2023), foram obtidos 23 resultados, sendo 12 dissertações de mestrado e 6 teses de doutorado. Deste conjunto, 11 pesquisas, sendo 4 teses e 7 dissertações exploraram de alguma forma a entonação a partir dos construtos bakhtinianos. Entretanto, apenas uma das pesquisas explora o conceito como seu objeto principal de investigação, trazendo o termo no título do trabalho: A ENTONAÇÃO VALORATIVA EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, de Jane Cleide dos Santos Bezerra, tese defendida em 2020 no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, sob orientação do Prof. Dr. Renilson José Menegassi.

A tese de doutorado de Jane Cleide dos Santos Bezerra, desenvolvida entre 2016 e 2020 em Maringá - PR, apresenta a discussão sobre o conceito axiológico de entonação, proposto por Bakhtin e o Círculo, enquanto elemento valorativo da linguagem presente em livros didáticos de Português - LDP - de 6º e 9º anos do Ensino Fundamental, adotados em uma escola pública. Ela teve por objetivo compreender a manifestação desse conceito em atividades de leitura e escrita, contribuindo com o desenvolvimento das competências do estudante-leitor na escola, possibilitando autonomia social. Sua pesquisa é ancorada nos estudos do dialogismo, amplamente estudado pelo Círculo bakhtiniano. A tese tem três momentos fundamentais: 1) identificação dos gêneros discursivos que admitem o conceito de entonação valorativa; 2) sistematização dos critérios de análise a partir de caracterizações da entonação valorativa e 3) caracterização do conceito de entonação nas coleções escolhidas. Consoante os resultados, ela constatou que o conceito axiológico se encontra presente no LDP e que a manifestação da entonação valorativa se constitui em uma condição primordial para que o estudante realize o trabalho de construção de sentidos no processo de leitura. Acredito que a parte teórica dessa tese é a que mais se aproxima desta investigação, pois também foram explorados as camadas axiológicas do enunciado articuladas à entonação, conforme observado no segundo capítulo dessa tese.

Já no banco de dados Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, do Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia (IBICT), utilizando os mesmo filtros, no mesmo período, obtivemos apenas 1 tese e 1 dissertação que exploraram o conceito de

entonação na perspectiva bakhtiniana: *A CARNAVALIZAÇÃO EM CHARGES COM TEMÁTICA RACISTA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA*, de Niede da Rocha Guedes, tese defendida na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP -, em 2022, sob a orientação da Profa. Dra. Nadia Azevedo; e a dissertação *ELEMENTOS AXIOLÓGICOS DA LINGUAGEM NA PRÁTICA DE LEITURA EM CONTEXTO DO PROGRAMA MAIS APRENDIZAGEM*, de autoria de Fabiane Santos Eisele Zilio, defendida na Universidade Estadual do Centro-Oeste -UNICENTRO -, em 2022, sob orientação da Profa. Dra. Cristiane Malinoski Pianaro Angelo.

A tese de Guedes, 2022 tem como foco *O USO DA LINGUAGEM CARNAVALESCA EM CHARGES COM TEMÁTICA RACISTA*, publicadas no Brasil entre 2019 e 2021, a fim de analisar o posicionamento axiológico do autor das vozes nas charges. A apropriação teórica da pesquisadora sobre a entonação fundamenta-se na perspectiva dialógica do discurso, evidenciando a compreensão dos valores mobilizados na produção do enunciado, que determinarão o que ela denomina por “entonação do discurso”, expressão da posição antirracista assumida pelos chargistas nas charges analisadas. Articulando ao conceito de entonação expressiva à questão do racismo, a autora (Guedes, p. 85) afirma que “O racismo, portanto, não apenas é aprendido, mas também todas as crenças e valores são orientados pela entonação, ‘expressão sonora da avaliação social’ (Volóchinov, 2013, p. 175)”.

Na dissertação de Zilio (2022), com base em pesquisas sobre leitura em contexto brasileiro sob um viés dialógico-valorativo de cunho bakhtiniano, a pesquisadora busca compreender como as axiologias sociais - ou seja - o contexto extraverbal, as entonações e os juízos de valor - são mobilizadas nas práticas de leitura do gênero conto em contexto do Programa Mais Aprendizagem - PMA. Uma das conclusões da pesquisa é que, a partir das axiologias, a entonação se constitui nas práticas de leitura como um elemento portador da avaliação social, aspecto que também estamos considerando nesta investigação.

Em outra busca no Google, foi encontrada uma dissertação de mestrado defendida no Programa Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Lavras, por Natália Rodrigues Silva do Nascimento, intitulada “*HÁ MUITO TEMPO, EM UMA GALÁXIA MUITO, MUITO DISTANTE...*”: *ANÁLISE DIALÉTICO-DIALÓGICA DO TOM/DA ENTONAÇÃO DA EQUIPE AUTORAL DE UM FANFILME DE STAR WAR*. Essa interessante pesquisa realizou uma análise dialético-dialógica da constituição verbivocovisual do fanfilme “Hoshino - Star Wars Fan Film”, a fim de perceber, por meio das escolhas feitas pela equipe autoral, a entonação ou o tom emotivo-volitivo que revelou o projeto de sentido dos produtores desse

enunciado, inserido na corrente enunciativa. Tal objetivo principal se dividiu em três objetivos específicos: 1) discorrer acerca dos conceitos de gênero do discurso e de enunciado a partir do viés teórico do Círculo de Bakhtin; 2) abordar o conceito de tom ou entonação para a teoria bakhtiniana; e 3) propor um diálogo entre as concepções do Círculo e o conceito de verbivocovisualidade, de autores brasileiros, apresentando sua importância para análises que assumem o viés metodológico dialético-dialógico. O embasamento teórico principal se concentrou nas obras dos estudiosos do Círculo de Bakhtin, com ênfase nos conceitos de gêneros do discurso, enunciado e entonação/tom emotivo-volitivo, e na verbivocovisualidade. A leitura do presente trabalho também contribuiu para subsidiar a compreensão do percurso teórico do conceito de entonação no âmbito dos estudos bakhtinianos desta tese.

Além dessas pesquisas brevemente citadas, não se pode deixar de ressaltar que um dos pesquisadores que vêm se dedicando ao estudo da entonação considerada a partir do contexto axiológico é Renilson Menegassi, professor da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Ele e seus orientandos têm publicado artigos em periódicos especializados a respeito da temática, cujo desenvolvimento teórico inspirou e guiou esta pesquisa. Destaco, a seguir, alguns desses trabalhos desse autor e de outros com publicações em revistas eletrônicas, periódicos e participação em livros: *A entonação valorativa na interpretação de leitura de crônicas*, por Jane Cleide dos Santos Bezerra, Cristiane Malinoski Pianaro Angelo e Renilson José Menegassi - 2022; *A entonação valorativa em palavra escrita*, também por Renilson José Menegassi - 2022; *Uma análise bakhtiniana da propaganda audiovisual da cerveja Lauretiana Preta*, por Enísio Guilhermina Cuamba e Mauricio Bernardo Cigarros - 2021; *Um estudo sobre o conceito axiológico de entonação no gênero discursivo publicação do Facebook*, de autoria de Sergio Vale da Paixão e Renilson José Menegassi - 2020; *A entonação e o sujeito: uma análise discurso-enunciativa sob a perspectiva da linguagem de Volóchinov e Bakhtin*, por Jacira Fernandes dos Santos - 2020; *A entonação valorativa em perguntas de leitura a partir do gênero tirinha*, de autoria de Eliane dos Santos, Livia Mychelle Simplício Santos, Maria Genoveva de Oliveira Gama e Jane Cleide dos Santos Bezerra - 2020; *Valoração e entonação no dialogismo do Círculo de Bakhtin*, por Paulo Cezar Czerevaty e Cristiane Malinoski Pianaro Angelo - 2019; *Signos ideológicos e conceitos axiológicos: uma proposta interdisciplinar para a leitura de um adesivo obsceno*, de autoria de Adriana Belmira Mendes Polato e Claudia Priori - 2016 e *Conceitos axiológicos em propaganda impressa*, por Renilson José Menegassi e Rosilene da Silva M. Cavalcanti - 2013.

Conforme as produções observadas acima, pelas propostas de pesquisa, são grandes as preocupações em se lançar luz sobre as dificuldades que os estudantes brasileiros encontram em relação à habilidade da leitura e, por esse motivo, muitos são os autores que se desdobram para buscar caminhos para auxiliar o trabalho pedagógico junto aos professores. Além disso, a introdução dos estudos sobre entonação aparece para contribuir nesse processo. Os trabalhos existentes evidenciam os estudos voltados para os materiais didáticos, em geral de Língua Portuguesa, e em outros suportes, como as redes sociais, ou gêneros variados.

Apesar de existirem as publicações destes artigos, encontrados, que circulam desde 2013, nenhum deles tomou uma obra literária para análise da entonação com as lupas bakhtinianas, como é a proposta original desta tese, mas todos eles muito contribuíram, como já assinalado, para o desenvolvimento teórico e aplicado desta investigação em torno dessa temática.

Buscou-se, ainda, a partir deste estudo, uma contribuição inovadora, bem como um olhar promissor para o trabalho com a leitura em sala de aula a partir do uso de um clássico da literatura, *Peter Pan e Wendy* (2018), para o processo de desenvolvimento da linguagem e da imaginação dos estudantes.

Entendemos, com esta escolha, que a proposta pedagógica apresentada em nesta pesquisa possa possibilitar a aproximação dos estudantes com o ato da leitura, da imaginação e, também, da escrita. É importante reforçar que a seleção desse clássico não é estanque para uma proposta de leitura e que o professor pode selecionar aqueles que têm mais conhecimento ou dispor das obras às quais tem acesso. A utilização dos clássicos literários é evidenciada por serem eles mais notórios do público, em geral, e, também, por serem leituras de deleite, motivando os estudantes e facilitando a aprendizagem.

O trabalho de leitura de obras com enredos complexos e imaginativos pode permitir a aproximação de uma proposta pedagógica que venha a potencializar o desenvolvimento da linguagem dos estudantes. Reafirmo a importância de o professor alimentar a imaginação, pois ela é de alta complexidade e pode auxiliar a construir, no espaço escolar, o despertar da curiosidade dos aprendizes consolidando o prazer e o interesse pela leitura. Acredito que, ao se valorizar os conhecimentos axiológicos associados à constituição dos sentidos com foco na entonação, abrem-se novas possibilidades de ensino-aprendizagem para o professor, como sugerido no próximo capítulo.

3.8 – Metodologia de análise

Nesta proposta de pesquisa, objetivou-se compreender como os conceitos axiológicos articulados à entonação presentes na obra *Peter Pan e Wendy* (2018) podem concorrer para a ampliação da compreensão dos seus enunciados, pois, em algumas de suas situações de uso, mais de uma vez e com a mesma composição fraseológica, os sentidos se constituem de maneira completamente diferente, apontando para as variadas situações de interação que ocorrem no romance, entre personagens, entre narrador e personagens, entre narrador e leitor, entre narrador, personagem e autor.

Assim, foi realizada uma análise que segue a ordem dos acontecimentos no enredo, apontando, aqui e acolá, estas ocorrências diferenciadas do fenômeno da entonação, de forma explícita, muitas vezes, ou de forma indireta, a partir da relação entre autor e personagem nesta criação estética que é o romance. Nesta exploração do enredo, foram depreendidas algumas “formas de entonação”, as quais fizemos uma categorização inicial.

Evidenciando estes momentos, buscamos, em seguida, estruturar nossas atividades de leitura, articulando o romance *Peter Pan e Wendy* (2018) gênero literário secundário, complexo, a outros gêneros, conforme já citamos, uma história em quadrinhos - HQ e uma canção/letra de canção do gênero musical *Rhythm and Poetry - RAP* - “Peter Pan”, de Samantha Machado e Groove Delight. Nessa perspectiva, como detalharemos adiante, seguiremos a abordagem metodológica de ensino desenvolvida na tese em andamento de Regiani Leal Dalla Martha Couto (2024), intitulada *Prática Didática Dialógica - PDD*, que citamos a seguir:

Quadro 06 – Prática Didática Dialógica dos contos machadianos

PDD - Prática Didática Dialógica	
1º	Em busca do fio dialógico: Trazer para a conversa inicial um outro texto/enunciado, na tentativa de provocar curiosidade quanto à temática da leitura do dia, bem como suscitar o início do fio dialógico para a aula, porque nenhum discurso é adâmico, na perspectiva teórica que adotamos. Durante nossa prática, escolhemos diferentes gêneros com essa finalidade, antes da leitura dos contos machadianos, trouxemos charges, músicas, encenações, entre outros que dialogassem de alguma maneira com a temática do conto selecionado.
2º	Momento da interação: Ir ao encontro do texto/enunciado proposto no nosso caso, os contos machadianos. Essa interação ocorreu em diferentes formatos, seja pela leitura silenciosa, leitura em voz alta, leitura compartilhada. Adotamos, a proposta de interação na perspectiva bakhtiniana, entendendo-a como encontro de diferentes alteridades que saem de alguma forma modificados ao participarem de uma situação concreta da comunicação discursiva.
3º	Hora da prosa: Momento de conversar com o texto/enunciado lido, fazendo perguntas sobre o texto. Nessa etapa diferentes questões foram feitas, como: Por que o autor escreveu dessa forma? Em que momento escreveu? Achou a leitura fácil, difícil? O que o texto provocou em você? Nesse momento da conversa instigamos os alunos a perceberem algumas marcas discursivas do estilo machadiano.

4º	Arena dialógica: Momento do debate, da discussão, das inferências, de perceber como os alunos dialogam com o texto, observando as relações dialógicas que eles estabeleciam, como as vozes sociais apareciam, como os alunos respondiam à leitura e a valoravam ao constituírem sentidos. Volóchinov (2018) afirma que “o signo transforma-se no palco da luta de classes”. Adotamos essa nomenclatura da arena dialógica, porque nesse palco de luta, de tensão os signos ganham valorações, e constituem sentidos à medida que seus interlocutores os compreendem responsivamente.
5º	Resposta ativa criadora: Em nossa proposta, após esse percurso de leitura, observamos como os alunos valoraram, reavaliaram, reacentuaram os contos, e a resposta se deu na produção escrita do gênero discursivo <i>Fanfic</i> . Para Bakhtin (2016) todo enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva”, ou seja, o interlocutor reage de diferentes maneiras: contrapõe, aceita ou ainda fica em silêncio, mas sempre o enunciado tem uma resposta. Em nosso olhar, ao contrapor duas culturas, a do século XIX e a contemporânea, instigaria o aluno a uma resposta criativa, já que ele teria que dialogar com dois universos distintos, que eram os contos canônicos e um gênero discursivo digital, para se constituir autor.

Fonte: PDD elaborada pela pesquisadora Couto. (Couto, 2024)

Como se pode notar acima na tabela criada por Couto (2024), apesar dos desafios enfrentados por essa pesquisadora em função da pandemia mundial da Covid-19, ela conseguiu colocar em prática sua pesquisa de campo com os seus estudantes. É importante observar o que ela chama de cinco etapas, ou seja: “Em busca do fio dialógico”; “Momento da interação”; “Hora da prosa”; “Arena dialógica” e “Resposta ativa criadora” para o percurso da pesquisa dela.

Apesar desta proposta de pesquisa ser diferente, ou seja, de cunho bibliográfico, entendo importante a apresentação dessa tabela com base na teoria bakhtiniana e com resultados exitosos para reforçar a importância de se jogar luz nessa discussão da importância da leitura e, também, a busca incessante por estimular os estudantes a ter contato com a leitura e a sua compreensão de forma crítica. A proposta de leitura que apresento, com base na análise da obra literária, utilizando a lupa da entonação, busca adaptar esta proposta, mas preservará muitas das características empreendidas por Couto.

No percurso metodológico se encontra a apresentação da vida do autor da nossa obra escolhida para análise e, também, os muitos desdobramentos em vários gêneros textuais nos quais ela se desdobrou. No capítulo quatro apresentaremos a análise na obra *Peter Pan e Wendy* (2018), demonstrando as muitas entonações que ela apresenta.

CAPÍTULO 4 – A ENTONAÇÃO NA OBRA LITERÁRIA: *PETER PAN E WENDY*

“Peter havia dito a Wendy que esse era o endereço da Terra do Nunca; mas nem sequer os pássaros, mesmo se levassem mapas e os consultassem nas esquinas onde ventava mais, teriam conseguido encontrar o lugar com essas instruções. Você sabe como é – Peter simplesmente falava a primeira coisa que lhe vinha à cabeça.”

J. M. Barrie, 2018

Neste capítulo é apresentada à leitura analítica do romance *Peter Pan e Wendy* (2018), versão da Editora Mojo, traduzida do inglês para o português, buscando desvelar as variadas formas que a entonação aparece no texto literário, diretamente expressas, a partir de convenções da escrita ou estratégias linguísticas diversas, bem como indiretamente, através da compreensão ativa e criadora do leitor, ao reconhecer entonações típicas de conhecidos interlocutores em costumeiras situações. Assim, as sessões foram organizadas por tipos de ocorrências, observando as falas dos personagens ou as intervenções do narrador.

4.1 – A metáfora entonacional do tempo

No romance *Peter Pan e Wendy*, Barrie se utiliza de vários tipos de entonação nos diálogos travados entre as personagens. Já na abertura, no primeiro parágrafo da primeira página, a senhora Darling exclama o seguinte enunciado:

“- Ah, por que você não pode ficar assim para sempre?!” (Barrie, 2018, p. 21).

Nesse contexto inicial, já podemos perceber que a valoração sobre a atitude da senhora Darling em relação ao tempo se traduz na entonação presente nesse enunciado, algo que o leitor precisa compreender, já de imediato, pois esse aspecto irá compor os acontecimentos que são centrais para o romance.

Podemos observar que o enunciado da senhora Darling pressupõe vários temas, como o desejo eterno de cuidar, próprio das mães; de poder ter o filho próximo, de poder supervisionar e controlar tudo o que acontece com o filho, por desejar protegê-lo etc. Em cada uma dessas possibilidades, é suposta a crítica, ou ainda, a reprovação indireta feita em relação ao “tempo” que, independentemente de nossa vontade, cumpre o seu papel e faz com que as crianças envelheçam desde o primeiro dia de seu nascimento.

Lembro, nesse sentido, da passagem de Volóchinov, ao apresentar o conceito de “metáfora entonacional”. Em “A palavra na vida e a palavra na poesia” - 1926, o autor utiliza

um exemplo de dois sujeitos conversando sobre a chegada tardia da neve para introduzir a questão da metáfora entoacional:

[...] No nosso caso, lidamos com um fenômeno extremamente importante da criação linguística, com a *metáfora entoacional*: a entonação soa como se a palavra criticasse algum culpado vivo pela neve tardia, isto é, pelo inverno. No nosso exemplo, temos a *pura* metáfora entoacional, que em nada extrapola os limites da entonação; porém, nela, como num berço, dorme a possibilidade da metáfora semântica comum (Volóchinov, 2019, p. 126, grifos do autor).

Esse exemplo, a partir de uma interação entre dois sujeitos discutindo sobre a chegada tardia da neve nos recorda, indiretamente, a relação da senhora Darling com o tempo. Nesse contexto específico, a crítica, bem como a indignação, não se dirige a Wendy (sua filha), mas a um *outro*. O pensamento dela tem como expressão um movimento entoacional que amplia a situação e oportuniza o aparecimento do terceiro participante do diálogo: “o tempo!”.

Assim, o enunciado pronunciado pela senhora Darling, “[...] praticamente o transforma em uma nova encarnação viva do culpado, sendo que o ouvinte - o segundo participante - torna-se uma espécie de *testemunha e aliado*” (Volóchinov, 2019, p. 125 grifos do autor). Mesmo que o tempo não esteja, diretamente, presente no discurso, é possível perceber sua existência, pois o desejo da mãe de Wendy não será realizado e alguém precisa levar a culpa pela não realização. Na história, Wendy é testemunha de sua mãe, já no processo narrativo, nós, leitores, é que somos as testemunhas.

Ainda neste enunciado, em seu início, encontra-se a presença da interjeição “Ah”, seguida de uma vírgula que a separa do restante do enunciado: “por que você não pode ficar assim para sempre?” Esta interjeição, localizada no início da oração, nos chama atenção, enquanto leitores, pela afetividade empregada. Com o uso dessa interjeição é possível imaginar a manifestação de um suspiro, um estado de alma específico do sentimento materno, próprio da situação que se desenha na imaginação do leitor. Assim, retomando as camadas axiológicas do enunciado, a interjeição e a interrogação produzem o eco da apreciação e do ato emotivo da mãe de Wendy como esse suspiro lamentoso.

Não importa qual seja a situação de comunicação que vivenciamos, mas ao enunciar é importante que tenhamos bem claro, “[...] primeiramente, *o som expressivo da palavra*, isto é, a entonação; em seguida, a *escolha* da palavra; e, finalmente, a *disposição* da palavra no todo do enunciado” (Volóchinov, 2019, p. 286, grifos nossos).

Logo na sequência, é possível notar no excerto em que J. W. Barrie dialoga com o leitor e corrobora com a fala da senhora Darling: “[...] Todos nós sabemos disso. Percebemos

logo após alcançarmos os dois anos de idade. Dois anos é o começo do fim” (Barrie, 2018, p. 21).

O “todos nós sabemos disso” explicita aí o chamado “presumido” ou “subentendido”, ou seja, “[...] aquilo que todos nós, os falantes, conhecemos, vemos, amamos e reconhecemos, aquilo que une todos nós [...]” (Volóchinov, 2019, p. 120), e este presumido é a base sob a qual se constrói toda a história, pelo seu contraponto: Peter Pan não cresce nunca. Aliás, é a frase inicial do romance: “Todas as crianças, menos uma, crescem”

Sabemos que, com Bakhtin, “Todo discurso literário sente com maior ou menor agudeza o seu ouvinte, leitor, crítico, cujas objeções antecipadas, apreciações e pontos de vista ele reflete” (Bakhtin, 2018, p. 225). O narrador, ao afirmar em seguida: “Todos nós sabemos disso. Percebemos logo após alcançarmos os dois anos de idade. Dois anos é o começo do fim” (Barrie, 2018, p. 21), retoma o conteúdo do enunciado anterior da conversa e dá continuidade ao diálogo como se o leitor fosse uma das personagens com os quais ele dialoga, o “nós” inclusivo aponta para uma verdade que seria universal, ou pelo menos é a sugestão.

Podemos inferir que, no querer dizer do autor, este objeto da fala, o fato de “todos nós crescermos”, não está isolado no interior de um enredo qualquer, mas é uma ideia partilhada socialmente. O “objeto” crescer, e, por conseguinte envelhecer, e com isso ter uma finalização da vida, está, em nossa sociedade “amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações” (Bakhtin, 2014, p. 86).

As escolhas feitas pelo autor, a princípio, tendem a focar no universo das personagens, mas também apontam para fora, para o horizonte maior: “[...] aquele horizonte único sobre o qual se fundamenta o enunciado pode ampliar-se tanto no espaço quanto no tempo: existe o ‘*subentendido de uma família, de uma linhagem, de uma nação, de uma classe, ou dos dias, dos anos e de épocas inteiras*’” (Volóchinov, 2019, p. 121).

Assim, a presença da entonação na abertura da narrativa aliada justamente ao cerne temático do romance - a questão do crescimento - propicia ao leitor não apenas uma sensação de pertencimento à história, como também uma identificação com o sentimento em relação ao fato de sermos obrigados a crescer/envelhecer. Além disso, compõe o entendimento dos caminhos para onde a leitura da obra o levará, como seria um mundo possível sem as agruras do crescimento, sem as responsabilidades e dificuldades da vida adulta, sem a obrigação de responder à autoridade, entre outros aspectos.

Fechando o círculo de sua narração, Barrie encerra a história voltando à mesma temática iniciada na abertura do romance, relatando, no último capítulo “QUANDO WENDY

CRESCER”, o inevitável avançar humano no tempo, mas também a renovação, através das gerações vindouras, no caso, da filha e neta de Wendy, e assim por diante.

Neste encerramento, é chegada a hora da despedida de *Peter Pan* e Wendy, e ele tenta se livrar de fazê-lo de forma longa, assim somente diz adeus a ela. Nesse instante, a senhora Darling se aproxima deles, pois não queria mais tirar os olhos de Wendy. Ao chegar perto de Peter, ela lhe propõe que fique adotado, como as demais crianças que vieram com ele da Terra do Nunca. Ele pergunta se teria que ir para escola e ela responde afirmativamente. Ele agradece o convite para ficar:

- Eu não quero ir para escola aprender coisas sérias - Peter retrucou exaltado. - Não quero ser adulto. Mãe da Wendy, imagina só eu acordar um dia e perceber que cresceu barba no meu rosto (Barrie, 2018, p. 209).

Peter Pan sabe claramente o que ele não quer da vida. Ao enunciar que não quer ir para a escola, não quer barba na cara para não ser adulto, ele ao mesmo tempo entoia: “A vida de adultos é muito chata. Não quero as responsabilidades de vocês. A vida de vocês adultos é sem aventuras. Prefiro continuar criança para sempre. Em meu mundo eu sou feliz, será que vocês são?”

A vida na Terra do Nunca propiciou muitas aventuras das quais Peter Pan não teria participado se resolvesse sair de lá. Talvez, por esse motivo ele não se sinta atraído pelo mundo de Wendy. Barrie, nesse contexto, se aproxima da obra *Huckleberry Finn* de Mark Twain, em que a personagem principal também não vê com bons olhos o fato de ter que crescer.

Combinaram de se verem uma vez por ano, para fazerem uma “faxina” na casa na Terra do Nunca, e isso tinha muito significado para Wendy, que ficava sempre na expectativa desse reencontro. Já para Peter, o fato não tinha o mesmo sentido. Na cabeça dele um ano e um dia era a mesma coisa, pois enquanto nos divertimos não prestamos atenção na passagem do tempo – e essa ideia contradiz a concepção sobre o tempo, no enunciado inicial em que a senhora Darling dialoga com Wendy (criança) e o tempo. Sobre esta situação, o narrador partilha sua preocupação com o leitor: “Doía em Wendy perceber que um ano inteiro parecia apenas um dia insignificante para Peter. Para ela, havia sido uma espera, mas ele continuava fascinante como sempre. [...]” (Barrie, 2018, p. 211).

Dessa forma, neste fechamento, a percepção do tempo também é recolocada, pelo prisma do próprio Peter, e indiretamente pelo autor, que nos convida a questionar sobre o valor do tempo quando estamos ligados às nossas lembranças e afeições. O que era cronológico para Wendy, contando segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses para rever Peter Pan, para

ele, era um tempo psicológico que não significava absolutamente nada. A sugestão de Barrie é que a passagem do tempo é também psicológica, unindo-se às nossas memórias, já que o tempo pode ser muito cruel (O que retoma o pensamento inicial da senhora Darling), ou ser muito rápido ou imperceptível (como na visão de Peter, que não estava preso à realidade factual, e sim de sua vontade e fantasia).

4.2 – O Cantar do galo e o tique-taque do relógio: imitação de vozes e sons

Algumas passagens do romance protagonizadas por Peter, fazem criar, em nossa imaginação de leitores, ecos entonacionais de vozes e sons. Podemos dizer que são marcas indiretas de entonações cotidianas, como o canto de um galo e o tique-taque de um relógio.

Vejamos a passagem em que Peter imita o canto de um galo, ao chegar de surpresa:

Nesse momento escutaram um ruído que quase fez o coração deles sair pela boca. Ouviram Peter imitando um galo:
 — Peter! — exclamaram, pois era assim que ele avisava quando estava de volta.
 — Escondam a menina — sussurraram.
 Rapidamente se juntaram ao redor de Wendy, mas Piuí permaneceu afastado. De novo ouviu-se o canto do galo. Peter pulou no meio deles. (Barrie, 2018, p. 90).

Este canto acontece novamente quando Peter invade o navio dos Piratas, para salvar Wendy e os meninos:

“Nunca saberemos o último verso, pois a canção foi interrompida por um grito terrível vindo da cabine. O berro ecoou por todo o navio. Depois ouviu-se um galo cantar. Os garotos sabiam exatamente o que era, mas os piratas acharam aquilo ainda mais agourento do que o grito do colega” (Barrie, 2018, p. 186).

A imitação do canto de galo vai chamar a atenção de Gancho e dos Piratas, assustando-os, e repetindo-se como um prenúncio de morte: “Cecco abriu os braços, desesperado, e finalmente entrou na cabine. Ninguém cantava; todos ouviam. Novamente, outro grito de morte e outro canto do galo” (Barrie, 2018, p. 186).

Em uma conversa já ao final da narrativa, entre Wendy e Jane, sobre as lembranças de Peter e a Terra do Nunca, o canto do galo é novamente citado, e ainda imitados por ambas: “[...] - Qual foi a última coisa que Peter te disse? - A última coisa que ele me disse foi: ‘Espere sempre por mim e uma noite você vai me ouvir outra vez cantando como um galo’” (Barrie, 2018, p. 215).

De fato, logo em seguida na narrativa, Wendy escuta o canto de um galo e Peter reaparece na narrativa:

E então, certa noite, o inesperado aconteceu. Era primavera, Jane estava dormindo. Wendy estava sentada no chão, bem próxima da lareira, para enxergar o que estava costurando, já que não havia nenhuma outra luz acesa no quarto. Foi quando ouviu o canto do galo. A janela se abriu subitamente, como nos velhos tempos, e Peter pousou no chão (Barrie, 2018, p. 216).

O canto marca ainda o encontro de Peter e Jane. Ele responde que veio buscar a mãe dele e ela responde que já sabia e que, na verdade, já o aguardava. Eles conversam detidamente até que Wendy volta para o quarto: “Quando Wendy voltou, encontrou Peter empoleirado aos pés da cama, entoando seu glorioso canto de galo. Jane, de camisola, voava pelo quarto em completo êxtase” (Barrie, 2018, p. 218).

Assim, o “canto do galo” marca, simbolicamente, a chegada (presença), a partida e o retorno de Peter na narrativa, reconhecido positivamente pelos garotos e Wendy que já sabem “decifrar” o canto, mas desconhecido e visto negativamente por Hook e seus piratas. Lembremos, aqui, o conceito de signo ideológico de Volóchinov (2017), já explanado no capítulo 1 desta tese, cuja existência só pode se dar em um “terreno interindividual” e, como Janus, tem duas faces: a voz que entoando o canto pode soar como “amiga” ou “inimiga”.

Sobre as imitações de vozes e sons, articulamos a teoria do signo ideológico de Bakhtin (2014) e Volóchinov (2016). Entendemos com esses autores que o sentido é construído no processo de interação discursiva entre os sujeitos sociais que fazem uso da linguagem de forma responsiva ativa. Há sempre uma nova possibilidade de ressignificação do material verbal utilizado, levando-se em consideração a relação existente entre o eu e o outro no momento da interação, os sentidos estão no devir.

Ainda para Volóchinov (2017), é preciso que se observe, em cada ato enunciativo, a relação intrínseca que existe entre a palavra e o signo, pois este é um fenômeno do mundo exterior, enquanto que aquela constitui o eixo da esfera comunicativa que expressa valores. De acordo com esse autor:

[...] a palavra participa literalmente de toda interação e de todo contato entre as pessoas: da colaboração no trabalho, da comunicação ideológica, dos contatos eventuais cotidianos, das relações políticas, etc. Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social. É bastante óbvio que a palavra será o *indicador* mais sensível das mudanças sociais, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando, onde elas ainda não se constituem em sistemas ideológicos organizados (Volóchinov, 2017, p. 106).

Ao entrar em contato com o outro, a palavra ganha os valores sociais e, assim, se transforma em signo ideológico passando a exercer função ativa enquanto comunicação social. Nesse sentido, as palavras utilizadas pelo autor de uma obra se tornam signos, pois elas adquirem um constructo ideológico aceito socialmente. Esses signos são representados de muitas maneiras e uma de suas representações que utilizamos em nossa análise é o sentido dos símbolos.

Para explorar melhor os símbolos já plasmados socialmente, recorreremos ao Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant (2015), em que o galo simboliza “altivez”, “manifestação da luz (nascimento do sol)”, “coragem”, “virtudes militares”, “proteção contra as influências malélicas da noite”, “vigilância guerreira”, “guardião da vida”, “luz e ressurreição”, mas em algumas culturas é um símbolo nefasto: significa “desejo”, “cobiça”, “apego”, “sede”, “cólera”, “desejo desmesurado”. Neste sentido, guardando-se as devidas proporções, pode-se facilmente relacionar a personalidade muitas vezes contraditória do personagem Peter Pan.

Da mesma forma que acontece com o canto do galo, o tique-taque do relógio engolido pelo crocodilo é utilizado na narrativa como estratégia de Peter para enganar o capitão Gancho. O episódio do crocodilo é contado pelo próprio pirata:

Sentou-se em um grande cogumelo, com um leve tremor na voz: — Rolha — disse, com a garganta seca —, aquele crocodilo já teria me comido há tempos, mas minha sorte é que ele engoliu um relógio que faz tique-taque. Por isso, antes que me pegue, viro um corisco ao ouvir aquele som. (Barrie, 2018, p. 83).

Todos os moradores da ilha sabiam que, em uma certa batalha entre Peter Pan e o Hook, este último levou a pior e perdeu sua mão para um crocodilo, que passou a persegui-lo querendo terminar o serviço. Ao engolir a mão, levou também um relógio que sempre os alertava quando ele começava a se aproximar: “Tique-taque, tique-taque, tique-taque!” (Barrie, 2018, p. 84).

Peter Pan, espertamente, passa a imitar o tique-taque do relógio:

Quando cruzou com o crocodilo, não notou nada de diferente, só depois sentiu falta do tique-taque. Achou estranho, mas deduziu que a corda do relógio havia acabado. Sem levar em consideração o sentimento de perda de seu companheiro de ilha, Peter maquinou usar aquilo em seu favor. Passou ele mesmo a imitar o tique-taque, ludibriando as feras que assim não o atacariam ao passar pela mata. Imitava o ruído perfeitamente, mas isso causou uma consequência imprevista: o crocodilo também ouviu e começou a segui-lo. (Barrie, 2018, 183).

O som do relógio e o canto do galo compõem um pano de fundo entonacional à narrativa, pois funcionam sempre como aviso de algo. No caso do tique-taque do relógio, a presença do crocodilo era sempre uma ameaça ao Capitão Gancho, mas se torna uma estratégia e um aliado de Peter, abrindo para a dupla face do signo ideológico, como já assinalado há pouco. A entonação não está explícita, mas está suposta, e o passar das horas marcada pelo tique-taque do relógio simboliza tanto o fim de Gancho como a passagem do tempo – nossa metáfora entonacional do tempo novamente aludida, pautando o ritmo da própria narrativa.

Retornado ao Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant (2015), o crocodilo simboliza a voracidade, mas é um símbolo de hipocrisia e duplicidade, é o “demônio da malvadez” e da “natureza viciosa”, “símbolo das contradições fundamentais”. Estas caracterizações simbólicas vão ao encontro da essência do personagem Gancho: “Quanto mais educado, mais sinistro se parecia, o que talvez seja a prova irrefutável de sua sofisticada criação. Articulava as palavras de maneira elegante mesmo quando praguejava, mantendo a distinção” (Barrie, 2018, p.77-78). Em sua história, de forma contraditória, a preocupação com a educação (ou falta dela) estranhamente se uniam à degeneração, ambição e maldade:

Hook não era seu nome verdadeiro. Revelar sua real origem, a essa altura, causaria um grande escândalo. Os mais atentos a detalhes já devem ter adivinhado que ele frequentou um colégio muito conservador, cujas tradições ainda o envolviam como se fossem suas roupas. Por sinal, as roupas eram uma boa parte dessa tradição. Por isso, até hoje era inadmissível para ele abordar um navio conquistado com a mesma roupa usada durante o ataque. Ele ainda caminhava com o andar característico dos alunos da tal escola. Acima de tudo, fazia questão de mostrar sua boa educação. Boa educação! Mesmo em sua atual degeneração, Hook ainda achava que isso era o mais importante de tudo (Barrie, 2018, p. 174).

Assim, ao descrever a maldade no comportamento do capitão Hook - é interessante notar que Barrie exalta a sua educação refinada. Para os leitores, pode parecer meio antagônico, mas ele fez a mesma exaltação ao dizer que o Peter Pan não conhecia as letras, no entanto, tinha uma educação refinada, pois conviveu com as fadas que exigiam dele traquejo social em seu comportamento com elas. Porém, em relação ao Hook, o autor usa outra entonação ao falar sobre ele: “Quanto mais educado, mais sinistro se parecia, o que talvez seja a prova irrefutável de sua sofisticada criação” (Barrie, 2018, p. 77).

Também a descrição da vestimenta (pois sabemos que o hábito faz o monge), dá ao leitor à imagem de como deveria ser o capitão ao se apresentar em batalha: “[...] Sempre se vestia, tanto quanto podia, como o rei Charles II, [...]” (Barrie, 2018, p. 79). Contraditoriamente, os piratas não são conhecidos por sua boa roupagem.

Acreditamos, portanto, que a percepção destes sons, indiretamente, que avisam dos perigos – a presença do crocodilo – ou da presença de Peter Pan aludem às práticas culturais que todos reconhecemos, que são acompanhadas por diversos sons, como badalar de sinos, como fogos de artifícios, como tiros de canhões, como tilintar de taças, como o sinal do intervalo na escola, entre inúmeros outros. Não há, neste caso, como fugir aos tons sociais básicos compartilhados por todos nós e, com eles, relacionar nossa temática da entonação.

Não podemos nos esquecer que os sons, no romance, em forma de “canção”, aparecem também nas músicas cantadas pelos personagens, pelos piratas, pelos pele-vermelhas, por Wendy, como o exemplo a seguir:

- Segurar, amarrar, içar! Arrá!
Piratas são eternos!
Mesmo tomando tiro.
Pá, pá! Nos vemos no inferno! (Barrie, 2018, p. 77).

4.3 – As entonações dos pais: o Sr. e a Sra. Darling

No capítulo inicial do romance *Peter Pan e Wendy*, 2018 há alguns exemplos de falas entre Wendy, a senhora Darling e o sr. George, em que a entonação – marcada ali pelos usos de termos e/ou da pontuação, demarcam a presença da palavra autoritária, presente nas relações entre pais e filhos.

Sobre a “palavra autoritária”, encontramos-la em vários momentos do romance *Peter Pan e Wendy*: da senhora Darling para as crianças; de Wendy ressoando a voz da senhora Darling, em seu papel de mãe, endereçada às crianças.; de Peter Pan para os meninos; do capitão Gancho para seus lacaios; de Lily-Tigre para os peles-vermelhas; de Tinker Bell para os meninos, na ausência de Peter Pan Etc. Esta concepção de “palavra autoritária” aparece em Bakhtin:

O discurso autoritário exige de nós reconhecimento e assimilação, impõe-se a nós independentemente do grau que, para nós, tem sua persuabilidade interior: já se pré encontra unido por natureza autoritária. [...] O discurso autoritário situa-se numa zona distante e está organicamente vinculado a um passado hierárquico. Trata-se, por assim dizer, da palavra dos pais. Esta já foi reconhecida no passado [...] (Bakhtin, 2015, p. 136).

A personagem do Sr. Darling, na história de Peter Pan, representa essa voz de autoridade, por ser o pai da família, mas também traz, em sua fala e sua entonação, o discurso autoritário. Vejamos algumas falas do Sr. Darling, em que o verbo no imperativo e o uso reiterado do advérbio “não”:

- Não me interrompa agora – ele implorava.
- [...] Não diga nada, minha querida...[...] Quietinha, minha criança.
- Lembre-se da caxumba! [...] ...não fale agora... (Barrie, 2018, p.23)

Já a esposa, Sra. Darling, representa a mulher de sua época, submissa, e que tende a concordar com o esposo e, em caso de discordância, esta é dissimulada, fazendo com que ela aja às escondidas, como no episódio da ocultação da sombra de Peter Pan. É comum, ainda, as falas de motivação para o esposo, do tipo “- Claro que conseguiremos, George! [...]” (Barrie, 2018, p. 23).

O acontecimento da sombra acontece no segundo capítulo, cujo título leva o mesmo nome e, por si só, já traz uma aura de mistério. Ao longo da história, é desvelado que a sombra aqui mencionada se refere ao reflexo de Peter Pan, perdido em uma de suas travessuras, quando ele faz a visita às crianças pela primeira vez. Nesse episódio, a cadela Naná, como boa babá e guardiã da segurança das crianças, decide pendurar a sombra numa das janelas do quarto. Entretanto, a senhora Darling retira a sombra da janela, pois “Parecia uma roupa secando no varal, o que dava à casa um tom deselegante”.

A escolha de Barrie aqui pelo termo “deselegante” aponta para uma apreciação valorativa sobre o comportamento da senhora Darling, e como ela representava uma “classe média” inglesa, não admitia ser confundida com práticas ou hábitos de uma outra classe social, a que costumava “pendurar roupas nas janelas”.

Interessantemente, podemos fazer também algumas inferências sobre os nomes escolhidos para os pais. A mãe não tem nome próprio, ela apenas é denominada pelo sobrenome do marido “Darling”, ela é apenas a Sra. Darling. Isso pode apontar para uma valoração social do autor sobre as denominações comuns correntes na Inglaterra da época, mas também constitui um sentido outro, de que a mulher nesta sociedade não tem vida própria, ela vive à sombra do marido. Também a palavra “Darling” traz uma carga ideológica bem marcada, de forma de tratamento afetuoso entre casais, ou mesmo afetado, entre mulheres, amigas, cuja entonação parecem até saltar aos nossos olhos/ouvidos quando empregada na narrativa de Barrie.

Já o nome do pai, George, apesar que, pela investigação bibliográfica realizada, tratar-se de uma homenagem a umas das crianças adotadas por Barrie, é também um nome de um rei da Inglaterra, o Rei George. Ou seja, a mãe não tem nome próprio, o pai tem e é um nome de rei. Nesse sentido, trazemos novamente a palavra como *signo ideológico por excelência*, que

denomina as pessoas e, nessa denominação, para além de uma identificação individual, retrata a sociedade da época de sua utilização. Nas palavras de Volóchinov:

Pois a palavra participa literalmente de toda a interação e de todo contato entre as pessoas: da colaboração no trabalho, da comunicação ideológica, dos contatos eventuais cotidianos, das relações políticas etc. Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social (Volóchinov, 2017, p. 106).

Prosseguindo no tempo da narrativa, trazemos outro exemplo caracterizador da personalidade de Sr. George Darling. Voltemos à cena em que a família está toda reunida e o pai tenta fazer Michael tomar o remédio, antes de a senhora Darling e ele seguirem para o jantar daquela noite no número 27. Ele diz ao Michael, como uma entonação de ordem:

“- **Seja homem**, Michael!” (Barrie, 2018, p. 38, grifo nosso).

Esta fala do senhor Darling, em tom alto, remonta a outras falas que o antecedem e tem como intuito reforçar a ideia de construção de como um homem deve ser: valente, destemido. Por um lado, podemos perceber a posição do senhor Darling em relação ao seu filho homem, o que, certamente havia ouvido de seu pai, ou ainda de sua mãe, quando criança, um tipo de cobrança bastante comum nas famílias, retomando um discurso patriarcal.

Por outro lado, “ser homem” também é uma alusão ao Peter Pan, que não quer deixar de ser menino, não quer “ser homem”, muito embora, em muitas de suas ações, como líder dos garotos perdidos, por exemplo, é possível perceber que ele tem o comportamento de um adulto com responsabilidades.

4.4 – As interjeições e repetições: estratégias formais da entonação

Em variados momentos da narrativa, como acontecem comumente no texto literário, o autor constrói diálogos e descreve situações lançando mãos de estratégias formais para expressar a entonação adequada naquela situação narrada. Além disso, utiliza também repetições, criando, por assim dizer, um “eco entonacional” que intensifica o que está sendo dito.

Um primeiro exemplo é o mesmo episódio da sombra, em que o narrador afirma que a senhora Darling havia ficado em uma situação delicada, sem saber o que fazer com a sombra que encontrou pendurada na janela. Segue o narrador: “Decidiu enrolar a sombra e guardá-la

em uma gaveta. Sua ideia era esperar uma boa oportunidade para contar o caso ao marido. Ai, ai!” (Barrie, 2018, p. 34).

Vale observar aqui o uso das interjeições: “Ai, ai!” Por sua natureza, temos que estas interjeições exprimem: emoção, sensação, estado de espírito, preocupação, alerta. No caso, novamente, o autor busca agir sobre o leitor, colocando-o como aliado e convocando-o a refletir sobre a ação da senhora Darling. Por outro lado, esse “Ai, ai” denuncia que o narrador sabe mais sobre as consequências da atitude da senhora Darling, prevendo que problemas com o marido George possam surgir. Estão expressos neste uso a apreciação valorativa do narrador, que carrega, de forma dialogizada, o juízo de valor de uma sociedade patriarcal sobre as atitudes “desejáveis” de uma esposa. Através do uso dessa interjeição repetida, muito comum nos gêneros cotidianos – o que faz do narrador onisciente um participante familiar ao leitor –, escutamos o eco da voz do autor Barrie ao nos revelar os meandros hierárquicos das relações sociais, denunciando, conforme se percebe ao longo do romance, a posição subalterna da mulher. A respeito dos gêneros cotidianos, Volóchinov nos esclarece:

Em uma análise mais detalhada, veríamos a enorme importância do *aspecto hierárquico* nos processos de interação discursiva e a influência poderosa da organização hierárquica da comunicação nas formas do enunciado. A etiqueta verbal, o tato discursivo e as demais formas de adaptação do enunciado à organização hierárquica da sociedade possuem um significado importantíssimo no processo de elaboração dos principais gêneros cotidianos (Volóchinov, 2018, p. 109).

Um outro exemplo que se repete ao longo da narrativa é do uso variado da interjeição “Ah”. Lembremos do episódio em que, ao notar o interesse de Wendy, *Peter Pan* tenta convencê-la a partilhar as aventuras em sua companhia. Ele lhe fala das muitas possibilidades e vantagens que ela teria se decidisse acompanhá-lo, perguntando-lhe o que ela acharia de sair voando com ele, no que ela suspira: “Aaah!” (Barrie, 2018, p. 56).

Observemos que o enunciado inicia com a letra a maiúscula e acrescenta uma sequência de “as” sugerindo uma entonação que tenta expressar as ideias sonhadoras da personagem envoltas em muito desejo e emoção.

Já quando Peter Pan continua falando das aventuras, ele menciona a Wendy a possibilidade de estar em contato com sereias, o que ela exclama: “- Ah!” (Barrie, 2018, p. 56). Embora este “- Ah!”, também seja de exclamação, é possível notar que ele não tem a mesma ênfase e nem o mesmo entusiasmo do anterior. A entonação desse “- Ah!” sugere “Como seria ver as sereias? Como será poder tocá-las? Como será poder falar com elas? Como será poder

brincar com elas? Como será fazer amizade com elas? Etc.” Talvez, para Wendy, ver sereias está em um grau de surpresa menor que sair voando.

Peter Pan continua e Wendy parece cada vez mais encantada. Quando ele diz que ela seria a pessoa responsável por colocá-los para dormir, ela novamente exclama: “- Aaah...” (Barrie, 2018, p. 56). Nesta exclamação, podemos notar muita semelhança com a exclamação inicial - “Aaah!”, porém com uma grande diferença no uso da pontuação, com reticências, o que vai conferir um sentido completamente distinto. Dado o contexto desta cena, é possível, ao leitor, notar o interesse maternal de Wendy, que poderia desejar: demonstrar sentimento de carinho de mãe; pertencer ao universo de Peter Pan; de poder ser útil como menina que é; se sentir desejada etc.”

Logo na sequência, na mesma conversa, temos a volta da exclamação: “Aaah!” (Barrie, 2018, p. 56). Neste caso, embora a forma seja idêntica, pelo caminhar do diálogo, a entonação se configura completamente diferente das anteriores, pois há um espanto de Wendy pelo fato de ninguém nunca ter colocado Peter Pan e os meninos para dormir. Também o narrador acrescenta: “exclamou, estendendo seus braços para ele”. Neste momento, a entonação desvela o quanto Wendy já havia sido seduzida por Peter.

Um pouco mais adiante, Peter precisava convencer os meninos e Wendy, que estava hesitante, a voar, antes que seus pais voltassem. Para isso, ele lembra Wendy, novamente, das sereias e, para seduzir os meninos, acrescenta os piratas:

“- Sereias!” - repetiu Peter.

- Aaah!

- E tem os piratas também!

- Piratas!” (Barrie, 2018, p. 59).

Diferentemente dos *Aaah!* anteriores, agora Wendy o pronuncia com o sentido de: “Sim! É verdade. Havia me esquecido”; e ainda algo como: “Preciso conhece-las, será uma aventura mágica!

Todas estas possibilidades de interpretações são possíveis a partir das interjeições utilizadas nestes enunciados e suas conseqüentes entonações. Na língua portuguesa, temos sua estruturação formada a partir de uma organização das classes de palavras obedecendo as regras da sintaxe que coloca cada elemento do enunciado em suas devidas posições. No caso das interjeições, dado o seu valor semântico, elas já são consideradas como palavras-frase capazes de suscitar sentidos em um grande enunciado com apenas uma colocação.

Conforme já apontado no capítulo 2 da tese, é possível articular aqui ao uso das interjeições à expressão do ato emotivo-volitivo. Para Bakhtin, o ato emotivo-volitivo, mesmo integrante de um contexto único e singular de uma consciência viva, integra um horizonte social maior do qual todos participamos e cujas sensações e reações às diferentes interações irão produzir, mesmo para um só material verbal-sonoro, sentidos outros.

Vejamos outra ordem de entonação. Lembremos da sequência do episódio da sombra, em que, por meio de uma interposição narrativa que antecipa ou volta no tempo dos acontecimentos, e utilizando-se do recurso da repetição, Barrie consegue expressar a “aura estilística” de uma entonação de lamento pelo ocorrido do sumiço das crianças, no colóquio entre o senhor e a senhora Darling:

- **Se ao menos eu** não tivesse aceitado o convite dos vizinhos do 27 para jantar – lamentava a senhora Darling.
 - **Se ao menos eu** não tivesse jogado um remédio na tigela da Nana – respondia o senhor Darling
 - **Se ao menos eu** tivesse fingido que gostei do remédio – diziam os olhos marejados de Nana
 - **É nisso que dá** eu gostar tanto de festas, George.
 - **É nisso que dá** eu achar que sou comediante, minha querida.
 - **É nisso que dá** eu ser louca com detalhes, meus padrões.
- (Barrie, 2018, p. 34, grifo nosso).

Todos os elementos da cena, acima apresentados, reúnem para o leitor, primeiramente, o cenário em que eles se encontram. Não é difícil presumir a dor que ambos estão sentindo pela ausência das crianças e também pela culpa que os consome por acharem que são os responsáveis pela partida delas. Mas as repetições das estruturas: “Se ao menos eu não tivesse [...]” e “É isso que dá [...],” parecem criar um “coro de lamentação”, cena da qual o leitor é ao mesmo tempo testemunha e expectador-

É preciso comentar, neste contexto, a presença de Nana, a cachorra babá, totalmente humanizada na narrativa, utilizada como uma das vozes no texto para expressar a posição subalterna, do empregado doméstico, aqui um serviçal dedicado, detalhista, atencioso e amoroso – mas era uma cachorra. No excerto a seguir, temos a reflexão de Nana sobre o fato de ela ter sido contratada como babá. Ela questiona sua competência para tal serviço de tão grande responsabilidade junto as crianças: “[...] Nana pensava: “É verdade. Eles não deviam ter uma cachorra como babá. **Não deviam!**” [...]” (Barrie, 2018, p. 35, grifo nosso).

A repetição, neste caso, expressa uma “subida de tom”, de reprovação e concordância com o Sr. Darling sobre ter uma cachorra como babá.

Como base em Bakhtin, podemos pensar o papel de Nana a partir da noção de plurilinguismo²²: “O plurilinguismo introduzido no romance (qualquer que sejam as formas de sua introdução) é o **discurso de outrem na linguagem de outrem**, que serve para refratar a expressão das intenções do autor. [...] (Bakhtin, 2014, p. 127).

Assim, a presença da personagem Nana e de muitos outros seres não humanos – mas com atitudes, sentimentos e complexidades humanas, portanto produtores de “enunciados humanos”, apontam para a refração do posicionamento do autor em relação a estes atores sociais e sobre as situações que lhes acontecem.

No reforço de confirmação ao final da reflexão de Nana: “Não deviam!”, o autor parece buscar junto ao leitor a concordância de seu pensamento refrangido. É como se J. M. Barrie, através da reflexão de Nana, se punisse da decisão de tê-la colocado na posição de babá e também buscasse a “mea culpa, mea culpa,” mencionada anteriormente pelo senhor Darling. Ou, ainda, pode expressar a inusitada situação do animal como “serviçal”, além da relação patrão/empregado, a subserviência entre classes sociais - que se reproduz tacitamente dentro da esfera doméstica. Teríamos, como traz Bakhtin, uma “[...] atitude do autor em relação à linguagem enquanto opinião corrente [...]” (Bakhtin, 2014, p. 108). Nesta situação é como se o autor solidarizasse “[...] com ela, apenas mantendo uma distância mínima, e, de vez em quando, fazendo ressoar diretamente nela a sua própria “verdade”, isto é, confundindo inteiramente a sua voz a dela. [...]” (Bakhtin, 2014, p. 108). Barrie, assim, se vale da personagem Nana para, verdadeiramente, expressar sua apreciação valorativa sobre um dos aspectos da sociedade burguesa inglesa em decadência.

Um outro exemplo, entre muitos, está no próprio título do capítulo “VAMOS LOGO, VAMOS LOGO! A expressão que abre este capítulo: “Vamos logo, vamos logo!” reitera a mesma estratégia da repetição, aliada ao acréscimo do ponto de exclamação. Compreendemos, aqui, a sugestão de uma entonação de motivação e animação, desde o título, antecipando ao leitor alguma ação ou aventura e que algo inesperado poderá acontecer.

4.5 – Percebendo a entonação pelas rubricas

²² Optamos pelo termo *plurilinguismo* com base na obra *Questões de literatura e estética: A teoria do romance*, 2014, traduzida por Aurora Fornoni Bernardini e Cia. Na tradução mais atual, realizada por Paulo Bezerra, intitulada *Teoria do romance I: A estilística*, 2015, o termo utilizado é *heterodiscurso*.

Uma outra característica composicional relacionada à entonação aventada durante toda a análise do romance, refere-se aos diálogos em que são feitas indicações de como o personagem entoa o que fala.

Na concepção bakhtiniana, o diálogo é um fenômeno constituinte em qualquer esfera de atividade humana. Em sua versão imediata, face a face, pode ser transcrito no texto literário de diversas formas. Na obra de J. M. Barrie, sofrem influência do gênero teatral, pois, como apresentado anteriormente, ele era um dramaturgo. Assim, a representação dos enunciados na obra *Peter Pan e Wendy* (2018) aparecem em alguns momentos enquanto discurso teatral, pois, como afirma, Medviédev, ao tratar de “gênero e realidade”, o artista aprende a realidade com os olhos do gênero. Assim, visão da realidade pelo artista e sua representação se fundem: “[n]ovos meios de representação, forçam-nos a ver novos aspectos da realidade, assim como estes não podem ser compreendidos e introduzidos, de modo essencial, no nosso horizonte sem os novos recursos de fixação” (Medviédev, 2012, p. 199).

Vejamos alguns exemplos como de forma variada Barrie lança mão da rubrica do texto teatral:

“-Problema! – **gritou o senhor Darling, gritando de verdade.** – É essa gravata, que não se engravata” – disse, **ficando perigosamente sarcástico**” (Barrie, 2018, p. 36, grifo nosso).

“- Muitíssimo pior! – **respondeu altivo** o senhor Darling. [...]” (Barrie, 2018, p. 38, grifo nosso).

“- Obrigado, você foi mesmo muito rápida – seu pai respondeu, **com um tom irônico que ela não percebeu.** [...]” (Barrie, 2018, p. 39, grifo nosso).

“-Como assim, ‘Ah papai’? – o senhor Darling **perguntou, indignado.** [...]” (Barrie, 2018, p. 40, grifo nosso).

“- Peter, sou eu, a Wendy - **disse, aflita**” (Barrie, 2018, p. 66, grifo nosso).

“- Primeiro, abaixe a pistola - **disse, ameaçador**” (Barrie, 2018, p. 82, grifo nosso).

“- Sai da frente, Tink! - **bradou e disparou**” (Barrie, 2018, p. 86).

“- O Grande Pai Branco está contente de ver os guerreiros Piccaninny protegendo sua oca dos piratas - **dizia de maneira muito afetada**” (Barrie, 2018, p. 133, grifo nosso).

“- Coitados! - **geram todos**, mesmo sem pensar no que os pais estariam sentindo” (Barrie, 2018, p. 143, grifo nosso).

“- Se você quiser - **respondeu, tão indiferente como se ela tivesse pedido para passar o sal**” (Barrie, 2018, p. 145, grifo nosso).

Pode-se dizer, para além da influência das rubricas, que o narrador onisciente “mescla” as formas de expressar como o personagem age e como entona, ou seja, busca em poucas palavras sintetizar as camadas axiológicas do enunciado – a apreciação valorativa, o ato emotivo-volitivo e o juízo de valor - que compõem todo o diálogo, oferecendo ao leitor as pistas para sua compreensão. Por outro lado, é o momento de o narrador também trazer a sua voz, a sua opinião sobre a ação do personagem.

Estas observações das inserções do narrador sobre a entonação dos personagens parecem meros exemplos de diálogos do cotidiano, - como podemos verificar no último exemplo, sobre indiferença e “passar o sal” -, mas também traduzem, literariamente, o que foi apontado no capítulo 2 sobre a palavra bivocal, em que as nuances entonacionais dos personagens revelam as sobreposições de vozes entre autor, narrador e personagem. Na indicação da “forma” como falam e o que fazem quando falam, podemos inferir o que pensa o narrador e de forma, indireta, o romancista.

4.6 – A entonação por intercalação

Retomando o curso da história, voltemos para o exato momento em que Peter Pan retorna ao quarto das crianças para recuperar sua sombra que havia descolado de seu corpo. Depois de um longo diálogo com Wendy, ele menciona a existência das fadas e se lembra que Tinker Bell não está ao seu lado, como de costume, e começa a procurá-la. Através da indicação de Tinker, Peter encontra sua sombra e acaba fechando a fada na gaveta.

Na sequência das ações, o narrador deixa escapar o que ele pensa sobre as ações de Peter Pan, tecendo uma crítica em relação à responsabilidade, enquanto chefe da ilha Terra do Nunca, que ele acredita que o garoto deveria ter: “Acho que Peter pensou - **apesar de eu suspeitar que ele não pense quase nunca** - que quando encontrasse sua sombra, os dois se juntariam feito gotas de água, automaticamente” (Barrie, 2018, p. 46, grifos nossos).

Quando o narrador insere: “[...] - apesar de eu suspeitar que ele não pense quase nunca -,” ele utiliza uma estratégia de entonação por intercalação, trazendo à memória do leitor um abaixamento de tom, quase um “cochicho”, o que expressa seu julgamento de valor, podendo

ser traduzido em afirmações do tipo: “Ele não pensa nunca, pois só gosta de travessuras. Ele é um irresponsável. Ele não tem responsabilidade sobre as coisas. Ele é uma pessoa sem nenhum tipo de conhecimento de mundo. Ele não sabe de nada etc.”

O narrador, nesse momento, assume a voz da opinião corrente sobre a “irresponsabilidade” ou sobre os “irresponsáveis”, e sobre a valoração do “pensar” em oposição ao “se divertir” ou “desfrutar”, ou seja, o primado da lógica sobre a espontaneidade ou impulsividade.

É preciso assinalar que o narrador diz: “Acho que Peter pensou -”. O uso do verbo “achar”, por si só, já levanta suspeita no leitor, à medida em que achar não é certeza e deixa sempre a ideia de algo que pode ou não ser verdade, ou seja, esta escolha lexical isenta-o de quaisquer responsabilidades sobre o que dirá a seguir. Assim, a fala seguinte, pela entonação “rebaixada”, lembra-nos aquele tom de “fofoca”, em que o narrador coloca o leitor como seu aliado na apreciação sobre o comportamento de Peter – o que vai se reiterando e intensificando ao longo do romance.

Como já assinalamos anteriormente, Bakhtin trata do aspecto do romance em que o autor utiliza estratégias de estilização paródicas da linguagem comum: “Essa linguagem comumente falada e escrita pela média de um dado ambiente, é tomada pelo autor precisamente como a *opinião corrente*, a atitude verbal para com seres e coisas, normal para um certo meio social, o *ponto de vista e o juízo correntes* (Bakhtin, 2014, p. 108).

4.7 – A entonação de arrogância: a caracterização do personagem Peter Pan

Wendy, ao se encontrar pela primeira vez com Peter Pan, tem um longo diálogo com ele sobre o fato de ele não conseguir colocar sua sombra de volta, colada em seu corpo, o que ele supunha ser tarefa extremamente fácil, e ele acabou dependendo da ajuda dela para que a mesma fosse costurada de volta em seu corpo. Depois de finalizar o trabalho de cozer a sombra, Wendy se vê irritada com a indiferença de Peter Pan quando enuncia: “- Eu sou muito inteligente! [...] Como é bom ser esperto assim!” Inicialmente, ela o toma por uma pessoa arrogante, pois depois de ter a sombra recolocada em seu corpo, ele diz que a Wendy ajudou, mas ajudou um pouquinho. Wendy, ao ouvir isso, fica muito irritada e retruca: “Um pouquinho! - retrucou indignada. - Já que não sirvo para nada, vou me retirar.” (Barrie, 2018, p. 49).

A partir deste colóquio do casal, é possível notar a indignação de Wendy em relação ao fato de Peter Pan ser arrogante. A arrogância dele, ao longo de todo o romance, vai ser um

aspecto bastante comentado pelo narrador, e mesmo um fato importante na relação entre o menino e Hook, o capitão pirata: “Não é fácil reconhecer que essa presunção de Peter Pan era uma de suas qualidades mais fascinantes. Sendo ainda mais franco, nunca existiu um garoto mais arrogante do que ele” (Barrie, 2018, p. 49).

A percepção da arrogância de Peter Pan, pelo leitor, dá-se, além do contexto em que o enredo se desenrola, também pelo autoelogio, seguido de exclamações, criando uma entonação de presunção, que vai acompanhar a personagem principal na maioria das suas apreciações sobre suas atitudes.

A fala de Wendy: “- E eu não fiz nada, claro!” alude a “outras” falas que se queixam de como as mulheres são tratadas, suscitando diversos sentidos como o fato de que as mulheres não têm seu trabalho reconhecido, de que o trabalho feminino seja menor que o trabalho masculino etc. Apesar desse romance datar do início do século XX, já existe uma crítica do valor social atribuído aos gêneros, pois é possível depreender que a relação entre Peter Pan e Wendy flutua entre uma afeição materna ou mesmo romântica – o que é descartado ao final da história pelo autor - mas também de disputa social do reconhecimento dos papéis de meninos e meninas.

Assim, o alerta mesmo que pontual e passageiro no romance para a falta de reconhecimento social de um trabalho tão importante realizado pelas mulheres em suas casas e para o fato do trabalho das mulheres não ter visibilidade social, já encaminha para o discurso da luta das mulheres por igualdade de direitos, o que vai se concretizar décadas adiante, ao longo de todo o século e até os dias de hoje, com conquistas sociais na Inglaterra e em outros países, como o voto, o divórcio, a liberdade sexual, a legalização do aborto e a igualdade salarial entre homens e mulheres, entre outras.

Notemos que a inserção do advérbio “claro”, ao final do enunciado de Wendy, seguido do ponto de exclamação, que traz a entonação enfática e indignada, traz à tona sentidos possíveis de enunciados advindos de locutores cujos juízos de valores reafirmariam a posição da menina/mulher como subalterna de uma forma naturalizada.

Mais adiante, pelo fato de precisar que Wendy o acompanhasse e, por ter notado o quanto ela já havia ficado feliz ao ser elogiada, Peter Pan, como bom galanteador que é, não perdeu tempo e começou a usar de todo o seu charme para convencê-la a seguir viagem junto a ele.

Vejam os excertos onde ele percebe o ponto fraco da Wendy e a chama pelo nome, modulando sua voz para um tom galanteador: “- Wendy - continuou, com uma voz que nenhuma

menina seria capaz de resistir. - Wendy, uma menina vale por vinte meninos.” (Barrie, 2018, p. 49).

Embora não seja possível perceber a entonação utilizada - enquanto som vocálico de Peter Pan -, pois somente dispomos do contexto escrito, pela indicação do autor “- continuou, com uma voz que nenhuma menina seria capaz de resistir”, imaginamos uma fala melodiosa, própria dos encontros românticos, em que as palavras são lançadas ao sabor de muita musicalidade para que possam surtir o efeito desejado. Ao enunciar melodiosamente “uma menina vale por vinte meninos”, Peter Pan conseguiu fazer com que todos os pensamentos feministas de Wendy fossem embora, como “um irresistível charme para assegurar a atenção de Wendy”. Nesse sentido, por esta ação de Peter Pan, o autor pode sugerir, apesar de todas as pistas de uma suposta antecipação das conquistas femininas, que o feminismo seria bem “frágil” à sedução e investidas do sexo oposto.

A entonação de autoritário também pode ser percebida em algumas passagens nas falas de Peter Pan. Por exemplo, ao contar sobre suas aventuras na ilha da Terra do Nunca, ele começa a se gabar de todas as vezes em que levou a melhor ao travar batalhas com os piratas. Depois de contar como fez para derrotar o capitão Hook, ele se sentiu no direito de se impor dizendo as seguintes palavras:

“- Você deve dizer: ‘Sim, meu capitão’” (Barrie, 2018, p. 70).

Lá no início da história, o narrador já adverte o leitor sobre Peter Pan não saber lidar muito bem com seus sentimentos e, ao impor esta obrigação ao John, ele quer dizer algo como “Vocês devem obediência a mim. Eu sou a pessoa que comando este lugar, portanto, se reportem a mim. Este é o meu território, o meu reino. Aqui quem manda sou eu, portanto sou o capitão de vocês. Façam tudo o que eu mandar! etc.”

Outra característica que aproxima Peter Pan da palavra autoritária, mas como uma estilização paródica, é a imitação da voz do Capitão Hook. Um exemplo é o episódio em que os piratas jogaram o corpo de Lily-Tigre sobre a Pedra do Exílio para que lá ela morresse afogada. Para a sorte de Lily Tigre, Peter Pan, que estava na água, sabendo imitar perfeitamente a voz de Hook, gritou para os piratas no bote:

“- Alto lá, palermas!” (Barrie, 2018, p. 115).

A entonação expressiva e o uso do termo “palermas” constitui, para os piratas, o todo de um enunciado próprio do Hook, tornando a imitação muito bem-sucedida. Peter Pan prossegue na imitação, demonstrando que é sabedor das palavras autoritárias e grosseiras próprias de Hook, e da relação típica entre o capitão e os piratas:

“- Agora! Entenderam? - gritou Peter. - Se não enfio meu gancho no seu bucho!” (Barrie, 2018, p. 115).

Mais adiante na narrativa, Peter Pan decidiu continuar com a brincadeira da imitação da voz do Hook. Este não gostou nada, ao contrário, ficou ainda mais furioso. Essa fúria fica bem explícita quando ele ouve alguém gritar para seus imediatos:

“- Com mil demônios! - gritou Hook, furioso. - O que diabos está acontecendo aqui?” (Barrie, 2018, p. 118).

Ao indagar quem estava falando do navio, a voz responde: “- Eu sou James Hook. [...]” (Barrie, 2018, p. 119). A prepotência de Peter Pan neste momento parecia não ter limites. O verdadeiro James Hook, ainda mais zangado responde:

“- Não, não é. Você não é! - gritou Hook, com voz sombria” (Barrie, 2018, p. 119)

- Com mil demônios! - a voz replicou. - Repita isso e te afundo com minha âncora. (Barrie, 2018, p. 119).

Assim, Barrie apresenta aos leitores Peter Pan dublando a palavra autoritária, por bem reconhecê-la, a partir da leitura dos traços enunciativos do capitão Gancho e de como funciona a recepção da voz dele pelos seus comandados. Com esta estratégia de composição literária, o romancista nos brinda com uma entonação parodística, colocando em xeque o poder despótico, ao ridicularizá-lo.

4.8 – A entonação da fada criando temas: “Sua mula velha!”

Na narrativa de *Peter Pan e Wendy*, 2018 James Barrie apresenta Tinker Bell ou *Tink* como uma das personagens mais queridas. Na obra produzida para o teatro, ela não era

representada pela forma humana, mas por uma luz que percorria o palco durante a execução dos atos da peça. Quando da adaptação para o romance ela já ganha forma humana.

Com um comportamento que oscila o tempo todo, Tinker Bell se apresenta ao longo da narrativa como uma fada mal-humorada que não se comunica oralmente, mas sim emitindo tilintar como meio de comunicação - entre ela e Peter Pan. Sua tradução é mediada pelo convívio com Peter Pan que sabe exatamente o que ela diz em cada situação. O ciúme que Tinker sente dele é uma das suas características mais marcantes, o que vai perdurar por quase toda a história, por esse motivo, ela odeia tanto a Wendy.

“- Sua mula velha!” é, sem dúvida, uma expressão marcante nos enunciados de Tinker Bell, que destacamos aqui em nossas considerações sobre entonação, pois suscita muitos temas – na acepção do conceito de *tema* em contraposição ao de *significação* trazida por Volóchinov, em Marxismo e Filosofia da Linguagem, sobre os quais já foram brevemente abordados no capítulo 2.

Selecionamos as 5 ocorrências desse enunciado que, apesar de terem a mesma composição sintática, suscitam, em cada momento único, diferentes sentidos ressignificados no grande tempo da narrativa *Peter Pan e Wendy*, 2018 compondo assim, para o leitor, novos enunciados concretos. Assim, a cada situação envolvendo Tink e suas reações, ela enuncia “Sua mula velha” com uma entonação às vezes expressando zanga, outras vezes de raiva, discordância, desprezo ou indiferença, ciúmes e, até mesmo, amor.

A primeira ocorrência acontece logo no capítulo 3 - *Vamos logo, vamos logo!* -quando Tinker Bell tilinta para Peter Pan toda a sua fúria ao ser repreendida por ele pelo fato de ela se apresentar como sendo a *sua* fada. Ao enunciar - *Sua mula velha!* (Barrie, 2018, p. 53), podemos inferir que, na verdade, ela poderia querer lhe dizer:

- *Você não sabe de nada.*
- *Eu sou a sua fada independentemente de você querer ou não!*
- *Você é minha posse e pronto!*
- *Quem você pensa que é para dizer que não sou a sua fada!*
- *Você vai se arrepender do que está dizendo!*
- *Aguarde que vou lhe mostrar quem é que manda por aqui! Etc.*

Tais sentidos, entre outros, podem advir no imaginário do leitor, a partir da apreciação valorativa do autor sobre o comportamento psicológico da Tinker Bell – ciumenta, possessiva, vingativa e romântica -, demonstrando os problemas que essas emoções exacerbadas podem

acarretar, como acontece aos personagens da história, principalmente sobre a relação entre Wendy e Peter.

Mais adiante, ainda no capítulo 3, Tinker Bell novamente enuncia: “- Sua mula velha!” (Barrie, 2018, p. 54), endereçando-se também à Wendy, através de uma entonação furiosa com a aproximação de Peter Pan e Wendy depois de uma conversa sobre beijos (dedal) e presentes. Os possíveis temas que podem advir nesse enunciado poderiam ser:

- *Você não é páreo para mim.*
- *Eu o conheci primeiro, portanto eu sou a namorada dele!*
- *Ele é só meu.*
- *Você não pode beijá-lo.*
- *Você não tem direitos sobre ele etc.*

Já no capítulo 6 – Denominado *A Casinha* – encontramos novamente o enunciado: - *Sua mula velha!* (Barrie, 2018, p. 89), agora endereçado a Piuí, após este atirar uma flecha no peito de Wendy, por sugestão da própria fada enciumada. O leitor poderá, em sua compreensão ativa, produzir vários temas que traduziriam a entonação de Tinker Bell nesta situação:

- *Veja o que você acabou de fazer Piuí, você acabou de matar uma pessoa!*
- *Não quero nem ver o que aconteceu com ela.*
- *Imagine o que o Peter Pan fará com você.*
- *Você não enxerga?*
- *Eu não tenho nada a ver com isso! Eu nem estava aqui! Etc.*

Diferente das duas situações anteriores, o alvo do enunciado agora é o Piuí, um dos garotos que mora na Terra do Nunca junto a Peter Pan e os demais. A carga de raiva da fadinha, embora seja endereçada para outra pessoa, tem a mesma intensidade das anteriores.

Em – *Lar doce lar*, Capítulo 10 do romance, Tinker grita novamente - *Sua mula velha!* (Barrie, 2018, p. 139). O destinatário mais uma vez foi Peter, porém com uma entonação e temas suscitados completamente diferentes:

- *Mas como você é burro!*
- *Você não entende nada do universo feminino.*
- *Como pode alguém tão bravo e destemido temer tanto o amor?*
- *Você é cego para não entender o que sentimos?*

- *Mas como pode existir alguém tão ignorante?*

A última ocorrência acontece em uma situação ápice da narrativa, em que Tinker Bell, após beber o veneno destinado a Peter Pan, começa a morrer. Peter Pan indaga-lhe por qual motivo havia feito isso, e ela lhe sussurra ao ouvido: “- *Sua mula velha*” (Barrie, 2018, p. 211). A entonação proposta para o enunciado, neste momento, pode ser inferida como completamente diferente das anteriores, não há “raiva”, “ciúme”, e os temas que podem pular à imaginação do leitor seriam o oposto, a confissão do amor e afeição, algo como: “Eu te amo, Peter!”

Os enunciados acima considerados podem ser simbolizados pela figura a seguir, em que buscamos sintetizar algumas das diferentes possibilidades de temas que a entonação pode suscitar a partir de uma mesma expressão linguística. Dessa forma, unem-se o linguístico ao extralinguístico pelo fio entonacional que nós, leitores, por participamos do mesmo horizonte social e cultural – reconhecemos de imediato, no ato de leitura e da compreensão ativamente responsiva.

Imagem 11 – A entonação no enunciado concreto “sua mula velha!”



Fonte: França; Padilha, 2024.

Rememorando a citação de Bakhtin sobre a expressão do ato, em que nos apresenta dois pontos importantes a serem observados em relação à palavra: o conteúdo-sentido, ou seja, a palavra conceito e o tom emotivo-volitivo, que representa a entonação da palavra, podemos perceber que, apesar de parecerem naturalmente organizadas, essas estruturas, no romance, apontam caminhos a serem seguidos para que o leitor possa chegar a determinadas conclusões. Especificamente, a construção do todo das personagens Tinker Bell, Wendy e Peter Pan pelo autor consideram não apenas seus atos, responsáveis e respondíveis no enredo proposto, mas também seus dizeres.

4.9 – A entonação do silêncio

O valor da entonação pode ser também medido pela sua ausência, ou seja, pelo silêncio. Na narrativa, o silêncio está, na maioria das vezes, associado a algo ruim, negativo: “um silêncio sombrio” (p. 41); “um silêncio incômodo” (p. 41); “era o silêncio mais profundo que já tinham sentido” (p. 72); “um silêncio terrível caiu sobre a floresta” (p. 89); “Um silêncio frio caiu sobre a laguna” (p. 123); “Um silêncio incômodo se instalou” (p. 149); “a ilha estava mergulhada em um silêncio mortal” (p. 169);

Há uma passagem no romance em que as crianças, John e Michael, são acordadas e as conversas entre eles acaba despertando a curiosidade da babá Nana, que começa a latir. A empregada Liza vai até o quarto em companhia da Nana. Ao perceberem que tudo fica em silêncio, Peter Pan e as crianças se preocupam de serem descobertos. O narrador enuncia: “[...] Era o silêncio dela que eles estavam ouvindo.” (Barrie, 2018, p. 56-57).

Peter Pan já havia participado de muitas aventuras, e ele sabia que o silêncio absoluto era muito difícil de se encontrar, assim entendeu de imediato que aquele silêncio de fora significava algo como “encrenca chegando; motivo de preocupação; alarme de que algo está por acontecer; o prenúncio de algo assustador etc.”

Assim, para Peter Pan, o silenciar é capaz de entonar muito mais que qualquer palavra dita, pois ele indica ao interlocutor que algo está acontecendo e que é necessário estar atento ao não dito, ao não enunciado. Bakhtin demonstra preocupação em relação à voz, ou seja, ao dito. Porém, ele não deixa de lado o silêncio existente e que, nas interações, ele tem tanto ou, às vezes, mais importância que a palavra verbalizada.

O poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, assim como outros autores, nos chama a atenção, enquanto leitores, para percebermos a entonação existente, especialmente, no silêncio. Na palavra verbalizada, assim como na não verbalizada, repousam as entonações que estão sempre a abrir o diálogo com o interlocutor. Para Drummond, esse é *O constante diálogo*²³, presente e ausente na voz, mas que precisa ser notado:

[...] Escolhe teu diálogo
e
tua melhor palavra ou
teu melhor silêncio
Mesmo no silêncio e com o silêncio dialogamos.

4.10 – Wendy e a entonação da voz materna

²³ Disponível em: <<http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond19.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2021

As falas da personagem Wendy, no romance, tendem a recuperar uma entonação imperativa (os verbos estão no imperativo), expressando a autoridade própria da irmã mais velha ou das mães. Ao aceitar, por exemplo ser a mãe dos meninos perdidos, Wendy acena com o enunciado:

“- Muito bem - Wendy aceitou. – Farei o meu melhor. Agora entrem já em casa, seus garotos travessos! Seus pés devem estar molhados. Antes de colocar vocês na cama, só tenho tempo de contar a história de Cinderela” (Barrie, 2018, p. 98).

Este enunciado, proferido por Wendy, retoma muitos outros que, provavelmente, ela tenha ouvido ao longo de sua vida de sua mãe senhora Darling, pois, segundo a concepção dialógica da linguagem de Bakhtin, esta é a voz do outro que ressoa em nós, somos atravessados pelas vozes de outros que nos antecederam.

Ainda que o façamos de forma imperceptível, todo enunciado entoa como águas de rios que buscam o mar, em direção ao seu objeto, expressos tanto de forma oral quanto escrita. A palavra, como a gota d'água, depois de deixar a nascente, percorre um longo caminho, por ele é motivo de discussões, reavaliações, embates, e é utilizada e reutilizada das mais diferentes formas. Em grandes tsunamis, ou ainda silenciosamente, ela penetra em tudo, no *todo social*.

Nos enunciados que seguem, o narrador deixa seus leitores um tanto confusos. Ele apresenta cenas da casa e os afazeres da mãe Wendy que se contradizem. Ao mesmo tempo em que ela está à vontade, expressa, em uma cena em que começa a consertar as roupas rasgadas dos meninos:

“- Ai ai, às vezes sinto inveja de quem não tem filhos!” (Barrie, 2018, p. 104).

Os elementos da entonação desvelam sentimentos controversos: **Ai, ai** demonstra tanto satisfação quanto insatisfação, remontando às vozes de mães que tem duplas e, às vezes, triplas jornadas de trabalho dentro e fora de casa. Mais adiante na narrativa, encontramos quase o mesmo enunciado por Wendy:

“- Ai, ai, ai... às vezes, tenho inveja de quem não tem filhos! Exclamou Wendy.” (Barrie, 2018, p. 136).

Embora pareça bastante semelhante ao anterior, podemos notar a presença de mais uma interjeição *ai*, o que parece demonstrar com tal entonação: “Wendy está perdendo a paciência

com as crianças. Cuidar de crianças não é tarefa fácil. Manter a ordem de uma casa não é tarefa para qualquer um. Estabelecendo uma relação dialógica, essa passagem também nos lembra o início do “Poema Enjoadinho, de Vinícius de Moraes”: Filhos filhos? / Melhor não tê-los. / Mas se não os temos, / como sabê-los?

O uso das reticências ao término da última interjeição corrobora ainda com a ideia de que neste contexto de fala a situação é mais complicada que a anterior. Houve mudança também no uso dos verbos. No primeiro enunciado, Wendy “sentia” inveja de quem não tinha filhos e agora ela “tem” inveja de quem pode ter um tempo somente seu.

Dessa maneira, o romancista parece sugerir que nem sempre uma entonação materna será doce, ou harmoniosa, podendo expressar profunda irritação. Ainda em uma das cenas com os garotos, vemos Wendy “perder a pose”:

“- Silêncio! - gritou Wendy, depois de pedir pela vigésima vez que não falassem ao mesmo tempo. Sua caneca está vazia, Fiapo querido?” (Barrie, 2018, p. 135).

O leitor pode reconstituir, em sua mente, através do uso da palavra “querido”, uma mudança entonacional de irritação para uma falsa “doçura”, quando Wendy procurar se recompor. Podemos perceber aqui uma Wendy “mãe” que ressoa a voz de sua própria mãe (e tantas mães), em que sua palavra própria é também uma palavra semi-alheia, como bem coloca Bakhtin (2014, p. 100).

Estas pequenas análises realizadas neste capítulo buscaram demonstrar como o romancista “rege” os diferentes aspectos presentes nas interações humanas, retratadas na história contada. Jogamos algumas luzes sobre os aspectos entonacionais presentes em *Peter Pan e Wendy*, 2018 que conseguimos observar e refletir sobre as estratégias composicionais mobilizadas por Barrie.

Acreditamos que a entonação venha se constituir na escrita, por um lado e em grande parte, como espelho dos diálogos vivos humanos e correntes, (re)conhecidos socialmente, mas por outro como formas de narrar e orquestrar as diferentes vozes do discurso romanesco. Camada sobre camada na construção do romance, a entonação está ali presente, em níveis de axiologia, em que “o autor se realiza e realiza seu ponto de vista não só no narrador, no seu discurso e na sua linguagem [...] mas também no objeto da narração”. O nosso objeto é a história de um menino que não queria crescer, mas vislumbramos, pela constituição dos sentidos vários da entonação na escrita, que não se trata de apenas essa temática.

Nesse capítulo, foram apresentadas as análises feitas com base nos enunciados concretos da obra *Peter Pan e Wendy*, 2018 explorando as diversas ocorrências da entonação no texto literário, engendradas pelo autor-criador. Tendo em mente as descobertas aqui realizadas, no próximo capítulo, são apresentadas algumas ideias para aulas de leitura tendo com o foco a entonação e tomando o romance *Peter Pan e Wendy*, 2018 como texto básico.

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA LITERÁRIA E UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE DE LEITURA, NÃO ESTRUTURADA, A PARTIR DA OBRA *PETER PAN E WENDY*

Literatura na escola ministra, portanto, boas lições ao professor, revitalizando uma parceria centenária com propostas inovadoras, já testadas e aprovadas, capazes de mostrar que o texto em sala de aula pode, sim, formar leitores.

Zilberman, 1982

Neste capítulo, buscamos apresentar sugestões para o trabalho com a leitura em sala de aula a partir da obra *Peter Pan e Wendy*, 2018 evidenciando o aspecto da entonação e estabelecendo uma relação dialógica com uma HQ e uma canção. Primordialmente, contudo, traçaremos algumas considerações sobre a leitura literária.

Para o contexto da importância de se trabalhar atividades de leitura em sala de aula, trazemos o autor Hunt (2010), que trabalha com a crítica literária, em sua obra “Crítica, Teoria e Literatura Infantil”, ao ressaltar a importância de se começar o trabalho com a leitura literária voltado ao público das crianças com muita responsabilidade. Em sua obra, ele lembra a premissa comum de que os textos voltados para esse público devem ser “mais legíveis que escrevíveis”. Um texto legível seria como algo fechado, em que o leitor lê sem utilizar toda a sua potencialidade -, ou seja, é um texto que tende a limitar as possibilidades de interpretação, em que “o escritor tentou fazer todo o trabalho para o leitor, para limitar as possibilidades de interpretação e para fortemente orientar o entendimento. O texto *escrevível*, por outro lado, é muito mais “aberto” a contribuições do leitor” Hunt (2010, p. 92).

Em nossa compreensão, esse deve ser o sentido voltado para o livro infantil e infanto-juvenil. Se esse objetivo é deixado de lado, o livro servirá meramente para a prática da leitura mecânica de decodificação. Assim, é preciso que exista investigação para se entender como os textos funcionam e quais são as regras compartilhadas em relação a ele. É preciso compreender o potencial dos significados, bem como dos sistemas complexos dos códigos linguísticos e semânticos.

Sobre a aprendizagem da Literatura, segundo a professora doutora Isabel Lopes Coelho (2020), ela deve ter início já nos primeiros anos da infância, para que sua importância ganhe cada vez mais valor no contexto social:

[...] A fabulação infantil é um exercício de construção da identidade, um recurso legítimo que a criança encontra para se tornar indivíduo dotado da capacidade de agir, decidir e tentar não se frustrar. É o momento da vida em que o imaginado acontece no

presente, a possibilidade torna-se a opção mais concreta, a ilusão manifesta-se com ares de real. A criança em sua própria fábula, conscientemente abandona as regras do mundo objetivo, as imposições dos adultos e os limites da infância para criar uma nova moral, na qual pode ser heroína ou vilã, salvar ou destruir, num movimento narcisista sem sofrer julgamentos externos. O ambiente da imaginação infantil é, em essência, o lugar no qual é permitido mentir sem haver em juízo calcado na moral (Coelho, 2020 p. 12).

Ao se permitir à criança o direito da fabulação, também se permite a ela o direito de experienciar momentos que farão parte de sua vida inteira, pois a seiva da imaginação tem o poder de levá-la por caminhos que a realidade não proporciona. Dentro desse universo, a realidade dos adultos não tem permissão para entrar e, portanto, não podemos impedir o seu movimento de criação.

Enquanto educadores, precisamos perceber com Hunt (2010) a importância de saber fazer o uso adequado da obra literária infantil em sala de aula, no âmbito da educação literária. Esse autor aponta em sua obra, no capítulo “Abordagem do texto” e “O texto e o leitor”, que, no encontro entre o leitor e a obra, é que se produz o sentido. Ao entrar em contato com a obra, o leitor precisa evocar a imagem dela e, a partir daí constituir os sentidos do texto. Ainda para Hunt (2010), a experiência com o texto literário engloba dois códigos: os da vida e os do texto. Essa compreensão vai totalmente ao encontro da teoria bakhtiniana que nos fundamenta.

No trabalho com os estudantes, é possível ensinar como o texto suscita sentidos variados e as ferramentas que temos para percebê-los, como a observação das formas de entonação. Além disso, para uma maior exploração de temáticas, o uso da intertextualidade se faz necessário. Como professor de línguas, no Brasil, percebo que essa luta com a leitura literária deve ser uma constante e que ela tem, ao longo do tempo, apesar das inúmeras críticas, apresentado alguns resultados positivos. Por conta desse importante aspecto é feita em nesta pesquisa uma breve exposição sobre a questão da literatura na nova Base Comum Curricular, que está parametrizando os projetos pedagógicos, os currículos e os materiais da escola básica brasileira.

5.1 A Literatura de acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC

A partir das bases e diretrizes voltadas para o Ensino Médio, enquanto professores de linguagens, especialmente de Língua Portuguesa, assistimos, na última década, esse modelo de ensino se tornar protagonista da educação no cenário brasileiro. Em meio a muitas discussões e, principalmente, protestos por parte de educadores e estudantes, a medida provisória nº 746/2016 de 23 de setembro de 2016 alterou a Lei nº 9394/96, de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional, e, com ela, promoveu-se a “Reforma do Ensino Médio”, que depois foi ratificada pela lei 13415, em 16 de fevereiro de 2017, pelo poder legislativo.

A partir das diretrizes da BNCC, foram feitas muitas mudanças na carga horária e no currículo da educação básica. Essas redefinições demonstram o que os estudantes necessitam ter como direitos e objetivos de aprendizagem em cada nível de ensino focados em quatro áreas de aprendizagem: linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias e ciências humanas e sociais aplicadas.

Mais amiúde, temos que a área de linguagem e suas tecnologias tem como componentes curriculares essenciais e, portanto, obrigatórios: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Artes e Educação Física - e em nenhum momento se menciona a Literatura enquanto parte constitutiva desses componentes. Ela é mencionada como parte constituinte dos estudos de linguagens, no entanto, o que se percebe, na prática, é o seu quase total apagamento, e quando é mencionada, aparece apenas como pretexto para estudos gramaticais. Essa supressão acontece, especialmente, em escolas públicas, nos planejamentos escolares devido ao pouco tempo que os educadores têm para o ensino da disciplina de Língua Portuguesa, e como não há uma cobrança sistemática, eles não veem a necessidade de se trabalhá-la enquanto uma disciplina. No entanto, sua cobrança é visível nos exames do final do Ensino Médio, o exame para o ingresso em universidades ENEM.

Essa discussão tem sido uma constante e ganham cada vez mais fôlego para que seja revista essa postura do ensino brasileiro em relação à disciplina de Literatura. São muitos os estudos que lançam luz sobre essa discussão. Autores como Moll (2017), Cechinel (2019), Theisen *et al.* (2022) têm se debruçado sobre essa temática e, em 2024, ela ganhou visibilidade a ponto de se promover mudanças no EM, para que ela volte a fazer parte do componente curricular como uma disciplina da grade curricular das escolas.

As mudanças propostas para o Ensino Fundamental contam com a ampliação da carga horária, ou seja, aumenta-se o tempo em que os estudantes passam na escola. Porém, para a autora Jaqueline Moll, cabe muita reflexão sobre a ampliação do tempo em que os estudantes passam nas escolas. O simples fato de se ampliar a carga horária sem que exista uma definição daquilo que, realmente, importa no processo de aprendizagem, não resolverá o problema que enfrentamos na ausência de disciplinas importantes no currículo como a Literatura:

Sem a perspectiva de formação humana integral, claramente explicitada na flexibilização curricular, que retira áreas importantes do currículo obrigatório, a mera ampliação do tempo não configurará a perspectiva de escolas de tempo e formação

humana integral. Alongar a régua do tempo para ampliação da jornada escolar, sem redimensioná-la, não muda efetivamente os resultados do processo educativo, nem tampouco garante a permanência dos estudantes nos bancos escolares (Moll, 2017, p. 69).

Barbosa (2019) coaduna com Moll, pois, segundo ele, essa mudança implica em reduzir, significativamente, as oportunidades que estudantes de escolas públicas devem ter em relação ao acesso ao conhecimento e que somente terão durante o período em que se encontram nas escolas. Assim, ele assevera:

Reduzir a carga horária da base comum curricular significa negar o que é o comum na educação básica, cerceando os jovens das classes populares ao acesso ao conhecimento sistematizado produzido historicamente pela humanidade, já que, para muitos deles, a escola se constitui no principal espaço de acesso a esse conhecimento (Barbosa, 2019, p. 97).

A partir dessas considerações, é possível perceber que apenas a ampliação do tempo em que os estudantes passam nas escolas sem as devidas melhorias nos currículos não representa a garantia de uma formação integral nas diferentes áreas do conhecimento.

Para além dos problemas apresentados, ainda temos outro agravante que é a inserção da formação técnica e profissional no currículo das escolas que não são escolas em tempo integral. Esses itinerários formativos, também, acabam contribuindo para o abismo na qualidade do ensino entre as escolas públicas e privadas. Para Theisen, Tonin e Cassol “[...] A reforma é absurda nesse aspecto e pode piorar o acesso ao ensino básico, bem como aumentar a desigualdade no acesso ao ensino superior, no acesso à própria etapa da educação básica e nos resultados na formação” (Theisen; Tonin; Cassol, 2022, p. 6).

Nesse sentido, a disciplina de Literatura não se constitui em um componente curricular e não é, nem mesmo, mencionada no currículo do Novo Ensino Médio. Daí a urgência de se discutir sua importância e o lugar que ela deve ocupar como parte do currículo nas escolas e que, infelizmente, se encontra apagada enquanto itinerário formativo. Para Ferreira, ela tem sua contribuição para a formação do pensamento humano, conceituando-a como:

[...] uma arte que se manifesta por meio da escrita, da comunicação, da linguagem e da criatividade do ser humano. É considerada uma fonte que transmite conhecimentos: culturais, artísticos, religiosos e modos de vida, por meio dos textos fictícios. Por essa razão, os textos literários despertam no leitor emoções e contribuem para a (re)criação do pensamento humano. Assim, entende-se que a estética é sensível porque a literatura auxilia no desenvolvimento educacional e imaginativo, além de ampliar os conhecimentos linguístico e cognitivo (Ferreira, 2021, p. 2).

Concordamos com a autora Juliana Cristina Ferreira que a Literatura é o meio que transmite conhecimentos mediados pelos textos fictícios e, ao selecionar a obra *Peter Pan e Wendy*, 2018 a entendemos como capaz de contribuir para o desenvolvimento linguístico e cognitivo dos estudantes, pois ela pode despertar muitas discussões importantes do dia a dia de cada um deles, como relações familiares o papel da mulher no casamento, o amor de mãe e filha, altruísmo e egoísmo, o desejo de não amadurecer, a passagem do tempo, entre outras, assim como poderíamos citar outra obra, a exemplo do conto machadiano “A Cartomante”, capaz de despertar muitas reflexões sobre os problemas atuais que a sociedade apresenta como o feminicídio.

Ao entrar em contato com o estudo proposto pela Literatura, o estudante tem a oportunidade de representar ou imitar a realidade através das palavras, como bem sugeria Aristóteles. Essa arte pode desenvolver no leitor o senso crítico e estético a partir da leitura do que o autor idealizou e, ao mesmo tempo, ampliar o repertório lexical e cultural do leitor e seu gosto pela leitura.

Apesar de existirem muitos estudos sobre a importância da Literatura, por parte daqueles que trabalham a educação, ainda se insiste na exclusão dela enquanto disciplina, propriamente. Para Galvão e Silva, esse tratamento dado à Literatura por parte das escolas faz com os estudantes deixem de lado o gosto pelo hábito da leitura e são cada vez mais raros aqueles que conseguem levar os estudantes a se interessar pelo acervo literário brasileiro. Para esses autores: “Esse contexto tem esvaziado de sentido as aulas de literatura, onde a finalidade desse ensino na escola é posta em questão, por alunos e professores” (Galvão; Silva, 2017, p. 211). Assim as tentativas dos professores de incentivar a leitura fica cada vez mais difícil.

André Cechinel assevera que o problema relacionado ao ensino de Literatura é muito mais profundo: “[...] a crise do ensino de literatura, ou da própria literatura e dos estudos literários, é um fenômeno complexo, decorrente de múltiplos vetores que se atravessam e que não se revelam integralmente se analisados como casos isolados” (Cechinel, 2019, p. 3), o que acaba excluindo uma boa camada da população do direito ao conhecimento.

Esse direito ao conhecimento é assegurado pela BNCC, ao referenciar a Literatura como aquisição do conhecimento a ser desenvolvida na aprendizagem das competências e habilidades ao longo da educação básica. Entende-se a partir dessa base da educação que ela deve ter seu lugar garantido no currículo escolar, garantindo-se, assim, o direito do educando o contato com a aprendizagem e o contato com as mais diferentes obras literárias:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (Brasil, 2018, p. 2).

Ao longo do texto da BNCC, é possível notar que esse documento assegura a aprendizagem necessária para todos os estudantes brasileiros por meio do desenvolvimento das competências e habilidades. O termo “literatura”, especificamente, se encontra no EM, na área de linguagens e no componente Língua Portuguesa, ou seja, não é uma disciplina para esse documento:

A BNCC do Ensino Médio se organiza em continuidade ao proposto para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, centrada no desenvolvimento de competências e orientada pelo princípio da educação integral. Assim, as competências gerais estabelecidas para a Educação Básica orientam tanto as aprendizagens essenciais a serem garantidas no âmbito da BNCC do Ensino Médio quanto os itinerários formativos a serem ofertados pelos diferentes sistemas, redes e escolas (Brasil, 2018, p. 468).

Pela proposta, acima mencionada pela BNCC, espera-se que a disciplina de Literatura seja trabalhada dentro de linguagens. Segundo Cechinel (2019, p. 9), ao se analisar essa proposta da BNCC, é possível perceber que nesse documento não há nenhuma tentativa de particularização da literatura como uma área de estudos e a coloca como parte da dimensão interdisciplinar. Para os autores da BNCC:

A Base Nacional Comum Curricular da área de Linguagens e suas Tecnologias busca consolidar e ampliar as aprendizagens previstas na BNCC de Ensino Fundamental nos componentes Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa. Para tanto, define competências específicas e habilidades a serem exercitadas e constituídas no Ensino Médio, que integram conhecimentos desses diferentes componentes curriculares (Brasil, 2018, p. 473).

Esse mesmo documento, ainda, apresenta a possibilidade de os conhecimentos serem trabalhados a partir do uso das plataformas digitais: “com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica)”. Nesse sentido, acredita-se que os estudantes, de forma autodidata, possam atuar em diversos campos sociais, enriquecer sua própria cultura, a partir das “práticas cidadãs, o trabalho e a continuação dos estudos” (Brasil, 2018, p. 477).

Na visão de Cechine (2019), o que o documento da BNCC fez foi “alargar” o conceito de Literatura, em que a proposta passa a ser “arte literária”, vista como uma continuação da “formação do leitor literário e do desenvolvimento da fruição”, especialmente em relação aos

clássicos. Para Ferreira, essa posição de não definição da Literatura enquanto disciplina do currículo prejudica em muito a aprendizagem:

A literatura torna-se imprescindível na vida do ser humano, e, por isso, precisa manter o seu lugar no currículo escolar, pois assim, como, qualquer outra arte, torna o mundo mais compreensível. Nesse sentido, a desconexão do texto literário com o momento presente traz o sentido da literatura ausente no ensino, ao dificultar o gosto do aluno pela leitura e, ainda, a compreensão das obras literárias (Ferreira, 2021, p. 8).

A BNCC, ao elencar uma série de gêneros textuais a serem trabalhados, acredita que é o suficiente para que os estudantes possam compreender a complexidade do estudo literário, enquanto que o lugar da disciplina de Literatura deveria ser o das práticas que venham a englobar a Literatura clássica e a leitura de fato de textos literários como os fios condutores para os novos letramentos, os multiletramentos e a cultura digital.

Outra ressalva que fazemos é a de que a disciplina de Literatura não pode ser vista como um pretexto para o ensino da gramática, como tem acontecido ultimamente nas escolas. É preciso reservar a ela o seu papel de ser capaz de levar o aprendiz a refletir sobre o que ele lê e, para além, contribuir para a compreensão do mundo em que ele se encontra inserido. Além disso, o conhecimento da linguagem literária e suas nuances auxiliam na compreensão do funcionamento da própria língua em suas manifestações cotidianas, como bem fez Bakhtin e o Círculo: ir à arte para entender a vida e vice-versa.

A expansão do mundo midiático nos colocou em alerta, especialmente com a chegada da pandemia no ano de 2020, assim, aponta para a necessidade de se rever as práticas pedagógicas vigentes e passar a trabalhar, mais efetivamente, com as ferramentas digitais em sala de aula, que até então não eram utilizadas com tanta frequência.

Para o nosso contexto de proposta de atividade de leitura, concordamos com a assertiva da epígrafe de Regina Zilberman de que a parceria entre a Literatura e a escola é centenária e motivadora na formação de leitores em que o uso do texto em sala de aula pode sim colocar o estudante em interações com diferentes gêneros textuais que transformam sua vida.

Ao analisar a obra *Peter Pan e Wendy*, 2018 entendemos que ela é, segundo Antonio Candido, “um sistema composto pela tríade obra, autor, leitor de dada época histórica” (Candido, 2006, p. 25). Essa tríade deve levar em conta o contexto histórico, ou seja, o recorte em que a obra foi produzida e que, em contato com o leitor, o leva a refletir sobre seu tempo contemporâneo.

Assim, durante a construção da tese, nesse momento pandêmico, pensamos em nosso trabalho de pesquisa sobre a importância de se contribuir com o trabalho do professor trazendo, para exploração do estudo sobre a entonação, o espaço da obra *Peter Pan e Wendy*, 2018 e de seus desdobramentos. Nossa proposta, contudo, para honrar nossa teoria de base dialógica, é que ela possa ser trabalhada com outras obras que o professor decidir utilizar, assim, é apresentada, também, como sugestão, além dos excertos da obra, os gêneros histórias em quadrinhos (HQ) e canção/letra de canção, no gênero musical *rap*, em que a compositora/cantora alude a *Peter Pan*. É preciso ressaltar, contudo, que nossa proposta inicial das atividades de leitura, como uma forma de “aplicação” das nossas descobertas teóricas, não constitui uma receita pronta, estruturada, mas são sugestões de atividades que podem ser utilizadas com as devidas adaptações necessárias para que ela se adeque a cada contexto de uso em sala de aula.

Concordamos que os aspectos de cada uma das escolas literárias devem ser trabalhados, sempre com o olhar crítico, nas aulas da disciplina de Literatura do Ensino Médio, porém o nosso objetivo é dar um passo adiante, e trazer aos estudantes a possibilidade de compreensão da articulação entre aquilo que se encontra dentro e fora dos enunciados, ou seja, os elementos verbais e extraverbais que são utilizados para compor a obra. Entendemos que os estudantes, ao se indagarem sobre o contexto extraverbal, a partir da entonação, como apresentado nos capítulos anteriores desta tese, possam a se interessar mais por este aspecto e ampliar suas capacidades leitoras, tendo em vista as inúmeras possibilidades de sentidos que possam advir no processo de compreensão ativa.

A observação do diálogo composto pela tríade “obra, autor, leitor de dada época histórica”, como mencionado acima por Candido, pode apresentar bons frutos na aula de Literatura, pois os estudantes passam a perceber que a interpretação do mundo deles também importa na compreensão e constituição dos sentidos na obra em estudo. Acreditamos que apenas o estudo das etapas do contexto socioeconômico cultural, da vida dos autores e suas respectivas obras e a leitura dos textos, separadamente, já não são suficientes para um público de aprendizes que está imerso no universo da era digital, exposto à diversidade de formas e sentidos, dentro de uma unidade da cultura multimidiática e multissemiótica.

Como professor deste nível de ensino, sei que o aspecto reflexivo tem sido uma exigência do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para o ingresso nas universidades, assim, acredito que a percepção da entonação em seus aspectos discursivos possa levar o estudante a ampliar este olhar reflexivo sobre o mundo e os discursos, contribuindo para a

mobilização das apreciações ético-políticas a partir da leitura das obras com as quais ele entra em contato.

Apresento, a seguir, um esboço da proposta de leitura em sala de aula denominada de “Fio da Prática Educativa da Leitura pela Didática Dialógica”, doravante FPELDD. Para todo trabalho que obtém sucesso, é importante que ele se caracterize a partir de uma diretriz, ou seja, de um “Fio” condutor que possa mostrar o caminho a ser percorrido durante seu processo de desenvolvimento. A “Leitura”, aliada à “Prática Educativa” se traduz no conjunto de ações socialmente planejadas em espaços didáticos com o objetivo de se criar oportunidades de ensino e aprendizagem.

Na abordagem do uso da “Didática Dialógica”, o que se busca enfatizar é a importância do diálogo, bem como da interação entre o professor e o estudante no processo de ensino aprendizagem. O uso da didática dialógica é, portanto, a materialização didática das abordagens teóricas bakhtinianas que o professor pode lançar mão, demonstrando as múltiplas possibilidades de diálogos no contexto dos estudos literários. Ao esboçarmos a “Prática Didática Dialógica – PDD”, rememoramos as considerações de Brait:

Ninguém, em sã consciência, poderia dizer que Bakhtin tenha proposto formalmente uma teoria e/ou análise do discurso [...]. Entretanto, também não se pode negar que o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana. Por essa razão, mesmo consciente de que Bakhtin, Volochinov, Medvedev e outros participantes do que atualmente se denomina Círculo de Bakhtin jamais tenham postulado “um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada” ainda que o conjunto das obras do Círculo motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso [...] (Brait 2006, p. 9-10).

Entendemos que Bakhtin e o Círculo não postularam “um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada”, mas suas teorias nos auxiliam na criação e adaptação para outras possibilidades de análise e aplicação em contextos de aprendizagem.

Assim, os fundamentos teóricos constituem a base para a ideia do nosso FPELDD que, por sua vez, apresenta, a partir de um plano de aula, três diferentes gêneros textuais, ou ainda três abordagens diferentes que podem ser utilizadas para despertar o interesse na leitura por parte dos estudantes. Juntos, professor e estudantes podem construir o FPELDD, trabalhando com uma ou mais abordagens, se assim o desejarem, ou ainda podem ampliar a proposta.

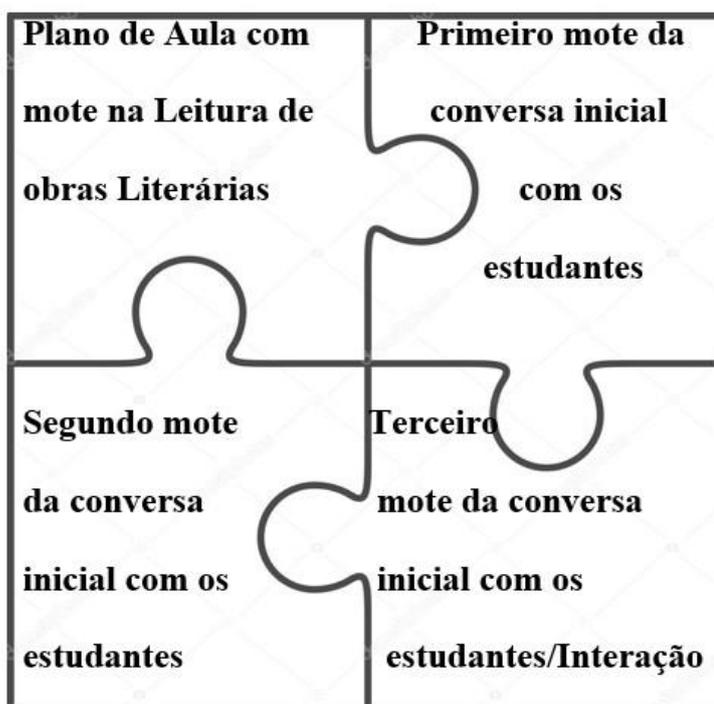
5.2 – Proposta de plano de aula de Língua Portuguesa com foco na leitura de obras literárias

Os professores que estão em sala de aula, em suas práticas pedagógicas, sabem que o sucesso de uma atividade pedagógica está atrelado ao planejamento de como será sua execução. Esse planejamento se traduz na elaboração de um “plano de aula”, que tem início quando o professor se depara com uma atividade que ele deseja trabalhar com os seus aprendizes ou, ainda, em relação ao conteúdo presente no material didático utilizado pela escola. Nesse instante, todos os seus mecanismos de criatividade são acionados e eles já começam a imaginar quais recursos utilizará para estimular seus estudantes no processo de ensino-aprendizagem.

São tantas as opções que, em algumas situações, o professor se vê em dificuldade para selecionar qual seria a melhor abordagem para que sua aula obtenha sucesso. Nesse momento, tudo parece se transformar em um grande “quebra-cabeça”. Todas as peças desse plano precisam se encaixar com precisão para que se obtenham os resultados desejados.

Assim, propomos auxiliar o trabalho desempenhado pelo professor na montagem das peças desse quebra-cabeça a partir da proposta que é o ensino de leitura de obras literárias, sempre partindo do uso do FPELDD. Iniciamos com a apresentação dos pontos principais a serem desenvolvidos no plano de aula:

Imagem 12 – Pontos principais do plano de aula



Fonte: França, 2024

Ao montar o plano de aula, o professor levará em conta a realidade de sua sala de aula e, portanto, a partir dela, já é possível organizar as habilidades e as competências, consoante com a BNCC, que exige, já no Ensino Fundamental, que as habilidades sejam desenvolvidas e, assim, a leitura seja amplamente trabalhada com os estudantes:

Habilidade: EF15LP02 - Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre o letramento, por sua vez, designa a capacidade e competência que o sujeito adquire a partir de uma função social da leitura e da escrita. Diz respeito a um contexto mais amplo, além da aprendizagem das letras e símbolos escritos, mas referindo-se a compreensão, interpretação e uso da língua nas práticas sociais (BNCC, Brasil, 2017).

Consoante a EF15LP02, o professor deve desenvolver as habilidades que serão tomadas como base para as próximas etapas que os estudantes enfrentarão no EM. Assim, espera-se que, no processo de aprendizagem, eles possam entender sobre o funcionamento das linguagens e das práticas culturais com que eles têm contato (corporais, verbais, artísticas) e, a partir dessa aprendizagem, eles possam mobilizá-la para a recepção e produção de discursos nas diferentes esferas sociais e nas mídias a que eles têm acesso. Espera-se, ainda, que eles ampliem as formas de participação social e, também, que compreendam como empregar as muitas possibilidades de interpretação crítica da realidade em que estão inseridos.

Em relação ao EM essas habilidades foram ampliadas, sendo os aspectos relacionados à leitura desde o EM13LP01 até o EM13LP54, portanto são cinquenta e quatro as habilidades a serem desenvolvidas em apenas três anos destinados ao EM. Nesse sentido, espera-se que os aprendizes compreendam os processos identitários, as relações conflituosas de poder em que a linguagem está presente nas práticas sociais, o respeito às diversidades e a pluralidade de posicionamentos e das ideias, a atuação deles no aspectos sociais enquanto cidadãos que sabem respeitar princípios e valores democráticos, a percepção da igualdade de direitos de todos que os cercam com base nos Direitos Humanos, ao exercício do conhecimento buscando o diálogo na solução de conflitos, ao trabalho cooperativo demonstrando simpatia, etc. Estes são apenas alguns dos aspectos apresentados nas cinquenta e quatro habilidades acima mencionadas.

Entendemos com a BNCC que, ao ensinarmos leitura, de acordo com o que se exige no EF e no EM, não estamos, apenas, ensinando leitura de um texto específico, mas sim demonstrando aos aprendizes as várias possibilidades de ler o mundo que os cerca. A partir dos três motes, acima apresentados, como veremos adiante, o professor já consegue envolver a sua

sala de aula e, a partir das escolhas das obras, terá condições de aprimorar o conhecimento literário deles.

Em relação à leitura, apoiando-nos em Bakhtin, compreendemos que corresponde ao processo de compreensão responsiva do ouvinte/leitor. Nas palavras do autor:

[...] De fato,, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo etc.; [...] Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...] toda compreensão é prenhe de resposta (Bakhtin, 2016, p. 24-25)

Ao entrar em contato com a leitura de uma obra, o leitor já tem, diante de si, o posicionamento do seu autor e, como já antecipamos alhures, ao acionar os conhecimentos axiológicos, o leitor passa a interagir constituindo, assim, os sentidos que o autor deseja suscitar a partir da construção do texto. Nesse encontro entre leitor e autor, a leitura é um exercício “discursivo, (inter)subjetivo, cognitivo, concebido na e para a interação”. Coadunamos com Silva (2011), ao afirmar que o trabalho com a leitura em sala de aula precisa ser visto na perspectiva de uma atividade discursiva onde os exercícios em que os leitores compartilham o conhecimento devem ser privilegiados.

Ainda para esse autor, a compreensão responsiva ativa é um processo dialógico, pois o texto tem a capacidade de possibilitar o encontro dos leitores com outros textos, à medida em que eles começam a refletir sobre a temática que têm em mãos, ampliando assim a capacidade do universo de compreensão. Na perspectiva bakhtiniana, esse é o momento em que o autor profere uma palavra ao seu leitor e espera que este assuma uma postura ativa diante do enunciado e que essa interação produza uma resposta.

As atividades propostas levarão em conta o reconhecimento da entonação presente nos textos, de acordo com os conceitos teóricos trabalhados nesta pesquisa. Buscamos contribuir para que os estudantes percebam as relações de plurissignificação advindas dos enunciados, a partir da discussão sobre as entonações presentes no texto, e que a interação entre os estudantes possa propiciar esse olhar para fora do texto, ou seja, para o extraverbal.

A seguir, trago a proposta do passo a passo e o detalhamento de como o professor fará para desenvolver o trabalho da leitura de obras literárias em sala de aula com foco nos achados teóricos e analíticos que apresentados anteriormente nos capítulos desta tese. Esta proposta teve inspiração em um trabalho de pesquisa doutoral em andamento desenvolvido por Couto (2024) com seus estudantes, nos termos de uma proposta didática e, embora seja em outra perspectiva,

em que ela teve a oportunidade de aplicar as atividades em sala com os estudantes, ajudou a pensar esta proposta de leitura, mesmo sendo de cunho bibliográfico, pois constitui apenas uma projeção de atividades que não foram aplicadas em sala de aula.

Para a sua qualificação da tese de doutorado em 2023, Couto denominou as etapas de ensino de “Prática Didática Dialógica – PDD”, feito em cinco passos, como apresentamos no capítulo três da metodologia da tese: “Em busca do fio dialógico”; Momento da interação”; “Hora da prosa”; Arena dialógica” e “Resposta ativa criadora.” Nesta proposta foram reunidas essas etapas naquilo que chamamos de “Fio da Prática Educativa da Leitura pela Didática Dialógica - FPELDD”, dividindo em momentos ou “motes”.

Como apresentado, desde o início da tese e ao longo dela, é grande a preocupação com os índices baixos que a leitura ganhou no ensino brasileiro nos últimos anos. Ao propor o uso do FPELDD, esperamos estar contribuindo para minimizar essa situação, ao motivar o gosto pela leitura de textos em diversos gêneros. Além disso, acreditamos, sobremaneira, que a visão prazerosa da leitura não apenas se realize no âmbito da sala de aula, mas para além dos muros da escola, pois esse é o passaporte para a descoberta de novas perspectivas de vida na sociedade em que os estudantes se encontram inseridos.

Para o nosso fio teórico metodológico, utilizando o FPELDD enquanto sugestão para o trabalho com a leitura em sala de aula, foram selecionados três gêneros textuais com o objetivo de explorar o conceito de entonação: o gênero romance de J. M. Barrie, *Peter Pan e Wendy*, 2018; o gênero História em Quadrinhos - HQ cômico de Régis Loisel *Peter Pan Tome 5 - Crochet* (2001) e o gênero musical Rhythm and Poetry - RAP *Tem tempo pra tudo menina ...*, de Samantha Machado & Groove Delight (2019). Essas sugestões podem ser mudadas de acordo com a realidade de cada unidade escolar, pois os interesses e a disponibilidade de uso dos gêneros textuais não são os mesmos.

5.2.1 Em busca do fio dialógico: Primeiro Mote da Conversa Inicial

Inicialmente, o professor deve escolher a obra que ele pretende para o trabalho com a leitura e apresentar trechos dela para a sala de aula. Para o processo de escolha, ele pode lançar mão de estratégias, como iniciar pesquisando sobre o gosto dos estudantes, se eles preferem histórias reais, como fatos que acontecem no cotidiano ou se eles preferem as histórias de ficção, a partir de uma coleta de dados (enquete) que pode ser feito por um aplicativo de celular. Depois de escolher a obra (aqui utilizaremos *Peter Pan e Wendy*, 2018), ele pode contextualizar o início

dela, fazendo a leitura em sala do capítulo inicial e parar sua interpretação exatamente no trecho que apresentamos a seguir, escrevendo no quadro, ou trazendo impresso para os estudantes:

Todas as crianças, menos uma, crescem. Elas entendem isso rápido. Wendy descobriu esse fato com apenas dois anos. Nesse dia, a pequena brincava em um jardim, colheu outra flor do chão e decidiu levá-la correndo para sua mãe. Provavelmente, estava tão encantadora que a senhora Darling, ao vê-la, pôs as mãos no peito e suspirou:

— *Ah, por que você não fica assim para sempre?*

Em seguida, o professor pode começar uma conversa com os estudantes para sondar o quanto eles conhecem do excerto apresentado fazendo algumas perguntas para eles. No caso desta obra pode ser questionado:

- Quem seria Wendy?
- Por que o autor usou “Ah,” no início da fala da Sr. Darling?
- Por que foi utilizado a vírgula (,) logo após o uso da interjeição “Ah”?
- Ao invés da palavrinha “Ah”, ela poderia ter falado outra palavra? Qual? - Por que vocês acham que essa pergunta foi feita para a Wendy?
- Vocês desejariam que alguém ficasse do mesmo jeito, para sempre? Por que?

Após esses questionamentos, o professor pode prosseguir com a leitura do capítulo inicial do romance, *Peter Pan e Wendy*, 2018 destacando um outro excerto:

Bastou isso para, desde aquele dia, Wendy entender que deveria, obrigatoriamente, crescer. Todos nós sabemos disso. Percebemos logo após alcançarmos os dois anos de idade. Dois anos é o começo do fim.

- Por que deveríamos, segundo o narrador, crescer aos dois anos?
- Você concorda que “dois anos é o começo do fim?”

Após a apresentação desse excerto acima, o professor propõe perguntas que encaminhem o olhar dos estudantes novamente para as marcas da entonação. Ainda não é o momento de se preocupar se eles conhecem a obra ou não, mas sim observar se os estudantes perceberam que os enunciados já começam a desenhar a personalidade das personagens, nesse caso, a do Sr. George Darling:

- *Não me interrompa agora – ele implorava.*
- *[...] Não diga nada, minha querida...[...] Quietinha, minha criança.*
- *Lembre-se da caxumba! [...] ...não fale agora... (Barrie, 2018, p.23).*

Uma vez lido os excertos acima, o professor faz novos questionamentos para averiguar se os estudantes estão acompanhando o contexto da história que está sendo contada:

- Quem falou essas frases? Para quem?
- Quais palavras se repetem? Essa repetição provoca algum sentido em quem ouve?
- Você conhece alguém que fala da mesma forma?

O professor pode continuar a leitura, neste momento, os estudantes já perceberam que se trata de uma família: pai, mãe e filhos. Algumas questões podem ser colocadas:

- Por que o autor da obra usa mais o sobrenome das personagens e não o primeiro nome?
- Por que, na sua opinião, a mãe não tem um primeiro nome e o pai tem?
- Quem comandava a casa, a Sr.^a Darling ou o Sr. George?
- Até este momento, como você acha que era essa família?

O narrador de Barrie é onisciente, ele conhece tudo sobre as personagens, passando a opinar sobre as suas vidas, como bem o faz em relação às ações da Sr.^a Darling. Espera-se que os estudantes percebam essa voz que opina, embora eles possam não usar o termo “narrador”. No trecho que se segue, na página 34 da obra, é possível notar que o narrador se sente muito à vontade para opinar sobre as ações dos personagens ao censurar a decisão da Sr.^a Darling:

No entanto, a senhora Darling não podia deixar a sombra lá, pendurada daquele jeito. Parecia uma roupa secando no varal, o que dava à casa um tom deselegante. Pensou em mostrá-la ao senhor Darling, mas ele estava calculando os custos dos casacos que teria de comprar para John e Michael no inverno. Tinha uma toalha molhada em volta de sua cabeça, para manter a cuca fresca. Seria um pecado atrapalhá-lo. Além disso, ela sabia exatamente o que ele diria: “É nisso que dá ter uma cachorra como babá”.

*Decidiu enrolar a sombra e guardá-la em uma gaveta. Sua ideia era esperar uma boa oportunidade para contar o caso ao marido. **Ai, ai!** (Barrie, 2018, p. 34 grifos nossos).*

Questões que podem ser colocadas pelo professor:

- Por que a Sra. Darling acha que pendurar a sombra na janela pode dar à casa “um tom deselegante”?
- Por que seria um pecado atrapalhar o Sr. Darling quando ele estava calculando?
- Você conhece alguma cachorra babá? Qual é, na sua opinião, o objetivo do autor em colocar um animal como babá?
- Observe que o narrador utilizou a interjeição “Ai”, de forma repetida. Por qual motivo?
- Qual a função do ponto de exclamação na expressão “Ai, ai!”?

Acreditamos que tais indagações possam contribuir para voltar a atenção dos estudantes para a entonação e os valores axiológicos desvelados a partir de sua percepção. Como nos salientou Menegassi (2022):

Assim, é possível afirmar que todos os discursos escritos apresentam o elemento da entonação valorativa, compreendida “como um elemento que auxilia na legitimação do discurso escrito.” (BEZERRA; MENEGASSI, 2021a, p. 45), já que uns apresentam-se com variadas manifestações de expressão, em que a entonação expressiva permite tal análise, outros com possibilidades de produções diversas de sentidos, em função do estilo de linguagem apresentado (Menegassi, 2022, p. 8).

Depois do trabalho com o romance, apontando os variados aspectos da entonação, o professor poderá apresentar outros textos relacionados, estabelecendo uma relação dialógica, que pode evidenciar as mesmas ocorrências de entonação ou a mesma temática apresentada no primeiro texto. Trazemos, aqui, algumas sugestões para dialogar com a nossa obra escolhida, apresentando um trecho de uma HQ da obra *Peter Pan* para que os estudantes analisem.

5.2.2 Puxando o fio dialógico: o segundo Mote

Atualmente, as HQs já não são mais vistas como inimigas das aulas de leitura e têm contribuído para despertar o gosto pela descoberta de um vasto universo literário. As fronteiras entre as obras consideradas como infantis ou infanto-juvenis, com o advento do chamado “crossover”, tem ganhado outra concepção, pois consoante autores que trabalham sobre essa temática, os chamados livros comerciais, como as obras de Harry Potter de J. K. Rowling, entre outros, têm contribuído para derrubar essa ideia de divisão de idades para cada obra a ser lida, como assevera Beckett: “Obras cruzadas muitas vezes transgridem ou transcendem os limites genéricos tradicionais, bem como a idade convencional e os limites. A hibridização de gêneros

tradicionais caracteriza muito da ficção contemporânea²⁴” (Beckett, 2010, p. 67). Essa quebra da barreira entre o que é considerado infantil e infanto-juvenil leva os estudantes a perceber que todas as leituras são importantes e que têm muito a contribuir para seu crescimento acadêmico e de mundo.

Com base nesse comportamento contemporâneo, em relação à abertura para a utilização de diferentes gêneros literários no contexto da sala de aula, selecionamos uma página da HQ de Loisel²⁵, publicado na revista “Les Pieds Nickelés Magazine, em 1972”, que, como explicamos no capítulo metodológico, é uma das versões do gênero HQ que mais se destacou na França, dada a sua peculiaridade em fugir completamente das versões que acompanham fielmente a história original.

O professor tem a liberdade para utilizar uma das muitas HQs das versões de *Peter Pan*, no entanto, para a proposta apresentada do trabalho de leitura é importante, também, despertar a curiosidade dos aprendizes, pois assim eles se sentirão mais motivados a buscar informações que não foram apresentadas já de imediato pelo professor.

Selecionar apenas um trecho de conversa ou ainda apenas um final da HQ, sem apresentar a história toda poderá suscitar nos estudantes a busca pelos elementos que compõem as imagens e ou os enunciados selecionados pelo professor, pois ele é de conhecimento dos clássicos da literatura mundial.

²⁴ Crossover works often transgress or transcend traditional generic boundaries as well as conventional age boundaries. The hybridization of traditional genres characterizes much contemporary crossover fiction (Beckett, 2010, p. 67, tradução livre).

²⁵ Fizemos a seleção de apenas uma página da HQ da versão original em que apresentamos a tradução em seguida. Infelizmente não conseguimos, ao buscar pelas obras, o conteúdo completo da coleção de Loisel. Para o trabalho de leitura, em sala de aula, é importante que a HQ selecionada, destinada aos estudantes, já esteja na versão em português dentro dos balões. Para melhor visualização, em nossos estudos, fizemos a divisão dos quadinhos da página selecionada e a respectiva tradução de cada balão.

Imagem 13 – HQ de Régis Loisel, (2001)



Fonte: Peter Pan Loisel - (Bing.com, 2024).



- MIL BOMBAS PRIMEIRO, ELA NÃO É MINHA PRINCESA!... ENTÃO, SALVA-ME DAS SUAS SUPOSIÇÕES GROTESCAS, A GENTE NÃO SE APAIXONA POR UMA DESCONHECIDA! ... EU NUNCA VI CAROLINE! ...

- ELA PODE SER HORRÍVEL, AFINAL! ...OI! ...OI! ... OI!... E COMO VOCÊ A RECONHECERÁ? ...

- HÁ! ... HÁ! ... HÁ!

- 2º Quadrinho (Horizontal)



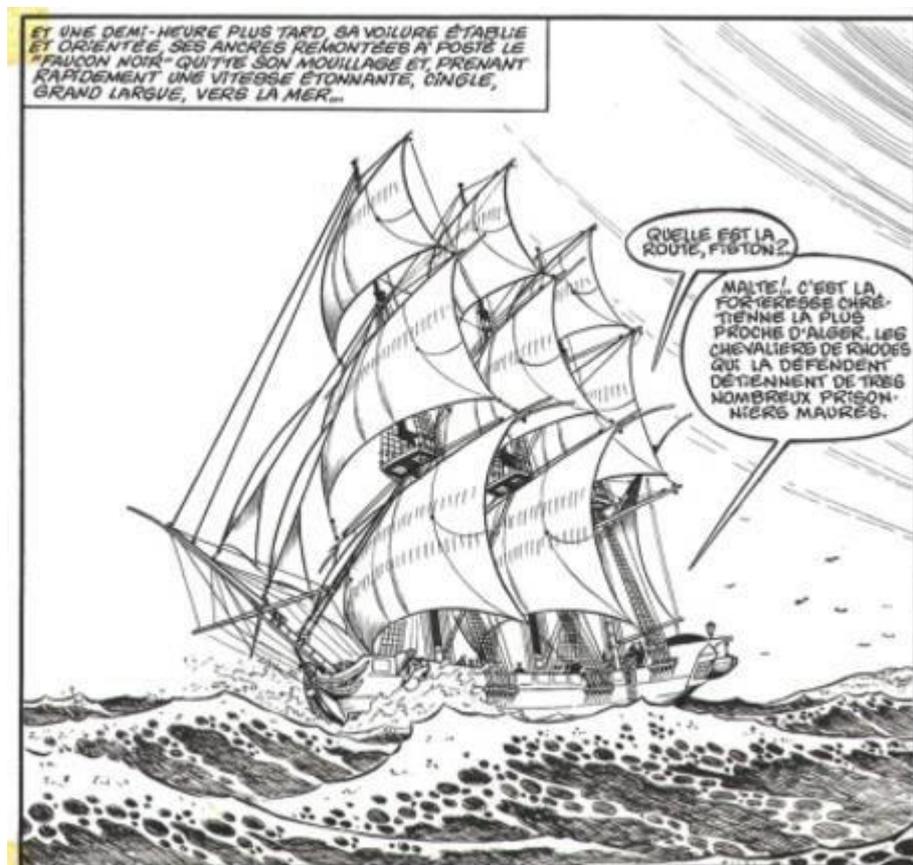
- CHEGA, RATO VELHO! ...

- 3º Quadrinho (Horizontal)



AH! ... HA! ... HA! ... SANTO CLAMPIN, VAI! ... MEU RETRATO INTEIRO NA IDADE DELA!... CHEGA DE MARINHEIRO!... CALMA... LEVANTAMOS ÂNCORA! ...BABÁ! ... PREPARADO PARA PENEIRAR AS BRAMLEBAS DO APARELHO.

- 4º Quadrinho (Horizontal de destaque)



(NARRADOR) E MEIA HORA DEPOIS, COM AS VELAS POSICIONADAS E ORIENTADAS, AS ÂNCORAS LEVANTADAS, O FALCÃO NEGRO DEIXA A AMARRAÇÃO E, GANHANDO RAPIDAMENTE UMA VELOCIDADE ESPANTOSA, PARTE, ESCANCARADO, EM DIREÇÃO AO MAR...
- QUAL É O CAMINHO, FILHO?

- MALTA! É A FORTALEZA CRISTÃ MAIS PRÓXIMA DE ARGEL. OS CAVALEIROS DE ROOES QUE A DEFENDIAM MANTINHAM NUMEROSOS PRISIONEIROS MOUROS.
- 5º Quadrinho (Horizontal ao lado do destaque à direita)



ENCONTRAREI FACILMENTE UM CAPITÃO BARBARESCO QUE, CONTRA A PROMESSA DE LIBERDADE, ACEITARÁ SERVIR DE INTERMEDIÁRIO PARA NEGOCIAR UMA ENTREVISTA COM ELES! ...

- 6º Quadrinho (Horizontal ao lado do destaque à direita)



O QU... O QUE?! ... POR TODOS OS DEMÔNIOS DO INFERNO! ... VOCÊ QUER SE ENFORCAR NESTA CAVERNA DOS LADRÕES? ...MAS ISSO O COLOCARÁ NA BOCA DO LOBO! ...

7º Quadrinho (Horizontal)



- EU SEI... MAS NÃO TENHO ESCOLHA! ... É MINHA ÚNICA CHANCE DE NÃO SER ENGANADO! ...

- **TUDIEU!** ...EU NÃO DEIXAREI VOCÊ IR SOZINHO! ... **ESTOU DENTRO!** ...

8º Quadrinho (Horizontal)



- (NARRADOR) OU, NO MESMO MOMENTO, EM GÊNNOVA, NO VELHO GIUGLIELMO MOSES, O AGENTE SECRETO DOS PIRATAS DE ARGEL, ONDE RUGLIERI É CONSUMIDO PELA IMPATIÊNCIA HÁ DIAS...

- BOAS NOTÍCIAS PARA VOCÊ, ORFANO! ...UM REABASTECIMENTO DE FELUCCA, NA NOITE SEGUINTE EM UMA ENSEADA DESERTA DA COSTA, SEU REI O ACEITA EMBARCAR PARA ARGEL!

...

-**FINALMENTE!** ... VOCÊ MERECE SEU SALÁRIO, VELHO CANALHA! ...

9º Quadrinho (Horizontal)



... MAS VOCÊ PODE GANHAR O TRIPLO SE ME PRESTAR OUTRO SERVIÇO.

(Les Pieds Nickelés Magazine, 1972).

Entendemos, com essa proposta de leitura, a possibilidade de se aproximar mais dos estudantes do EM, pois eles têm a curiosidade pela leitura ancorada na verbo-visualidade que o gênero das HQs proporciona. Fizemos a tradução livre da folha da HQ, levando em consideração a linguagem utilizada na época e dela destacamos alguns excertos para serem trabalhados com os estudantes com foco na entonação. Propomos que seja feita a contextualização e que a cena retratada seja vista como uma cena de uma conversa entre os piratas. Algumas questões podem ser feitas como:

- O que mais chamou a atenção de vocês nessa HQ do Peter Pan?
- Vocês observaram nas falas que alguns dos balões estão em negrito? Por que eles foram escritos dessa forma?
- Na sua opinião, o que a personagem quis dizer, no 2º quadrinho, com a frase “Chega, rato velho?”. Por que as letras dos balões estão grandes?
- Quem fala no 4º e no 8º quadrinho, na parte superior?

- Por que, no 6º quadrinho o autor repetiu as iniciais “qu” antes do “que” (O QU... **O QUE?! ...**), usou as reticências (...) e, também o ponto de interrogação e exclamação em seguida?

Também no 6º quadrinho, qual a expressão usada que nos lembrar uma fala do Capitão Gancho?

- O que a expressão no 7º quadrinho: “.EU NÃO DEIXAREI VOCÊ IR SOZINHO! ... **ESTOU DENTRO!** ... demonstra em relação à amizade? E o que significa a frase ... **ESTOU DENTRO!** ... no final do balão?

- Vocês observaram que o autor da história usou muitas vezes as reticências (...) nos balões durante a narrativa. Por que ele usou esse recurso?

Associado a esta atividade, também pode ser utilizado um *teaser* da própria obra *Peter Pan* onde apareçam algumas cenas e o professor proporá discussões acerca dessa passagem selecionada da história. Esse recurso utilizado pelas mídias (rádio, televisão, cibercultura, etc.) estimula a curiosidade em relação ao desfecho da história que, somente depois do contato com a obra, fará sentido para eles.

Após a apresentação da percepção dos estudantes sobre a imagem apresentada na HQ, é importante que o professor se apresente como o par avançado que tem muito a contribuir com as expectativas dos estudantes em relação à imagem que eles analisaram e discutiram. Para tanto, como antecipamos, é necessário que se faça uma pesquisa aprofundada para conhecer o que a obra selecionada por ele propõe e, assim, poder partilhar esses novos conhecimentos extraverbais em relação à ela.

O professor pode trazer informações pertinentes ao recorte temporal em que a obra foi produzida, no sentido de melhorar a compreensão do espaço em que J. M. Barrie produziu a história. Nesse sentido, pode-se abordar a temática da “Síndrome de Peter Pan”, utilizada para explicar porque algumas pessoas se recusam a ter comportamento de adulto e preferem se esconder em atitudes infantis. Pode, também, trazer a temática polêmica de que os meninos, em geral, tendem a demorar mais para “amadurecer” no comportamento em relação às meninas.

Alguns recursos adicionais podem ser utilizados, como uma dramatização de uma cena de conversa entre piratas, inspiradas no romance e na HQ, ou outra cena escolhida pela turma. O professor pode orientar os estudantes a prestarem atenção às entonações possíveis para uma mesma frase, instigando a tomada de consciência desse aspecto linguístico e estimulando a

criatividade. Pode-se criar um projeto interdisciplinar, com os professores de História, Educação Física, Geografia e outros, culminando em um evento de apresentação das encenações.

5.2.3 Amarrando o fio dialógico: Terceiro Mote

Esse é o momento de colocar em cena o auxílio das ferramentas digitais. O professor, depois de pesquisar sobre a obra *Peter Pan e Wendy* (2018), poderá propor aos seus estudantes que eles pesquisem na internet quais outros gêneros textuais tenham relação com essa obra. Nossa sugestão de trabalho como leitura complementar da obra, estabelecendo uma relação dialógica, é com a canção no gênero musical Rythm and Poetry – RAP, produzida em português e intitulada de: *Tem tempo pra tudo menina ...*, de Samantha Machado & Groove Delight (2019) e que está disponível nas plataformas digitais de música:

Tem tempo pra tudo menina ...

Groove Delight, Samantha Machado

*Veja que pena essa moça bonita
Que ainda acredita que sabe o que quer
Calou-se acanhada num canto
Parado num ponto, manteve perdido o olhar*

*Pensa na vida, paixão infinita
Que desde pequena sente por viver
Tem tanto querer, mas há de entender
Tem tempo pra tudo, menina*

*Deixa de uma vez de ser só passageira
Do rumo que leva sua ambição
Deixa de pensar que tudo é brincadeira*

*Acho que isso é Síndrome de Peter Pan
Acho que isso é Síndrome de Peter Pan
Com força total pro meio do nada
Vai contrariada pelo que não é
Como ela esperava e decide ser livre
Leve, solta, longe do que cega a fé*

*Não se sente parte integrante do todo
E a zona de conforto é uma pedra no pé
Não vê quem não quer
Abre o olho mulher*

Tem tempo pra tudo menina
Tem tempo pra tudo menina
Tem tempo pra tudo menina
Deixa de uma vez de ser só passageira
Do rumo que leva sua ambição
Deixa de pensar que tudo é brincadeira
Acho que isso é Síndrome de Peter Pan
Pan
Pan
Não quer crescer
Acho que isso é Síndrome de Peter Pan
Pan
Pan
Não quer crescer

Acho que isso é Síndrome de Peter Pan
Acho que isso é Síndrome de Peter Pan
Acho que isso é Síndrome de Peter Pan
Acho que isso é Síndrome de Peter Pan

Veja que pena essa moça bonita
Que ainda acredita que sabe o que quer
Calou-se acanhada num canto
Parado num ponto, manteve perdido o olhar

Pensa na vida, paixão infinita
Que desde pequena sente por viver
Tem tanto querer, mas há de entender
Tem tempo pra tudo, menina

Depois de realizada a escuta da canção e a leitura da letra, o professor poderá solicitar que os estudantes discutam, entre si, perguntas como as que seguem:

- Vocês conhecem o gênero musical *rap*? Conhecem algum cantor ou cantora do gênero?
- O que acharam desse *rap*, já conheciam? Já conheciam as rappers Samantha Machado & Groove Delight?
- E da melodia, vocês gostaram?
- O que mais chamou a atenção de vocês na letra de canção?
- A qual personagem a canção se refere?
- Notaram alguma mudança em relação à obra *Peter Pan e Wendy*, 2018 de J. M. Barrie na canção de Groove Delight, Samantha Machado?

- Houve alguma repetição durante a canção? Qual seria a função da repetição?
- As autoras da canção utilizam algumas frases na canção como: “Que ainda acredita que sabe o que quer”; “Tem tempo pra tudo, menina”; “Deixa de pensar que tudo é brincadeira”; “Acho que isso é Síndrome de Peter Pan”; “Não se sente parte integrante do todo” e “Abra o olho mulher”. Por que ela se dirige a uma menina? Qual é o sentido dessas frases de acordo com o papel da mulher na atualidade?

Ao fazer essas indagações para discussão em sala de aula, o professor estará encaminhando os estudantes para um movimento de leitura crítica, com ênfase nas temáticas suscitadas pela letra. A partir das respostas apresentadas, o professor já consegue mapear os aspectos axiológicos apresentados por eles durante as discussões. Esse é um momento bastante profícuo, pois, a partir dele, é possível elencar o que será necessário abordar para que os elementos extraverbais façam parte das interpretações ao entrar em contato com a obra. Juntamente com os estudantes, é desejável que se ressalte a importância da entonação durante a escuta da música, do ritmo que acompanha, das repetições, observando o todo do enunciado que se trabalha.

Espera-se que o trabalho mediado pelo uso do FPELDD obtenha resultados e que, nas leituras de outras obras, os estudantes já consigam fazer esse percurso, indagando-se a respeito da entonação e seu papel, ampliando as possibilidades da leitura literária e da leitura do mundo que os cerca.

Apresentamos, neste capítulo, uma sugestão não estruturada para o trabalho com a leitura em sala de aula com ênfase nos aspectos entonacionais, cientes de que o romance oferece várias possibilidades, como se pode verificar no capítulo de análise, bem como os demais gêneros apresentados. Tal articulação com a HQ e o rap, na perspectiva dos multiletramentos, permite, a partir das relações dialógicas ali evidenciadas, ampliar o trabalho pedagógico, bem como o repertório cultural dos estudantes. A seguir, no capítulo final, trazemos as considerações finais sobre a pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caráter partilhado das avaliações principais subentendidas é o tecido no qual o discurso humano vivo borda os seus desenhos entoacionais.

Volóchinov, 2019

Como vimos ao longo de todo o texto da construção desta tese, para Bakhtin, é na interação verbal que a linguagem é constituída e a partir dos estudos dessa teoria foi possível compreender que essa constituição é resultado de muitos elementos que compõem a língua. Dentre os muitos aspectos apresentados na linguagem a entonação me chamou mais a atenção, pois esse é um dos tópicos abordados nos textos bakhtinianos por todos os membros que compunham o Círculo. Ela é utilizado nas obras com diferentes nomenclaturas e está imbricada diretamente com o que se denomina por elementos axiológicos, ou seja, com a avaliação valorativa que o falante faz sobre o objeto de sua fala, exprimindo juízos de valor, o que acontece através de um tom emocional, que nos leva diretamente à apreciação, ao terreno do ideológico e do vivencial, como enunciado na epígrafe acima de Volóchinov (2019, p. 124). Nesse sentido, senti-me totalmente à vontade por lidar com um aspecto que não é apenas linguístico, ou paralinguístico, como expressão sonora ou a representação do som na escrita por certas convenções e procedimentos textuais, mas sim *discursivo*, pois através da entonação os interlocutores vão poder constituir os sentidos na apreensão da totalidade de suas trocas dialógicas.

Essas trocas dialógicas, como apresentado na pesquisa, acontecem entre muitos personagens que compõem a história *Peter Pan e Wendy*, 2028 entre o autor e o leitor e, principalmente, entre um recorte temporal e o leitor. Isto posto, enquanto trocas dialógicas relacionadas ao contexto escolar, entendo que elas também devem acontecer entre professores e estudantes e todos aqueles que fazem parte da vida do aprendiz, pois o objetivo do ensino é desenvolver na vida deles as habilidades necessárias para que venham a se interagir com todos os quais venham a ter algum contato dentro e fora da escola. Nesse sentido a aplicação da entonação em trabalhos de leitura de obras literárias pode contribuir para a ampliação dos sentidos nela presentes, pois como vimos a leitura, mediada pelas obras literárias, tem como objetivo principal apresentar ao leitor todo um universo de informações das mais diferentes localidades, bem como de momentos do grande tempo vivido pelos autores e também a possibilidade de se estabelecer comparações com o mundo contemporâneo do leitor, ampliando sua compreensão do mundo que o cerca.

Nos estudos bakhtinianos, conforme levantado, ainda são poucos os trabalhos encontrados sobre o tema da entonação analisada em enunciados de obras literárias. Os trabalhos realizados sobre a entonação estão relacionados sobretudo ao estudo do livro didático, como é a tese de Bezerra, 2020 enquanto que o ímpar desta pesquisa é a exploração da entonação na obra literária. Ela não apenas, constitui um esforço teórico e aplicado e propositivo, como foi enunciado no início desse trabalho, já que nos aventuramos a pensar como seria um ensino tomando a entonação como um “fio dialógico”.

Nesse sentido é possível oferecer uma resposta, uma “contrapalavra” a nossa primeira indagação de pesquisa: Como o Círculo bakhtiniano desenvolve o conceito de entonação e quais as relações entre esse conceito e o arcabouço teórico que envolve os elementos axiológicos?

Entendo, pelas leituras, que a entonação faz parte da organização social na constituição da linguagem. Ao ser utilizada, a língua, inevitavelmente, apresenta a memória social e expõe a forma de expressar dos falantes dessa língua. Ao ser estudada, ela funciona como um verdadeiro diagnóstico de um dado recorte social, especialmente em obras literárias. Ela é a própria materialização da atitude avaliativa dos sujeitos, que utilizam uma língua em relação ao objeto, ou seja, em relação aos enunciados concretos utilizados para se posicionarem frente aos seus interlocutores.

Em relação à palavra, temos que a entonação tem o poder de reavaliá-la e, até mesmo, de reelaborá-la de acordo com o desejo de uso do sujeito, o que pode possibilitar sua reutilização em diferentes momentos do cotidiano dos falantes. Em situações de interação, ela pode promover a exauribilidade de um determinado tema, abrindo espaço para outras discussões.

Consoante discussões sobre a teoria da entonação, desenvolvida por Bakhtin e o Círculo, quando ela é utilizada em uma determinada situação de interação, no nosso caso, na relação entre leitor e autor, é, na verdade, o fio condutor que guia os sentidos produzidos durante o discurso, pois possibilita a ligação das palavras presentes nas obras com os comportamentos próprios do ser humano. Nesse sentido, a entonação está na fronteira entre o que se encontra escrito na obra (verbal) e o que não está explicitamente demonstrado (extraverbal), mas que também compõem os sentidos para a compreensão do todo dos enunciados ali considerados.

Durante a pesquisa foi assimilada, ainda, como o Círculo bakhtiniano desenvolveu o conceito de entonação e quais as relações desse conceito com os elementos axiológicos: o juízo, de valor, o tom emocional, a apreciação valorativa. Ao estudá-los, nota-se que os enunciados, ao serem produzidos, plasmas muito das relações que os sujeitos estabelecem, sejam nas relações de interação face a face quanto com as obras escritas por autores em diferentes

contextos históricos. Reaprendi o sentido do discurso, do discursivo e pude, com essa bagagem teórica, visitar a obra de J. M. Barrie, *Peter Pan e Wendy*, em sua tradução para o português de 2018, e assim melhor compreender os sentidos presentes em cada um dos enunciados selecionados pelo autor para sua construção.

Com esse movimento da aplicação da teoria, também foi respondida a questão: De que forma J. M. Barrie se utiliza da entonação para inserir sua voz autoral e desenvolver diferentes possibilidades de sentidos nos diálogos entre as personagens?

A análise realizada nos enunciados da obra revelou diferentes formas em que a entonação foi explorada por Barrie, de forma mais explícita, utilizando convenções da língua escrita, com o uso de interjeições, pontos de exclamação, interrogação, reticências ou onomatopeias; ou através de processos textuais como intercalação e repetições, uso de rubricas; outras vezes, a entonação traduzia as diferentes vozes, seja do narrador ou dos personagens, em seus mais diferentes aspectos: autoritarismo, irritação, doçura maternal, lamento, silêncio, ironia, entre outros, desvelando as vozes ocultas a partir do uso do discurso bivocal, como nos bem apontou Bakhtin e Brait. Para além, Barrie apresenta a possibilidade dos variados temas a partir da mesma expressão enunciada e entonada de tantas formas pela fada Tinker Bell: “sua mula velha”.

Encaminhando para a proposição, ao final desse estudo, foi efetuada uma discussão que achamos pertinente, a respeito da leitura literária e do papel da Literatura na nova Base Comum Curricular. Em seguida, foram elaboradas algumas atividades para responder à pergunta: Como se pode estruturar atividades de leitura para o Ensino Médio, a partir das múltiplas possibilidades de realização da entonação utilizando o romance *Peter Pan e Wendy*, 2028 e outros enunciados em diálogo?

Apesar de não serem apresentadas atividades estruturadas em seu formato, como unidade de didática, buscou-se partir de alguns achados obtidos durante a análise para propor aos professores algumas possíveis questões e atividades que possam ser feitas tendo a obra de Barrie como inspiração, e a entonação como fio dialógico, conforme sugerimos a partir da metodologia do Fio da Prática Educativa da Leitura pela Didática Dialógica. Mesmo ciente de que é uma ideia a ser aprofundada, acredito que seja totalmente exequível, no tempo e espaço da escola pública como se apresenta atualmente.

O diálogo com outros gêneros, como a HQ e o *rap* propiciaram, a meu ver, uma oportunidade de exercitar a dialogicidade, tendo a entonação ali presente em todos os textos e a sugestão de exploração dos temas relevantes pelo professor.

Ao final desse percurso da pesquisa doutoral, cheguei à conclusão de que são muitos os sentidos que os enunciados podem produzir, a partir das entonações diversas. Nas leituras das obras do círculo bakhtiniano, as descobertas foram muitas e, em relação à entonação, percebi que ela aparece com muitas definições, mas os autores estão sempre fazendo referência à premissa básica de sua compreensão sobre a linguagem – a interação verbal, ou seja, tudo depende do encontro entre os sujeitos socio-historicamente situados.

Entendi, ainda, que muitas são as contribuições feitas pelos estudos do Círculo, e relidas atualmente, têm colaborado de forma expressiva para muitas áreas do conhecimento, como a linguística e a linguística aplicada, em especial para a educação, trazendo subsídios para a melhoria do ensino de línguas nas escolas brasileiras. Dos muitos estudos com os quais entrei em contato, aquele que mais me chamou a atenção foi compreender e caracterizar a entonação dentro do conceito da axiologia. A investigação teórica reafirmou, para mim, o caráter heterogêneo e dialógico da linguagem, e isso pode ser demonstrado em diferentes gêneros, como visto pela análise dos enunciados da obra literária selecionada.

A partir das investigações teóricas, iniciais, nasce em mim a motivação de aprofundar os estudos e compreender como essa importante teoria pode ser aplicada no sentido de auxiliar a melhorar os índices negativos apontados pelas pesquisas sobre a leitura dos estudantes brasileiros, tanto no contexto interno, nacional, quanto no comparativo com o externo, internacional, pois enquanto professor e pesquisador já acompanho, desde o meu início de carreira, há muito tempo, com muita preocupação e inquietação enquanto professor de idiomas, em todas as escolas em que já lecionei que esse é um dos principais motivos para o estudante não ser tão exitoso no seu processo de aprendizagem. Entendo que a discussão sobre essa importante habilidade de leitura precisa ganhar mais espaço de discussão no cenário educacional para que a cada nova geração de estudantes se possa assegurar a ela o direito básico ao conhecimento e, com o apoio da literatura demonstrar as potencialidades que eles podem desenvolver ao aprender a ir além da simples decodificação dos signos apresentados em um enunciado.

Dada a relevância de se discutir sobre a aprendizagem de leitura espero que a proposta de trabalho com a leitura não estruturada seja colocada em prática o mais breve possível e, assim, assegurar que a leitura volte a ganhar o espaço devido na vida dos estudantes e que ela não se apresente como impositiva, mas como uma ferramenta capaz de incentivar os estudantes a buscar mais informações sobre os enunciados concretos selecionados por cada um dos autores que o professor selecionar para o contexto da sala de aula e, para além, que ela venha a despertar

o desejo de continuar a saciar a curiosidade guardada em cada uma das obras literárias que têm a capacidade de nos fazer viajar por muitos mundos sem dar um único passo.

Ao término da jornada, acredito ser importante, no âmbito dos estudos bakhtinianos, uma melhor compreensão sobre o caráter dialógico da linguagem constitutivo dos enunciados concretos para além de sua estrutura sintática, enquanto sistema linguístico das categorias gramaticais, pois essa perspectiva traz, também, a realidade social e ideológica em que os posicionamentos axiológicos se cruzam.

Sabemos que esse é um estudo sobre a problemática da leitura na educação brasileira que por hora o todo se completa neste estudo, por tudo o que fora apresentado ao longo desta tese e, portanto, cumpriu sua excelência neste contexto. Tenho certeza absoluta que ela será utilizada para os estudos sobre a entonação aplicada aos enunciados de uma obra literária e, portanto, seu aprofundamento nas próximas pesquisas que serão feitos com esse propósito, pois se faz necessário lançar luz sobre sua importância e, assim, alavancar os índices de aprendizagem da educação brasileira e seus desdobramentos em muitos outros estudos relacionados aos estudos linguísticos e literários, assim como fez, outrora, os estudos de Bakhtin e o Círculo. Abre-se, assim, uma infinidade de possibilidades de investigação a outros pesquisadores interessados na rica temática da entonação que os levará a resultados tão fecundos quanto este trabalho de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. **O professor de ensino médio e o seu olhar sobre a leitura e a escrita sobre a sua disciplina**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma Filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- _____. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Teoria do romance I: a estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015, p. 19-241.
- _____. **Problemas da Poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich & VOLOCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BARTHES, Roland. **Mythologies illustrées**. Par Jacqueline Guittard. Paris: Seuil, 2010.
- BARBOSA, Juliana Bertucci; BARBOSA, Marinalva Vieira. **Leitura e Mediação: reflexões sobre a formação do professor**. Campinas – São Paulo: Mercado das Letras, 2013.
- BARONAS, Roberto Leiser, R; TONELLI, Fernanda. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana**. Revista De Estudos Do Discurso, (6), 268–280, 2011. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/7286>. Acesso em 10 mar. 2024.
- BARRIE, James Matthew. **Peter Pan & Wendy**. Traduzido por Gabriel Naldi. Primeira edição. (Mundos Extraordinários; 2) Título original: Peter & Wendy. São Paulo: Mojo.org, 2018.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. *In*: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Editora da USP, 2003.

BRASIL. **Ministério da Educação**; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 09 02. 2024.

BECHARA, Evanildo Cavalcante. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECKETT, S. L. Crossover Fiction: creating readers with stories that address the big questions. *In* **Formar Leitores para Ler o Mundo** (pp. 65-76). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

BEMONG, Nele. **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas / Nele Bermong, et al.; tradução Oziris Borges Filho, et al. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BEZERRA, Jane Cleide dos Santos; ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro; MENEGASSI, José Renilson. A entonação valorativa na interpretação de leitura de crônicas. *In*. ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro; MENEGASSI, José Renilson. **Leitura e interpretação de valores em crônicas**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2022.

BEZERRA, Jane Cleide dos Santos. **A entonação valorativa em livros didáticos de português dos anos finais do ensino fundamental**. 2020. 227 f. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras- UEM, Maringá, PR, 2020.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2ª ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2008.

BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

BRAIT, Beth. O texto irônico: fundamentos teóricos para leitura e interpretação. *In: Letras. Revista do Mestrado em Letras da UFSM (RS)* [Propostas de Estudos Avançados em Linguística e Literatura.], V. 15, julho/dezembro, 1997.

BRAIT, Beth; MELO Roger. Enunciado/enunciado concreto/ enunciação. *In: Brait, Brait. (Org.). Bakhtin: conceitos-chave.* São Paulo: Contexto, 2005.

BUBNOVA, Tatiana. O que poderia significar o “Grande Tempo”? **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso** [online]. 2015, vol.10, n.2. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/23260/17073>, acesso em 11 maio 2024.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CANDIDO, Antônio. Literatura como sistema. *In: _____.* **Formação da Literatura Brasileira momentos decisivos, 1750-1880.** 10 ed. Capítulo 1. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006.

_____. Direitos Humanos e literatura. *In: A. C. R. Fester (Org.) Direitos humanos E... Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.* Disponível em: <http://homoliteratus.com/antonio-candido-o-direito-humano-literatura/>. Acesso em 12 mar.2023.

CANTALICE, Lucileide Maria de. **Ensino de estratégias de leitura.** Rev. Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. v. 8, n. 1 jan/junho 2004.

CZEREVATY, Paulo Cezar; ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro. Valoração e entonação no dialogismo do Círculo de Bakhtin. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, 2019 (<https://www.revel.inf.br/pt>).

COELHO, Isabel Lopes. **A representação da criança na literatura infanto-juvenil:** Rémi, Pinóquio e Peter Pan. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2020.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** Tradução de: Andar entre libros: la lectura literaria em la escuela. São Paulo: Global, 2007.

CORDEIRO, R. Q. F. A palavra. *In: Diálogos em verbetes: noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem.* PEREIRA, Sonia Virgínia Martins; RODRIGUES, Siane Goís Cavalcante [Org.] São Carlo: Pedro & João Editores, 2022.

CORDEIRO, V. M. R. **Itinerários de leitura no espaço escolar**. FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 13, n. 21, p. 95-102, jan./jun., 2004.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHEERBANT, Jean Chevalier Alain. **Dicionário de Símbolos**. Editora José Olímpio Ltda. Rio de Janeiro – RJ. 1982.

CUAMBA, Enísio Guilhermina; CIGARROS, Mauricio Bernardo. Uma análise bakhtiniana da propaganda audiovisual da cerveja Lauretiana Preta. **Revista Estudos em Letras**. V. 2 n. 1, jan-jun, 2021.

DAHLET, Véronique. A entonação no dialogismo bakhtiniano. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

DUKE, N. K.; PEARSON, P. D. Effective practices for developing reading comprehension. In: A. E. Farstrup & S. J. Samuels (Orgs.). **What Research Has to Say About Reading Instruction**. Newark: Internacional Reading Association. 2002.

ECO, Umberto. El lector modelo. In: **Lector in fabula La cooperación interpretativa en el texto narrativo**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FERNANDES, Cláudio. **Hieróglifos egípcios**. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/hieroglifos-egipcios.htm>. Acesso em 28 de julho de 2021.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um ponto de encontro possível. In BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

GUEDES, Niede da Rocha. **A carnavalização em charges com temática racista: uma análise dialógica**. 2022. 130f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco, Recife-PE, 2022.

GRILLO, Sheila. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. **Filol. linguíst. port.**, n. 14 (2), 2012.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2019.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, nº 19, 2002.

MATTOS, Luana de Souza. **Leitura em discurso**: uma proposta dialógica para análise da obra Peter e Wendy, de J. M. Barrie. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 9ª ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MARX, Karl. Instruções para os delegados do Conselho Geral Provisório. As diferentes questões. *In*: Marx; Engels. **Obras escolhidas**. Lisboa: Edições Avante! 1983.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários** - introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012.

MENEGASSI, Renilson José. A entonação valorativa em palavra escrita. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, 2022.

_____. Perguntas de leitura. *In*: MENEGASSI, Renilson José (org.) **Leitura e ensino**. 2ª ed. Maringá: Eduem, 2010. p. 167-189.

MENEGASSI, Renilson José; CAVALCANTI, Rosilene da Silva de M. Conceitos axiológicos bakhtinianos em propaganda impressa. **Alfa**. V. 57, nº 2. São Paulo, 2013.

MEZZARROBA, Orides; MONTEIRO, Cláudia Servilha. **Manual da metodologia em direito**. São Paulo: Saraiva, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa Qualitativa em Saúde. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

NASCIMENTO, Natália Rodrigues Silva do. **“Há muito tempo, em uma galáxia muito, muito distante...”**: análise dialético-dialógica do tom/da entonação da equipe autoral de um *fanfilme* de *Star War*. 2021. 170 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Lavras, 2021.

PADILHA, Simone de Jesus. [2020]. **Projetos de pesquisa - área de concentração:** estudos linguísticos: linha de pesquisa: práticas textuais e discursivas: múltiplas abordagens. Disponível em: <https://www.ufmt.br/ppgel/index.php?option=com_content&view=article&id=81&Itemid=284&lang=pt-br> Acesso em 15 set. 2020.

_____. Relendo Bakhtin: autoria, escrita e discursividade. Cuiabá: **Revista Polifonia**, 2011.

PAIXÃO, Sergio Vale da; MENEGASSI, José Renilson. Um estudo sobre o conceito axiológico de entonação no gênero discursivo publicação do Facebook. **Revista Texto Livre Linguagem Tecnologia e Ensino**. V. 13, no. 2 (julho 22, 2020): 17–31. Acesso em: 13 abr., 2024. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/24395>.

POLATO, Adriana Belmira Mendes; PRIORI, Claudia. Signos ideológicos e conceitos axiológicos: uma proposta interdisciplinar para a leitura de um adesivo obsceno. **Revista Cadernos de Linguagem e Sociedade**. Campo Mourão, SP, 17(2), 40–54. <https://doi.org/10.26512/les.v17i2.3997>, 2016. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/3997>, Acesso em 13 abr. 2024.

PONZIO, Augusto; MIOTELO, Valdemir. **A leveza da palavra**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana:** o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Tradução do italiano por Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ROSA, João Guimarães. **Tutameia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ROBINS, R. H. **Pequena História da Linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1997.

SANTOS, Eliane dos; SANTOS, Livia Mychelle Simplício; GAMA, Maria Genoveva de Oliveira; BEZERRA, Jane Cleide dos Santos. A entonação valorativa em perguntas de leitura a partir do gênero tirinha (**Anais VII. CONEDU – Congresso Nacional de Educação**, Maceió, Alagoas. Edição Online. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67599>>. Acesso em: 05 abr. 2024.

SANTOS, Jacira Fernandes dos. **A entonação e o sujeito: uma análise discurso-enunciativa sob a perspectiva da linguagem de Volóchinov e Bakhtin.** Proposta de artigo para conclusão de Curso de Letras da Universidade Federal de Passo Fundo, RS, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1994.

SILVA, J. Q. G. **Da enunciação ao enunciado: processos de discursivização na/da atividade da linguagem.** 2011. Disponível em <<http://www.ich.pucminas.br/posletras/04.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2024.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin.** Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6ª ed. Porto Alegre, 1998.

SILVEIRA, Luiz Fábio Beisiegel. **Curso de Semiótica Geral.** São Paulo: Quartier Latin, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poema.** São Paulo: Editora 34, 2019.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo: Editora 34, 2018.

_____. Discurso na vida discurso na arte (sobre poética sociológica). *In: Freudismo: a marxist critique.* [Tradução para o português de Cristovão Tezza, para uso didático (mimeo)]. New York: Academic press, 1976.

ZILIO, Fabiane Santos Eisele. **Elementos axiológicos da linguagem na prática de leitura em contexto do programa mais aprendizagem.** 2022. 123p. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual do Centro Oeste, UNICENTRO, Guarapuava-PR, 2022.

ZUNTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. **La letra y la voz de la literatura medieval.** Trad. Julián Presa. Madrid: Cátedra, 1989.

REVISTA ELETRÔNICA **BING.COM**. Disponível em:

<<https://www.bing.com/search?q=samantha+machado+tem+tempo+pra+tudo+menina++letra&FORM-HDRSC1>>. Acesso em: 27 jan. 2024.

REVISTA ELETRÔNICA **GLOSSÁRIO ELETRÔNICO** Disponível em:

<<http://linguagememinteracao.blogspot.com/2012/11/glossario-bakhtin.html>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

REVISTA ELETRÔNICA **LINGUAGEM EM INTERAÇÃO: TEORIA DIALÓGICA**

Disponível em: <<http://linguagememinteracao.blogspot.com/2012/11/glossario-bakhtin.html>>
Acesso: em 29 jul.2018.

REVISTA ELETRÔNICA **BAKHTINIANA**. Walter Ong. São Paulo, 2011. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/bak/v6n1/v6n1a16.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

REVISTA ELETRÔNICA **SÊNECA**. Disponível em: <Sêneca: lições para uma vida plena, serena e feliz - Revista Prosa Verso e Arte>. Acesso em: 04 jun. 2023

REVISTA ELETRÔNICA **TRIBUNAL JUDICIAL**. Mauro Utida. 2020. Disponível em <12 tirinhas de Mafalda sobre a visão crítica de Quino, que morreu nesta quarta (30) (tribunadejundiai.com.br)>. Acesso em: 15 set. 2023.

REVISTA ELETRÔNICA **POETRY FOUNDATION**. Disponível em: <The Road Not Taken by Robert Frost | Poetry Foundation>. Acesso em: 13 jul. 2023.

REVISTA ELETRÔNICA **DEPOSITPHOTOS**. Disponível em:

<depositphotos_77274016stock-illustration-sound-wave-icon-set.jpg (1024×1024) >. Acesso em 22 jul.2023.